

MAILDE JERÔNIMO TRÍPOLI

IMAGENS, MÁSCARAS E MITOS
"O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA NO
TEMPO DE MACHADO DE ASSIS."

UNICAMP

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

1997

MAILDE JERONIMO TRÍPOLI

IMAGENS, MÁSCARAS E MITOS.

**"O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA NO TEMPO DE
MACHADO DE ASSIS."**

Dissertação apresentada ao Curso
de Teoria Literária do Instituto de
Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como requisito
parcial para obtenção do título de
Mestre em Letras na Área de Teoria
Literária.

Orientador: Prof. Dr. Suzi F. Sperber

Franklin, 1999

UNICAMP

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

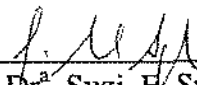
1997

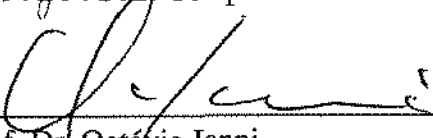
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

T737i Trípoli, Mailde Jerônimo
 Imagens, máscaras e mitos: o negro na li-
 teratura brasileira no tempo de Machado de
 Assis / Mailde Jerônimo Trípoli. -- Campi-
 nas, SP: [s.n.], 1997.

 Orientador: Suzi F. Sperber
 Dissertação (mestrado) - Universidade Es-
 tadual de Campinas, Instituto de Estudos da
 Linguagem.

1. Assis, Machado de, 1839-1908 - crítica
e interpretação. 2. Escravidão e escravos na
literatura. 3. Literatura brasileira - histó-
ria e crítica. I. Sperber, Suzi F. II. Uni-
versidade Estadual de Campinas. Instituto de
Estudos da Linguagem. III. Título.


Prof.^a Dr.^a Suzi F. Sperber - Orientadora


Prof. Dr. Octávio Ianni


Prof.^a Dr.^a Marisa P. Lajolo

Este exemplar é a redação final da tese

defendida por Maíla Ferreira

Tripele

e aprovada pela Comissão Julgadora em

13, 10, 97.

Prof. Dr. Suzi Frankl Sperber

Para René Brenzikofer,
amorosamente.

AGRADECIMENTOS

Na realização deste trabalho contei com o apoio e a colaboração de muitas pessoas que, de alguma maneira, estiveram comigo nesse percurso; gostaria de agradecer a todas elas e, em especial:

À Suzi Sperber, minha orientadora, pelo acompanhamento, pela confiança, por suas leituras, críticas e sugestões cuidadosas. Um carinho especial pela amizade que prezo muito.

Aos professores do I.E.L., pela condução no aprendizado da tecedura desta “rede de significantes” que é o discurso literário.

Aos colegas de curso, que se tornaram amigos, sobretudo, Márcia, Neli e Antônio Carlos.

Às amigas Paola, Silvia, Raquel, Simone, Fernanda e Luzia, pela manifestação de amizade num momento muito decisivo.

À Luzia, pela leitura e revisão.

À Sarah Brenzikofer, pela torcida e pela tradução do resumo para o inglês.

Ao Paulo Franchetti pelas discussões, pela disponibilidade, incentivo e amizade.

À Marisa Lajolo por todo carinho, confiança, incentivo, leitura e importantes sugestões.

Ao professor Octavio Ianni pela leitura atenta e preciosas sugestões por ocasião da qualificação.

Ao René, pela paciência, compreensão, presença e pela generosidade nos gestos e atitudes com que estimulou este trabalho.

Ao CNPq, pela bolsa concedida no período de março de 94 a agosto de 96.

SUMÁRIO

1. Introdução	11
2. Pelo Bosque das Histórias	
2.1. Um Passeio Pelo Bosque das Histórias (Algumas Considerações sobre a Escravidão no Brasil)	19
2.2. A Diferença e a Desigualdade (Uma visada sobre racismo e preconceitos)	41
3. Olhares e Pontos de Vista	
3.1. Uma História de Quilombolas (Um olhar em Perspectiva)	60
3.2. Romances Escravistas e Estereótipos	68
3.3. Escritor Abolicionista, Romance Nem Tanto	94
4. Machado de Assis	
4.1. Machado de Assis: Algumas Considerações	107
4.2. Machado de Assis e a Escravidão	118
4.2.1. Sabina, Uma Nífa Negra	147
4.2.2. E depois da Abolição...	170
5. Considerações Finais	177

6. Anexos

1. Cronologia	187
2. Crônica de Valentim Magalhães: [“Escravos no Brasil!?”]	191
3. Poema de H. Haine: “O Navio Negreiro”	193
7. Referências Bibliográficas	194
8. Summary	

RESUMO

O tratamento dado ao escravo na literatura brasileira, do século passado, é semelhante ao da literatura européia e norte-americana. Estando presente nos setores produtivos, mas não tendo sua importância reconhecida na sociedade, seu papel na ficção, quase sempre, foi o de coadjuvante ou pano de fundo. Com feição estereotipada, sua representação, em geral, não é individual, mas coletiva: a personagem negra, com frequência, encarna um tipo. Obviamente há exceções. A presença do escravo na obra de Machado de Assis é um ponto controverso. O escritor era mulato. Esse fato, sabemos, nada tem a ver com a qualidade, ou o reconhecimento de sua obra. Morto, entretanto, a cor do escritor foi o recurso usado na tentativa de arranhar-lhe o brilho. Machado é apontado como alguém que, para ascender socialmente, negou a própria raça, omitiu-se na luta pela liberdade dos escravos e não os incluiu em sua obra. Para melhor entender essa história e vislumbrar a face da personagem negra na obra do escritor, a dissertação inicia-se com uma retrospectiva da história da escravidão e, em seguida, a abordagem de alguns aspectos sobre racismo e preconceito. Em "*Olhares e Ponto de vista*", são analisados três romances contemporâneos da obra machadiana: *Uma História de Quilombola*, de Bernardo Guimarães; *As Vítimas Algozes*, de J. Manuel de Macedo e, *Mota Coqueiro*, de José do Patrocínio. O quarto capítulo é dedicado a Machado de Assis: algumas considerações sobre a sua história; a análise das personagens negras e ocorrências relacionadas à escravidão em alguns dos romances, contos e crônicas do escritor. A conclusão contraria a afirmação sistemática de absenteísmo e, sobretudo, confirma que na obra do escritor a personagem negra, nos moldes da ideologia escravista, não existe. Sua personagem, neste caso, não é um pobre coitado, vítima do sistema, ou um sujeito malvado, pela mesma razão. O negro, na obra de Machado de Assis, tem estatuto de sujeito. A preocupação do escritor era com o homem e a sua interioridade psicológica e moral. O escravo, antes de sua condição servil, é um ser humano; e assim era visto e retratado pelo escritor. Seu discurso não era inflamado, nem aliciador. Sua técnica não era a do confronto, mas a do desmascaramento. Machado construiu sua história escrevendo histórias, fez de sua experiência de vida, do seu conhecimento, o instrumento e a matéria para sua criação.

“A dissimulação é um dever
quando a sinceridade é um perigo.”

Machado de Assis

“Não se perde nada em parecer mau;
ganha-se quase sempre tanto como em sê-lo.”

Machado de Assis

“A paisagem depende do ponto de vista;
o melhor modo de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão.”

Machado de Assis

1. INTRODUÇÃO

Introdução

Eu sou eu. O outro é o outro. Entre essas duas afirmativas tautológicas existe a diferença. Diferença que assegura que eu não sou o outro e que este não sou eu. A diferença surge da noção de igualdade cuja referência é o “eu”. Se o outro não é meu espelho, não é igual a mim; conseqüentemente, isto pode gerar um estranhamento, afastamento, rejeição e despertar o instinto natural de autodefesa. Da noção de diferença nasce o etnocentrismo, em que prevalece como melhor, mais adequado e universal, o padrão de comportamento e os valores de um “eu” em detrimento do outro, ignorando-o pela diferença e negando-lhe o estatuto de alteridade. A escravidão perpassa este estatuto.

A Escravidão foi um fenômeno histórico que não começou no Novo Mundo, mas que aqui floresceu como planta em solo fértil, produzindo muitos frutos secos e amargos. Sua justificativa primeira, dissimulando o interesse econômico, foi a diferença e a inferioridade do sujeito a ser escravizado. Felizmente, não se tratando de um fato ou direito natural pode, ainda que a duras penas, ter seu fim decretado por uma lei. Os preconceitos e o racismo, por sua vez, são de caráter ideológico e psíquico: são passíveis de fomentação e introjeção, passam pelo emocional, pelo social e pelo cultural. Não podem ser eliminados por decretos ou leis.

A rejeição, manifesta contra a escravidão, levou os escravistas a buscar alternativas que justificassem a manutenção da instituição. Isto conduziu a uma exacerbação dos argumentos desqualificadores e de desprezo pelo homem negro, enquanto pessoa, com características diferentes do homem branco. Esse recrudescimento ideológico fomentou a criação de “doutrinas” raciais, a que Tzvetan Todorov denomina “racialismo”, cuja origem é o racismo, porém mais danoso. Sendo o racismo um “comportamento (...) de ódio e desprezo com respeito a pessoas com características físicas bem definidas e diferentes das nossas; um comportamento antigo e de extensão provavelmente universal”, e o racialismo, “um movimento de idéias nascido na Europa Ocidental cujo grande período vai de meados do século XVIII a meados do século XX”¹; em ambos os casos, o que está em questão é a afirmação do “eu” e a negação do outro.

Essas idéias, assim como os escravos, atravessaram o oceano e aportaram aqui. Assim como os negros, as idéias também se propagaram. A história dessa propagação, a representação dela, bem como de que forma nossos escritores a absorveram, estão presentes em obras literárias. Paul Ricoeur afirma que “a ficção é imitação (...) da ação, isto é, disto que já conhecemos como ação e interação no envolvimento físico e social.”² Ao buscarmos a personagem negra na literatura, objetivo deste trabalho, estamos também buscando a representação desta “ação e interação” do

¹ TODOROV, Tzvetan. - *Nós e os Outros: Reflexão Francesa sobre a diversidade humana*. p. 107.

² RICOEUR, Paul. - “L'Identité Narrative.” In. *Revue des Sciences Humaines*. N° 221

elemento negro na sociedade do seu tempo. Ivor A. Richards reflete que a arte não nasce do nada, mas de uma experiência individual, dentro de um determinado contexto histórico social.³ Considerando essa reflexão, sentimos que era necessário passarmos, ainda que a passos largos, pelo percurso da história da escravidão, de forma a nos situarmos no contexto sócio-econômico do período em estudo. Fazemos isto em *“Um Passeio Pelo Bosque das Histórias”* e *“A Diferença e a Desigualdade”*.

A participação histórica do autor, enquanto cidadão e sujeito do meio no qual escreve, é, na maioria das vezes, perceptível em sua obra. No caso da escravidão, por exemplo, mesmo sem ser biográfica, a obra nos oferece indícios dedutíveis de seu posicionamento em relação à ideologia vigente, se ele é um escravocrata ou abolicionista, por exemplo, com suas nuances e combinações possíveis. Naturalmente, não estamos nos referindo ao “eu” ficcional e sim ao posicionamento que assume o autor empírico, por exemplo, com relação às diferentes manifestações de valores estéticos, morais e culturais. Veremos isto analisado em *“Romances Antiescravistas e Estereótipos”*, *“Escritor Abolicionista, Romance Nem Tanto”* e *“História de Um Quilombola”*.

Para melhor compreensão do posicionamento do autor com respeito ao negro, trabalharemos com uma noção de identidade emprestada de Paul Ricoeur. Ao desenvolver seu ensaio, *“L’Identité Narrative”*, Paul Ricoeur busca esclarecer a ambigüidade semântica que existe na noção de

³ RICHARDS, I. A. - *Princípios de Crítica Literária*. Porto Alegre: Globo; São Paulo: EDUSP, 1967.

identidade, duas significações diferentes que se sobrepõem: “idem” (mesmidade) e “ipse” (ipseidade). A primeira, no sentido de idêntico, extremamente parecido, análogo. Seu contrário seria o diferente, mutável. No sentido de *ipse*, idêntico, um *si mesmo*. “*Un individu est identique à soi-même*”.⁴ Neste caso, o contrário seria o *outro*, o *estrangeiro*. O que entendemos aqui é que a identidade definida pela mesmidade passa pelo viés do olhar do outro. O semelhante não é o próprio, é o diferente. A identidade *ipseidade* caracteriza o sujeito da linguagem e do domínio da ação, a partir da perspectiva do próprio sujeito. É o próprio.

As teorias raciais e crenças etnocêntricas apregoavam uma hierarquia etnográfica na qual o negro ocupava o último grau da escala social. Assim, ainda que elemento integrante (juntamente com o branco e o índio) da civilização brasileira, era marginalizado. A literatura não o omitiu, mas sua voz e ação, muitas vezes, quando não apagadas, foram tolhidas, distorcidas, ou mascaradas. Sua presença em geral, se dá por tipos. O indivíduo representa o coletivo. Estereotipada, a imagem do negro, passa de dócil, infantil, fiel, subjugada a violenta, feroz, vingativa, demônio, em razão dos interesses do momento e contexto em que é inserido o estereótipo. A literatura espelha isto.

A identidade do negro, enquanto personagem literária, passava quase que somente pela *mesmidade*, posto não ser senhor da enunciação. O discurso a seu respeito variava (e ainda acontece assim) conforme o

⁴ Ricoeur. Paul. *L'Identité Narrative*. In. *Revue des Sciences Humaines*. Nº. 221.

posicionamento de quem escrevia: o escravocrata o apresentava como um beneficiado da “civilização” à qual fora trazido, livrando-se da escravidão cruel em sua própria terra e tendo sua alma salva, ao tomar conhecimento do Deus verdadeiro. A condição escrava era o baixo *preço* que o escravizado estaria pagando pela civilidade que recebia.

O discurso abolicionista ocorria em duas vertentes: o humanitário, que descreve o escravo como um sujeito explorado, sofrido, maltratado, digno e merecedor de reabilitação da condição humana e jurídica de sujeito; outro, o positivista, evolucionista, que vê na escravidão, conforme as idéias correntes de modernidade, o atraso e a impossibilidade de desenvolvimento do país. Neste caso, o escravo era o incapaz, o relutante, o preguiçoso, o de vida desordenada, cujo contato contaminava e degenerava.

Nesses discursos, a classificação não é estanque. Textos qualificados em uma das duas categorias, às vezes, trazem em seu interior pequenos deslizos do autor, que denunciam um posicionamento diferente do anunciado ou proposto. *As Vítimas Algozes*, de Joaquim Manoel de Macedo, a ser analisado, é um bom exemplo disto; embora se apresente como um libelo contra a escravidão, seu discurso é, ao mesmo tempo, antinegro. Torres-Homem, em seu ensaio contra a escravidão, relata que:

“[o escravo] não tendo motivação para o trabalho, abandona-se completamente ao pendor da inércia, e da preguiça, torna-se máquina obstinada, uma máquina difícil de conduzir. Os golpes do asurrague são ineficazes meios para substituir os estimulantes naturais do trabalho: a experiência de todos os dias tem mostrado,

que o escravo acaba por habituar-se aos suplícios os mais duros.”⁵*

Como se sabe, Torres-Homem, nosso Visconde de Inhomirim, era neto de escrava. Seu discurso contra a escravidão discorre com a mesma naturalidade sobre as desvantagens da instituição, quanto dos meios empregados para tirar dela maior benefício. Os suplícios não são rejeitados por serem desumanos, mas por serem ineficientes.

Não ignoramos, aqui, que a realidade brasileira exigia dos abolicionistas um discurso que privilegiasse o senhor em detrimento do escravo, mas o que se verifica é não haver, nessa conduta, o limite mínimo da preservação da natureza humana deste último. Isto, nem sempre ocorria, em razão até mesmo dos conflitos internos provocados pela proximidade das duas classes.⁶

Ao criar uma imagem do negro escravizado, baseando-se na concepção ideológica senhorial, o autor do discurso, de certa forma constrói, também, a sua própria imagem. Em oposição à selvageria, à indolência, à submissão, à promiscuidade, ele é a civilidade, a moral, a atividade, o domínio, a posse, a superioridade... ele é o que o outro não é. Sem se dar conta, talvez, de que nesta construção, ausentando-se o outro, a sua tão bem construída imagem deixa de existir. Veremos isto bem

⁵ TORRES-HOMEM, F. S. - *Sobre a Escravidão*. In Niteroy, *Revista Brasiliense: Ciências, letras e Artes*. p. 61. * (Grifo da autora).

⁶ Ver: AZEVEDO, Célia M. M. - *Irmão ou Inimigo: O escravo no Imaginário Abolicionista dos EUA e do Brasil*. P. 96-109.

elaborado no conto *O Espelho*, de Machado de Assis, analisado em “*Machado de Assis e a Escravidão*”.

Com este trabalho buscamos oferecer uma contribuição, ainda que pequena, no estudo da personagem negra, seu múltiplo processo de construção, sócio-histórico-literário, e nele, se possível, começar a desvelar a face da personagem negra na obra de Machado de Assis.

2 . PELO BOSQUE DAS HISTÓRIAS

**2.1.UM PASSEIO PELO BOSQUE DAS HISTÓRIAS:
Considerações sobre Escravidão no Brasil.**

**2.2. A DIFERENÇA E DA DESIGUALDADE:
Uma Visada Sobre Racismo e Preconceitos .**

Um Passeio Pelo Bosque das Histórias (Considerações sobre a Escravidão no Brasil)

A História da humanidade nos dá conta de quão velha é a instituição da escravidão. De certa forma, pode-se dizer que civilização e escravidão se apresentam sincronicamente na história.¹ Nem sempre, porém, esta instituição teve as mesmas características da vigente no Novo Mundo e sobretudo no Brasil.

Conforme Décio Freitas,² a escravidão nas sociedades primitivas, organizadas à base do parentesco e da linhagem, era do tipo patriarcal. O escravizado, geralmente prisioneiro de guerra, pertencia à comunidade e servia para suplementar a força de trabalho da mesma. A diferença fundamental é que senhores e escravizados trabalhavam e produziam juntos.

Na antigüidade arcaica, nas sociedades divididas em classes ou castas, a escravidão, apesar de assumir formas "inauditamente cruéis",³ não representava a base de produção social.

"Juridicamente, este escravo da antigüidade arcaica ocupava na

¹ Ver : FREITAS, Décio. - Escravismo Brasileiro. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

² FREITAS, OP.Cit., p. 12.

³ FREITAS, Op. Cit., p.13.

*sociedade um lugar intermediário entre as pessoas e os bens. Não podia o amo dispor dele arbitrariamente como uma coisa. No aspecto econômico, a característica desta escravidão consistia em que a produção social não se baseava no trabalho escravo."*⁴

Foi do modelo greco-romano que surgiu a escravidão instituída na América. Inicialmente, gregos e romanos conheceram a escravidão patriarcal. Depois criou-se uma concepção jurídica da escravidão e o "escravo tornou-se homem-coisa, propriedade total e ilimitada do senhor". O sistema escravista começou a decair por volta do século IV e foi substituído pelo sistema feudal.

Isto não representou, no entanto, o fim da escravidão. O sistema sobreviveu, primeiro nos Estados Germânicos da Alta Idade Média, abastecendo-se graças às guerras entre cristãos, ao tráfico de gauleses, bretões e saxões e, também por dívidas, conforme prescrevia a instituição romana. Por volta do século IX, desaparece do oeste europeu, mas viceja na periferia marítima, sobretudo na Grã-Bretanha. Em síntese, a escravidão persiste e chegamos ao século XV com os venezianos traficando cristãos para o Estado Turco e os portugueses, ao ver findar a fonte de escravos mouros, voltam-se para a dos africanos que, posteriormente, será introduzida no Brasil.

⁴ FREITAS, Op. cit., p. 13.

No Brasil, o regime escravocrata começa imediatamente após a descoberta; não com os escravos africanos, com que o sistema irá se firmar mais tarde, mas com os índios nativos da terra. Em princípio, o trabalho era conseguido de forma “amigável”, através do escambo. Quando isto não mais funciona, os índios passam a ser caçados, aprisionados e forçados a trabalhar na lavoura e nos primeiros engenhos.

Embora a escravidão indígena tenha persistido por muitos anos, ela não foi considerada suficiente para satisfazer as necessidades da colônia. As razões foram diversas. Os índios de algumas tribos eram originalmente seminômades e dedicavam-se à caça e à pesca. Eram, portanto, refratários ao trabalho agrícola e ao sedentarismo que lhes impunham os homens brancos dominadores.

A ocorrência de surtos epidêmicos e a destribalização progressiva estancaram pouco a pouco os meios de reprodução dos grupos tribais, inviabilizando o necessário suprimento de mão-de-obra. Além disso, os índios, habituados à liberdade, estavam em seu meio natural, no qual podiam locomover-se com muito mais facilidade que os brancos, dificultando a estes a captura de novas presas ou a recuperação dos fugitivos, situação claramente descrita por Magalhães Gandavo:

“... e huma das cousas porque o Brasil não florece muito mais, he pelos escravos que se alevantarão e fugirão pera suas terras e

fogem cada dia: e se estes índios não forão tam fugitivos e mudaveis, não tivera comparação a riqueza do Brasil."⁵

Na visão do colonizador, o país só não é mais rico por causa da falta de mão-de-obra disponível. Ou melhor, a riqueza existe e os exploradores só não se beneficiam melhor dela por falta da mão-de-obra braçal para explorá-la. O índio escapa-lhes ao controle, por isso buscam uma solução alternativa.

As expectativas voltam-se, então, para a escravidão da raça negra que, em Portugal, já era fato consumado desde 1441. Aliás, os principais países da Europa (Inglaterra, França, Espanha, Holanda e Portugal) não só a autorizavam e sancionavam, mas dela usufruíam os lucros. Eram idéias correntes:

- ser natural e legítima a escravidão dos que não pertenciam à cristandade e que eram inimigos declarados;
- já serem os africanos escravos em seus países de origem;
- a escravidão representar a forma de resgate das almas dos pagãos, os quais aprisionados recebiam o batismo e eram educados na lei cristã.

Em resumo, foi nestes termos que os colonizadores brasileiros lançaram mão dessa alternativa, para solucionar o problema da mão-de-

⁵ GANDAVO, Pero de Magalhães. - *Tratado da Terra do Brasil*. P. 44.

obra, não apenas nas plantações mas em todas as áreas de trabalho, proporcionando-se um suporte de auto-suficiência.

Assim, começa a história do africano no Brasil, designado pelo termo "negro" que, aliás, era sinônimo de escravo. Mesmo os índios, quando escravizados, eram denominados "negros da terra."⁶

Embora já se registre a presença de negros africanos no Brasil logo após o seu descobrimento, a entrada sistemática deles só se dá um pouco mais tarde. Não se sabe em que data exata. Em 1585, segundo carta de José de Anchieta ⁷, já havia em Pernambuco sessenta e seis engenhos de açúcar e dez mil escravos de Guiné e Angola; na Bahia, quarenta e seis engenhos e três mil escravos africanos. Sua função era garantir o desenvolvimento da cana-de-açúcar no Nordeste e, conseqüentemente, suprir a demanda de mão-de- obra.

Durante muito tempo, poucas foram as manifestações contrárias ao regime escravista ocorridas em todo o mundo, mas estas eram tão isoladas que se perdiam em meio à profusão e aceitação coletiva do sistema. No Brasil, os jesuítas questionaram, inicialmente, a legitimidade da escravização dos índios, praticada pelos colonos de forma devastadora e

⁶ Sobre o assunto, ver a tese de CASTRO, Hebe M. da C. Mattos G. de. *A Cor Inexistente: Os Significados da Liberdade no Sudeste Escravista (Século XIX)*. Ver, também, MONTEIRO, John - *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*.

⁷ ANCHIETA, José de - *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões*. p. 418-21.

genocida. Deste fato temos notícia através de uma carta do Pe. Vieira ao rei de Portugal, D. Afonso VI, em abril de 1657:

“... Em espaço de quarenta anos se mataram e se destruíram por esta costa e sertões mais de dois milhões de índios, e mais de quinhentas povoações como grandes cidades, e disto nunca se viu castigo. Proximamente, no ano de 1655, se cativaram no rio das Amazonas dois mil índios, entre os quais muitos eram amigos e aliados dos Portugueses, e vassalos de Vossa Majestade, tudo contra a disposição da lei que veio naquele ano a este Estado, e tudo mandado obrar pelos mesmos que tinham a maior obrigação de fazer observar a mesma lei...”⁸

A reação dos jesuítas não significava que eles fossem contrários à escravidão, propriamente dita, mas eram contrários ao modo como ela era praticada contra os índios. Seus planos eram catequizar os nativos e construir comunidades indígenas cristãs. Convertidos ao catolicismo, os índios, em sua maioria, submetiam-se à disciplina imposta pelos padres, trabalhavam coletivamente na produção agrícola e no artesanato. A escravidão negra, entretanto, tinha uma aceitação generalizada.

“... digo que se sua Alteza nos quisesse mandar dar uma boa dada de terras, onde ainda não foi dada, com alguns escravos de

⁸ “Carta ao rei D. Afonso VI, 1657, 20 de abril.”, in VIEIRA, - *Cartas*. Vol. I, ed. de João Lúcio de Azevedo, Coimbra, 1925. Apud. CANDIDO, Antonio & CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. p. 68.

Guiné, que façam mantimentos para esta casa, e criem criações, e assim para andarem em barco, pescando e buscando o necessário, seria muito acertado, e seria a mais certa maneira de mantimentos desta casa. Escravos da terra não nos parece bem tê-los por alguns inconvenientes. Destes escravos de Guiné manda ele trazer muitos à terra. Podia-se haver provisão para que dos primeiros que viessem nos desse os que Sua Alteza quisesse..."⁹

Uma aceitação generalizada é o que manifesta, também, a "consciência social" espelhada nas obras literárias dos séculos XV a XVIII, conforme conclui Ronaldo Vainfas, em seu livro, *Ideologia e Escravidão*. Nele, Vainfas analisa o fluxo das idéias manifestas nos textos de autores do período colonial, como Pe. Vieira, Antonil, Jorge Benci e Manoel Ribeiro da Rocha. O estudo mostra que as letras coloniais, no seu início, pouco trataram da escravidão, predominando um registro aleatório e a menção eventual. O que, segundo o autor, caracteriza a despreocupação da classe senhorial, para quem a escravidão seria um "fato natural e não um fato social."¹⁰

Vistos como coisa, os escravos eram o instrumento de trabalho necessário para o desenvolvimento da colônia e acomodação dos

⁹ "Carta de Manuel da Nóbrega ao Pe. Miguel Torres, em 2 de setembro de 1557." In: LEITE, S. - *Novas cartas Jesuíticas*. P. 67-8. (Ortografia atualizada).

¹⁰ VAINFAS, Ronaldo. *Ideologia e Escravidão: Os letrados e a Sociedade Escravista no Brasil Colonial*.

colonizadores. Para alguém ser honrado e respeitado era necessário ter escravos.

“As pessoas que no Brasil querem viver tanto que se fazem moradores da terra por pobres que sejam, se cada um alcançar dois pares ou meia dúzia de escravos(...) logo tem remédio para sua sustentação porque uns lhes pescam e caçam, outros lhes fazem mantimentos e fazenda. E assim, pouco a pouco enriquecem os homens e vivem honradamente na terra com mais descanso que neste reino.”¹¹

E tinha-se escravos não só pelo patrimônio, pela propriedade, mas também porque os ibéricos, segundo Sérgio Buarque de Holanda, tinham uma *invencível repulsa* pela moral fundada no culto ao trabalho. “A *inteireza, o ser, a gravidade, o termo honrado, o proceder sisudo*, atributos que ornaram e engrandecem o nobre escudo, segundo o poeta português Francisco Rodrigues Lobo, representam virtudes essencialmente inativas, pelas quais o indivíduo se reflete sobre si mesmo e renuncia modificar a face do mundo. A ação sobre o universo material implica submissão a um objeto exterior, aceitação a uma lei estranha ao indivíduo. Não é uma exigência de Deus, pois nada acrescenta à sua glória e não aumenta a dignidade humana. Pode-se dizer, ao contrário, que a prejudica e avilta. O trabalho mecânico visa a um fim exterior ao homem...”¹²

¹¹ GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Província do Brasil*. (Reprodução fac-similar) p.132/3.

¹² HOLANDA, Sérgio Buarque de - *Raízes do Brasil*. P. 12/13.

Estranhamente este mesmo "trabalho" é declarado como recurso para a redenção dos pagãos escravizados. Como se vê, o discurso ideológico faz uso de uma retórica religiosa e viabiliza que um mesmo Deus exija trabalho de uns e não de outros, ambos os casos em nome da dignidade e da elevação do espírito.

Mesmo em meio ao "registro aleatório" e à despreocupação da classe senhorial no que dizia respeito à escravidão, a literatura colonial revela alguns registros de consciência de fundamental importância: um, segundo Vainfas, foi o dos cronistas de Palmares, ao admitirem a rebelião dos escravos como um fato consumado. Nessa situação, o escravo passa a ser "inimigo" social, representa uma ameaça, é capaz de fugir, agredir, saquear, matar. E, é esta a imagem que prevalece, posteriormente, em alguns discursos abolicionistas, revelando uma não completa ruptura com o sistema escravocrata.¹³ Na medida em que as insurreições ou crimes individuais de escravos contra senhores aconteciam, ficava mais forte essa imagem de escravo inimigo.

Um outro registro foram as obras dos jesuítas que buscavam legitimar as relações escravistas e construíram normas relacionadas ao trabalho escravo, seu sustento, sua educação, punição e outros aspectos pertinentes. Merece destaque, aqui, o *"Etiope Resgatado, Empenhado,*

¹³ Ver a respeito, AZEVEDO, Célia M. Marinho de.- *Irmão ou Inimigo: O Escravo no Imaginário Abolicionista dos Estados Unidos e do Brasil*. In. *Revista USP* N. 28, p. 96-109.

Sustentado, Corrigido, Instruído e Libertado",¹⁴ de Manoel Ribeiro da Rocha.

Nele, o autor, fundamentado na Bíblia, discute as práticas do tráfico escravo, trata dos cuidados e do sustento do escravo:

*"Por Isaías cap. 58 vers. 7, manda Deus que cubramos os despidos e não desprezemos quem é de nossa carne; (...) O corpo de escravo ou do doméstico é como parte do corpo do senhor; e por isso assim como se envergonharia o senhor, se ele próprio aparecesse na rua tão mal vestido, assim se deve envergonhar, de que nessa forma seja visto seu escravo; porque tudo vale o mesmo..."*¹⁵

Afirma que a compra dos cativos não dá aos senhores o domínio absoluto, mas apenas o direito de penhor, podendo estes recuperar sua liberdade através do trabalho (vinte anos, no máximo), ou pagando ao senhor o preço de sua redenção. Propõe, ainda, que os filhos das escravas nasçam livres, embora sob condição de servirem e obedecerem aos seus senhores até uma certa idade. Até mesmo uma regulamentação para os castigos, encontra-se no livro:

"... quando tiverem já experiência de não lhes ser bastante para esse efeito a palavra (...)o castigo não se deve ministrar com

¹⁴ ROCHA, Manoel Ribeiro da. *Etiópe Resgatado, Empenhado, Sustentado, Corrigido, Instruído e Libertado*. Petrópolis: Vozes, 1992.

¹⁵ ROCHA, Manoel Ribeiro., Op. Cit. 81.

cólera e furor, senão com brandura e caridade, (...). Acresce ainda aqui a condição de pessoa, que embora seja escrava por sua condição, contudo é criatura humana e igual no direito natural a seu senhor."¹⁶

Wilson Martins, em *História da Inteligência Brasileira*, menciona a obra de Manoel Ribeiro Rocha e a classifica como uma "*fórmula ao mesmo tempo jurídica e econômica de extinguir a escravidão*"¹⁷ opinião de que discorda Paulo Suess, responsável pela "Introdução Crítica" do *Etíope Resgatado*, na sua reedição de 1992. Segundo Suess, a obra não pode ser considerada abolicionista pois, nem mesmo reivindica a extinção do tráfico negreiro; pelo contrário, propõe sua continuação.

Concordamos com Wilson Martins e com aqueles que a consideram proto-abolicionista. Conforme observado acima, é preciso não nos esquecermos que o livro foi escrito em 1758, quando, em Portugal, o tráfico negreiro não tinha sido extinto ainda, e a Lei do Ventre Livre só ocorreria em 1773. A declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, na França, só acontece em 1789. Ficando, portanto, difícil negar que o livro de Manoel Ribeiro, no mínimo, acena com idéias emancipadoras.

É preciso considerar, ainda, a realidade da época e o fato de que as idéias do autor, ao menos em essência, não iam ao encontro da classe

¹⁶ ROCHA, Manoel Ribeiro.. Op. Cit., cap. V., p. 90 - 106.

¹⁷ MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. Vol. 1, p.383/4 e Vol.2 p. 104.

dominante. Além disso, Suess mesmo nos informa que aqueles que ousaram declarar-se abertamente contra o sistema, ou questioná-lo, pagaram por isso um alto preço, a remoção e, até mesmo, a prisão.

O fato da obra não ter tido repercussão nos meios governamentais, nem exercido impacto na opinião pública, não modifica a essência do seu conteúdo que era ousadamente humanitário para sua época. Aliás, a indiferença evidencia tanto a base ideológica escravista, como a exploração do escravo negro ou índio tida como imperativa e sem restrições.

O *Etiópe Resgatado* é mais uma obra que se inclui no rol das chamadas “obras informativas”, sem grandes pretensões literárias. Interessa-nos, entretanto, por seu assunto específico e, principalmente, porque não será antes da segunda metade do século XIX que o escravo africano e seus descendentes passarão a ter espaço dentro da literatura de forma mais concreta. Nem mesmo os atos heróicos e as vitórias na luta contra os invasores holandeses, em Pernambuco, tornaram o africano escravo, uma figura de destaque.

Naquela ocasião, Henrique Dias, negro, comandante de um grupo de soldados igualmente negros consegue com bravura e habilidade vencer algumas batalhas contra os invasores. Como recompensa, ele é homenageado pelo rei de Portugal. Seus feitos são narrados em alguns versos no poema *Caramuru*, de Santa Rita Durão. Não se tornou,

entretanto, tema ou motivo de inspiração para o imaginário literário do período, o que viabilizaria ao negro um belo papel de protagonista.

Outra figura negra de destaque na História da Escravidão, que poderia ter inspirado nosso imaginário, foi Zumbi, líder do mais importante aldeamento de negros livres, o Quilombo dos Palmares¹⁸; situado na região de nome igual, Palmares, uma área localizada entre os atuais estados de Alagoas e Pernambuco.

A guerra entre os portugueses e os holandeses invasores desorganizou a vida dos engenhos na região, propiciando o aumento das fugas de escravos que se refugiavam nos mocambos, aldeias que formavam o quilombo. Esta comunidade era formada por negros, mestiços e índios, homens que se pretendiam livres e que, organizados, produziam seu próprio sustento, além de produtos artesanais para uso próprio e comercial.

O quilombo representava uma ameaça à estrutura da sociedade colonial, incentivava as fugas e rebeliões, além de provocar pavor com a possibilidade de assaltos e saques às fazendas dos arredores. Tudo isto explica os constantes ataques contra os acampamentos.

Palmares surge por volta de 1600 e é combatido desde o princípio. Resiste, bravamente, mesmo quando os ataques são intensificados. Zumbi é

¹⁸ Quilombos eram aldeamentos, estabelecidos em lugares de difícil acesso, nos quais os escravos se abrigavam, fugindo à repressão dos senhores.

o líder deste quilombo desde 1675, sucessor de Zumba Ganga (Grande Senhor). Suas estratégias possibilitam a vitória contra inúmeras expedições enviadas para invadir o quilombo. Somente em 1695, após anos de resistência, traído por um homem de sua confiança, Zumbi é morto e Palmares destruído.¹⁹

Hoje, Zumbi é considerado o maior herói da raça negra, no Brasil. A data de sua morte é, também, comemorada como o dia da consciência negra. Entretanto, foi preciso passar mais de um século para que a literatura nos desse uma história sobre quilombos, o romance *“Uma História de Quilombolas”*, de Bernardo Guimarães, do qual trataremos no próximo capítulo.

Somente após a vinda de D. João VI para o Brasil é que as pressões para o fim do tráfico ficaram mais fortes no país. Principalmente, por parte da Inglaterra que abolira o tráfico em suas colônia (1807), e começa a exigir o mesmo dos outros países, entre os quais estava incluído Portugal.

Em 1823, José Bonifácio de Andrade e Silva redige um projeto visando melhorar as condições de vida dos escravos. Entre suas propostas inclui o prazo de cinco anos para término do tráfico negreiro; o direito do escravo de se alforriar indenizando o seu senhor ao preço em que fora comprado; a viabilização da libertação gradual; proibição de separar mãe

¹⁹ A respeito ver: FREITAS, Décio. *A guerra dos Escravos*. Porto Alegre: Graal, 1982.

escrava de seus filhos menores de 12 anos; obrigação do senhor de sustentar o escravo muito velho ou doente que fosse alforriado. Seu projeto não chega a ser votado, pois Bonifácio, ameaçado de prisão por intrigas políticas, exila-se do país.

Apesar do empenho, malgrado toda pressão e acordos fechados com os Ingleses (1815, 1817, 1823) o tráfico só será abolido realmente em 1850. Antes disso, é firmado um acordo em 1831, estabelecendo normas para o fim do comércio negreiro. Este acordo é desrespeitado até mesmo pelas autoridades oficiais. Segundo fontes históricas, nunca entraram tantos escravos no país quanto nesse período.

Em 1839, no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, a sessão do dia 16 de fevereiro tinha como tema: se a introdução dos escravos africanos no Brasil era danosa para a civilização dos nossos índios, pois dispensava-lhes o trabalho, que era, então, todo confiado aos escravos negros. “*Neste caso qual é o prejuízo que sofre a lavoura brasileira?*”²⁰ O assunto foi desenvolvido pelo cônego Joaquim de Cunha Barbosa que, baseando seus argumentos em Pe. Manuel da Nóbrega, Vieira e um economista europeu (cujo nome não cita), refuta a escravidão africana, sob o argumento de que ela não favoreceu a civilização dos índios, nem a sua própria, nem aos progressos da indústria nacional, cujos danos aí resultados são conhecidos. Polemizando, um outro sócio, José Silvestre Rebello, na sessão seguinte,

²⁰ Cf. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Tomo 1. No. 3, p. 123-33.

defende a manutenção da escravidão argumentando que “homens diferentes são próprios para diferentes coisas...”, acrescentando que os problemas enfrentados pela agricultura e indústria nacional eram gerados pela ignorância dos feitores que comandam os escravos.

A peça teatral, *O Inglês Maquinista*²¹, escrita em 1842, faz referência ao tráfico escravo após a lei de 1831 e aos recursos usados pelos traficantes para fugirem à vigilância dos navios ingleses e da guarda brasileira. A fala de algumas personagens revela a existência de “autoridades condescendentes”, em certos pontos da costa brasileira, o que viabilizava descarregar o contrabando e burlar a lei.

Em 4 de julho de 1850, entretanto, a lei nº 584 estabelecia novas medidas para a repressão do tráfico e corrigia as falhas da lei anterior. Entre outras, retirava do júri a competência para julgar as infrações à nova lei; passando tal responsabilidade à Marinha. Proibia-se, ainda, que os africanos recuperados do tráfico ilegal, fossem entregues a particulares, como ocorrera até então. Tal proibição se justificava porque os primeiros recuperados acabaram sendo escravizados e não deportados de volta à África, conforme fora determinado.

Mais uma vez, o teatro de Martins Pena se faz documento. Em uma das cenas de “*O Inglês Maquinista*” temos o relato de como ocorre uma das

²¹ PENA, Martins Luís Carlos. - *Os Dous* ou *O Inglês Maquinista*. In MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. - *Martins Pena e sua Época*. São Paulo: Lisa/MEC, 1971.

situações que a Lei de 1850 pretende evitar:

“Clemência - ... A propósito, já lhe mostrei o meu meia-cara, que recebi ontem da Casa da Correção?

Negreiro - Pois recebeu um?

Clemência - Recebi sim. Empenhei-me com minha comadre, minha comadre empenhou-se com a mulher do desembargador, a mulher do desembargador pediu ao marido, este pediu a um deputado, o deputado ao ministro e fui servida.

Negreiro - Oh! Oh! Chama-se isto transação. Oh! Oh!

Clemência - Seja lá o que for, agora que o tenho em casa, ninguém mo arrancará. Morrendo-me algum outro escravo, digo que foi ele.

Felício - E a minha tia precisava deste escravo, tendo já tantos?

Clemência - Tantos? Quanto mais melhor. Ainda eu tomei um só. E os que tomam aos vinte e aos trinta? Deixa-te disso, rapaz. Venha vê-lo, sr. Negreiro.”²²

Cara metade era a denominação dada aos negros recuperados de navios negreiros que entravam ilegalmente na costa brasileira. Na impossibilidade de enviá-los imediatamente de volta à África, eles ficavam em um depósito público até a data de partida. Na realidade o que ocorria é que estas pessoas eram entregues a particulares, sob pretexto de prestar algum serviço enquanto não eram devolvidas e acabavam escravizadas. Com artimanhas, como a de Clemência, substituindo o primeiro escravo

²² MARTINS PENA. *O Teatro de Martins Pena: Comédias*. Rio de Janeiro: MEC./ INL, 1956. p. 98-9.

morto pelo meia-cara e dizendo que este é quem teria morrido, o tráfico negreiro, proibido, prosperava.

Após a abolição do tráfico, as tendências emancipadoras começaram a se evidenciar mais fortemente. Em 1852, a Sociedade contra o tráfico de Africanos e Promotora da colonização e Civilização dos Indígenas oferece um anteprojeto que visa à liberdade dos nascituros. Esse projeto era a semente para a lei do ventre livre que, como tal, já havia sido decretada, em 1773, em Portugal, mas não estendia os benefícios aos escravos de suas possessões na América e na África.

As mais diversas propostas emancipadoras surgem no período: desde a abolição imediata a prazos de 10, 15, 25, 30 anos. Os escravocratas reagem violentamente a elas. Os argumentos em que se fundamentam são os riscos de desordens econômicas e da alteração da ordem pública que a libertação acarretaria. Isto, sem mencionar que o país estava em guerra com o Paraguai. Aliás, guerra em que os escravos tiveram presença marcante e atuação decisiva. Deste último fato resultam contribuições significativas para a luta abolicionista: uma, o decreto do Imperador concedendo liberdade gratuita aos escravos de nação que pudessem servir no exército e estendendo esse benefício às mulheres daqueles que fossem casados. Outra, foi a atitude dos militares que, após a guerra, recusam-se a continuar perseguindo escravos fugidos, atividade que até então exerciam.

Esta decisão dos militares representa um aspecto importante no processo, que é a questão da alteridade/ identidade. Enquanto escravos, os negros eram tidos como bens semoventes, passíveis de resgate e punição, pelo direito de propriedade, caso fugissem. Ao participarem da guerra, foram alçados a uma condição de igualdade com os demais combatentes que dela participavam. A partir deste momento, partilhando riscos e dificuldades em defesa de um mesmo ideal, os escravos puderam mostrar-se como sujeitos, seres humanos, que eram. Essa convivência resgata-lhes a identidade e propicia-lhes a solidariedade manifesta na recusa de caçar e capturar os negros fugidos.

Em 15 de setembro de 1869, foi transformado em Lei, referendada por José de Alencar, o projeto contrário aos leilões de escravos, ficando, assim, determinado que todas as vendas de escravos sob pregão e em exposição estavam proibidas. Como as outras, essa lei também seria burlada inúmeras vezes.

Em 28 de setembro de 1871, é sancionada a lei 2040, que determina o seguinte:

*"Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos de Nação e outros, e providência sobre a criação e tratamento daqueles menores e sobre a libertação anual dos escravos."*²³

²³ Quinhões, Trajano. "A Abolição da Escravatura". In: Silva, Martiniano J. - *Racismo à Brasileira*. p. 283.

Mas o que parecia ser uma grande vitória, decepcionou. Os contrários à Lei buscavam, por todos os meios, burlá-la. Muitos dos que eram a favor, acreditaram de tal forma em sua eficácia que relaxaram, considerando que não havendo mais tráfico, nem nascimento de escravos, o fim da escravidão estava decretado.

Sobre a lei de 1871, manifestava-se Joaquim Nabuco:

*“... foi um passo gigante dado pelo país. Imperfeita, incompleta, impolítica, injusta, e até absurda, como nos parece hoje; essa lei foi nada menos do que o bloqueio moral da escravidão. A única parte definitiva e final foi este princípio: **Ninguém mais nasce escravo.** Significava o fim da escravidão em meio século.”²⁴*

As palavras de André Rebouças, escritas em 1874, anteriores às de Joaquim Nabuco, retratam um quadro menos animador:

“Em matéria de emancipação, temos uma lei falha e manca, triste e, arrastadamente executada, e nada mais.

Nas arcas do tesouro existem 4000 contos do fundo de emancipação por qualquer pretexto fiscal. Quatro mil homens ainda escravos por qualquer relaxação administrativa. Até hoje, 3 anos depois da lei, nem a mínima providência sobre a educação dos

²⁴ NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. São Paulo: IPE, 1949. (1 ed. 1883) Grifo do autor.

ingênuos e dos emancipados."²⁵

Percebe-se nestas palavras que se almeja mais que a simples libertação dos escravos, há uma consciência da necessidade de prepará-los para usufruírem da nova situação. Mas, também está dito que isto ainda não estava acontecendo, apesar da Lei.

A constatação da ineficácia da Lei, burlada com frequência, conduz a luta a uma nova e definitiva etapa. Não se pretende mais a emancipação lenta e gradual, busca-se o fim definitivo da escravidão. A luta agora, se faz em duas linhas, pois a classe dominante também começa a interessar-se pelo fim da escravidão. De um lado a "Campanha parlamentar", na qual se destaca Joaquim Nabuco que, em 1880, é presidente da Sociedade Brasileira contra a Escravidão. Em paralelo ocorre o movimento abolicionista popular, do qual participam ativamente José do Patrocínio, André Rebouças, Ferreira Araújo e outros pertencentes à Associação Central Emancipadora

Oficialmente, estas associações promoviam atividades sociais (quermesses, conferências, benefícios teatrais e concertos) em prol da libertação de escravos. Reclamavam junto aos poderes públicos contra os abusos dos senhores e, na justiça, agiam em defesa das causas dos escravos como, por exemplo, os pedidos de alforria, arbitramento de preços, direito à liberdade por terem entrado no país após a proibição do tráfico. Mas o

²⁵ MORAIS, Evaristo de. *A Campanha Abolicionista: 1879-1888*. P. 12 - 19.

Movimento Abolicionista Popular, officiosamente, ajudava nas fugas, no ocultamento e no transporte dos escravos fugidos. Para isso tinham uma enorme rede de colaboradores em várias regiões do país, na qual se destacavam os caifazes.

Em 1884, aos 25 de março, a província do Ceará emancipa todos os escravos de sua região. No mesmo ano, em junho, seu exemplo é seguido pela província do Amazonas e em setembro é a vez da província do Rio Grande do Sul.

Em 1885, os abolicionistas somam mais uma vitória: a Lei do Sexagenário, decreto 3276, de 28 de setembro. Seu teor declara que são livres todos os escravos maiores de 60 anos de idade. Entretanto, as irregularidades e as desobediências às leis continuam por parte dos escravocratas que tentam a todo custo manter o regime servil. Tentativa inútil, pois em 13 de maio de 1888, enfim, é assinada a Lei que declara livre todos os escravos do país. Em seu memorial, o Conselheiro Aires escreve: *“Ainda bem que acabamos com isto. Era tempo.”*²⁶

²⁶ ASSIS, Machado de. - *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro: Garnier, s/d., p. 48.

A DIFERENÇA E A DESIGUALDADE

(Uma visada sobre o racismo e o preconceito)

“Eu sou branco e negro e sei que não há qualquer diferença entre os dois. Cada um projeta a sua sombra e todas as sombras têm a cor da noite.”

Walter White

O germe do racismo e do preconceito está, conforme estudiosos, na idéia do diferente. A constatação da diferença desperta desconforto, desconfiança gerando distanciamento e medo. Consequentemente, pode ocorrer um movimento de afastamento, rejeição ou de confronto. A diferença, então, assume um caráter de desigualdade: o racismo caracteriza um povo como inferior por razões que independem de sua ação, natureza, ou vontade. Aquele que se identifica como superior, justifica-se atribuindo a si mesmo uma cultura superior e relacionando-se com “valores universais” que, na verdade, são apenas os valores próprios ao meio a que pertence tal indivíduo.

A desigualdade, diz Todorov, está estreitamente associada à argumentação biológica. Negros e índios são considerados biologicamente inferiores, árabes e judeus, também, mas em menor grau. A tese da diferença, também, passa pelo viés cultural. Alguns povos são discriminados sob o pretexto de que são inassimiláveis. É o caso dos

imigrados de tradição islâmica.¹ Mas, conclui Todorov, por trás das atitudes racistas estão os sentimentos de ameaça. O sentimento, daquele que se julga superior, de estar ameaçado pelo qualificado de inferior.

Muitas são as discussões sobre racismo e preconceito. Para alguns, o racismo, embora não denominado assim (a palavra, como tal, só ocorre a partir da década de 20), existe desde que o mundo é mundo. Para Todorov, é um comportamento antigo e provavelmente de extensão universal. Eugene Genovese considera que a escravidão, como sistema de dominação de classe, “*antecede o racismo e a subordinação racial na história do mundo, e no passado existiu sem eles.*”² A subordinação racial, segundo ele, não repousa na escravidão, “*sempre que existe subordinação racial existe também racismo*”. O anti-semitismo, entretanto, que não é uma questão racial, mas foi tornada assim, mostra-nos que a questão não é apenas de “subordinação racial”. São muitas e diversas as implicações e a História tem muito para contar e desmascarar.

Não pretendemos aqui, nem seria pertinente, entrarmos no mérito das discussões sobre tal assunto. Pretendemos somente pinçar alguns aspectos importantes para o desenvolvimento deste trabalho, visto que o homem negro, ao lado dos judeus, por exemplo, são vítimas históricas dos “padrões

¹ Cf. TODOROV, Tzvetan. - *Nós e os Outros: Reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993., p. 56.

² GENOVESE, Eugene D. - *A Terra Prometida: O mundo que os escravos criaram*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988., p.21.

de percepção” da desigualdade, geradores do preconceito e da discriminação.

Antes da descoberta da África pelos navegadores portugueses, pouco se sabia dela ou de seus habitantes. O que havia eram relatos fantasiosos em que os africanos apareciam descritos como ciclopes gigantes ou portadores de rabo e chifres ou ainda como seres luxuriosos que se relacionavam até com animais e de cujas relações nasciam monstros.³

A palavra Negro, por exemplo, ocorreu pela primeira vez em francês, segundo Frédérique Godefroy⁴, no relato de viagem dos irmãos Parmentier em 1516. Na França, a ocorrência da palavra continuou rara até o século XVIII. Até então, empregava-se adjetivos puramente geográficos como *Mouro*, *Africano*, *Etíope*. Não havia conotação pejorativa ou desqualificadora. A desqualificação surge da diferença social e não racial. Sendo o escravo considerado inferior por definição, o negro, ao ser escravizado, tornava-se também inferior. No Brasil, entretanto, como herdeiro do movimento escravista europeu, o termo negro já chegou como sinônimo de escravo, e era empregado mesmo quando se referiam aos índios cativos. Há inclusive um alvará do tempo do marquês de Pombal

³ Ver o artigo de DANTAS, Luiz. - “Francis de Castelnau e o Relato de um Grupo de Escravos de Salvador da Bahia em 1851. Ou do Caráter Simiesco dos Indesejáveis. In. *Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária*. Nº. 12. Campinas: Unicamp, 1992.

⁴ *Dictionnaire de L'ancienne langue française... du XV siècle*. V. 10, Bouillon, 1902. Apud HOFFMANN, Leon-François. *Le Nègre Romantique: personnage littéraire et obsession collective*. Paris: Payot, 1973., p. 20.

proibindo, expressamente, chamar de negros, aos índios que passavam, então, à condição de libertos⁵.

A manutenção do conceito de inferioridade se fez pelo discurso ideológico, como recurso para justificar e legitimar o sistema escravista e ao mesmo tempo garantir a submissão do escravizado. A estratégia, neste caso, consistia principalmente em criar um conjunto de representações desqualificadoras do negro, não enquanto indivíduo, mas enquanto coletividade. Tal conjunto é tão bem elaborado que, associado aos métodos coercivos, o próprio escravizado acaba acreditando nele e aceita a desqualificação que lhe é imposta. Conforme Roland Barthes,⁶ a criação do mito ocorre pela palavra. A afirmação ganha estatuto de verdade e passa a fazer parte da ordem natural do meio em que ocorre.

Com relação ao negro africano, o mito da inferioridade e conseqüentemente o preconceito de raça e cor têm sua legitimação apoiada por algumas correntes científicas, a partir do Iluminismo. Curiosamente, este é também o período em que muitos escritores europeus de renome tomam o negro por tema. Montesquieu, Prevost, Rousseau, Voltaire, Condorcet, Madame de Staël e Bernardin de Saint-Pierre são alguns deles.⁷ Este último, com seu *Paul et Virginie*, comove os leitores e tem ação

⁵ CUNHA, Manuela Carneiro da. - *Negros Estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África*. São Paulo: Brasiliense. 1985., p.86.

⁶ BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1975.

⁷ HOFFMANN, Léon-François. - *Le Nègre Romantique: personnage littéraire et obsession collective*. Paris: Payot, 1973., p.49.

decisiva sobre a opinião destes em favor da causa dos escravos, na França.

As manifestações contra a escravidão, atacada com firmeza, fazem com que os escravistas lutem em defesa dos seus interesses. Uma de suas formas de revide foi a fomentação do racismo, afirmando a superioridade da raça branca sobre as demais. É o início do que Todorov denomina *racismo*: o racismo fundamentado em base científica.

Por volta de 1837, Frédéric Portal, diplomata e historiador, escreve um livro denominado “*Des Couleurs Symboliques dans l'Antiquité, le Moyen Âge, et les Temps Modernes.*” Segundo ele, o preto seria o símbolo do mal e do falso, a negação de todas as nuances e do que elas representam. O vermelho, por exemplo, representaria o amor divino, mas unido ao preto seria símbolo do amor infernal, do egoísmo.⁸

Inspirado na obra de Portal, Montabert redige um manual para os artistas, no qual apresenta um repertório dos diversos símbolos associados às cores preto e branco. Segundo o manual:

“O branco é o símbolo da Divindade ou de Deus. O negro é o símbolo do espírito do mal ou do demônio. O branco significa a beleza suprema. O preto a feiúra. O branco, cor favorável, indica a felicidade. O negro, cor nefasta, indica a infelicidade. O combate do bem contra o mal é

⁸ COHEN, William B. - *Français et Africains: Les noirs dans le regard des blancs. 1530- 1880.* Paris:Gallimard, 1981., p. 307.

indicado simbolicamente pela oposição do negro colocado perto do branco."⁹

Supomos que, obviamente, o ponto de partida de tal estudo não estava ligado à questão racial, porém, à medida que as manifestações pró e contra escravidão aumentam, a simbologia vai sendo transferida e moldada, pelo torno da ideologia, na pele do negro, enquanto pessoa. A diferença racial, no século XIX, passa a ser a causa essencial das diferenças entre os homens e a cor, um fator de distinção.

O racismo científico, visando firmar as diferenças entre brancos e negros, estabelecer uma hierarquia social, preservar o poder e assim fundamentar as razões da escravidão, aplica-se em demonstrar as dissemelhanças e as apresenta como comprovação da superioridade do homem branco e inferioridade dos outros.

A existência da *Société ethnologique* fundada em Paris, em 1839, pelo Inglês William Frederic Edwards, é um exemplo do acima mencionado. Esta sociedade pretendia estudar "*a organização psíquica, o caráter intelectual e moral, as línguas e as tradições históricas dos povos.*"¹⁰ Seu objetivo primeiro, afirmavam, era o estudo dos grupos humanos e das diversidades étnicas, mas já antecipavam que a organização social, a língua e a história de um povo era de uma só vez a prova e a

⁹ Apud. COHEN, Op. Cit., p.307/8 [tradução da autora].

¹⁰ COHEN, Op. Cit., p. 303.

consequência de suas características raciais; refletindo, assim, o pensamento de seu tempo.

Fortemente engajada no debate suscitado, então, pela questão da escravidão, esta Sociedade cessa suas atividades, como se a sua existência não tivesse mais razão de ser, quando é decretada, em 1848, a emancipação dos negros nas colônias francesas.

O seu fechamento, porém, não impede que suas idéias sejam propagadas e outras sociedades do mesmo molde sejam criadas. A escravidão acabara na França, mas não em todo o mundo. E as idéias continuam em ebulição. A velha idéia de que o “*corpo representa a exteriorização da alma, que ele revela os vícios e as virtudes do homem.*”¹¹ encontra novo vigor no fim do século dezenove.

Segundo Larousse,¹² semanticamente, a palavra negro provem “do latim *niger*, tenebroso, relacionada ao mesmo radical que *nox*, noite (a “morte do dia”), da raiz sanscrita *naç*, destruir, apodrecer. Essa denotação sugere uma conotação algo negativa, na cultura ocidental, ligada a trevas, mistério, coisas ocultas. No romantismo, o sentido tenebroso, fúnebre, lúgubre, perverso, que traz escuridão, horrível, entre outros, é reforçado. Com as idéias racistas, essa conotação adjetiva é impingida aos originários

¹¹ COHEN, Op. Cit., p. 306.

¹² LAROUSSE, Pierre. *Grand Dictionnaire Universel du XIXe. Siècle*. Paris: Adm. Du Grand Dictionnaire Universel, 1874. Tomo 11 (M.N.O.), p. 903 - 4.

da África, passando a ser vista pelos europeus como um dos determinantes físicos e sinal concreto da baixa condição dos africanos na família humana. Com a escravidão da raça negra, o termo negro, substantivo, passa a significar escravo. A palavra ficou de tal maneira associada à servidão e ao trabalho forçado que, hoje, tanto na França quanto nos Estados Unidos o termo “negro” (nègre e nigger, respectivamente) é tido como pejorativo e de uso politicamente incorreto.

E, isso é levado tão a sério que o livro de Mark Twain, *“As Aventuras de Huckleberry Finn”*, publicado há mais de cem anos, sofre censura em algumas escolas americanas, em razão de conter a palavra “nigger” (ou “palavra N”, eufemismo politicamente correto, para substituir o termo) ao referir-se a escravos. Isto, inclusive, sem considerar que o termo era de uso corrente na época em que foi escrita e, principalmente, que a obra em si, não é racista, pelo contrário, faz uma aguda crítica à “civilização” escravista, usando a ironia no seu melhor estilo.

Além da cor, o estudo da caixa craniana, feito pela Frenologia, é retomado da Antigüidade pelo médico alemão, Franz Josef Gall, no início do século XIX. Segundo Gall, o cérebro representava o órgão mais importante do homem e um exame nele possibilitaria reconhecer *“diferentes disposições e inclinações”*.

Conforme tais estudos: *“os maxilares proeminentes, a cor mais ou menos preta da pele, o estado lanoso dos cabelos e a inferioridade*

intelectual e social estavam freqüentemente associados. Da mesma forma que uma pele mais ou menos branca, uma cabeleira lisa e um rosto geométrico seriam atributos dos mais comuns dos povos mais elevados da série humana."¹³

No Brasil, do século XVI ao XVIII, a ideologia escravista evoluiu tanto nos seus aspectos coercivos quanto nos argumentos justificantes, auxiliados pelas idéias vindas da Europa. No princípio eram suficientes os argumentos religiosos e civilizatórios para justificar o aviltante procedimento da escravização de seres humanos. Mas com a ocorrência das ameaças e manifestações, cada vez mais veementes, contrárias ao sistema, os escravocratas reagem com o auxílio da Ciência. É o preconceito legitimado e justificado graças ao discurso científico.

Esse tema não se limitou às páginas científicas e aos discursos escravocratas. A exemplo de Balzac, os escritores brasileiros também fizeram ampla utilização dos estereótipos sugeridos pela "nova ciência".

Bernardo Guimarães, o autor de *A Escrava Isaura*, revela conhecimento de tais idéias ao incluir, no seu romance, a seguinte citação:

"A testa é desmesuradamente ampla e estofada de enormes protuberâncias, o que na opinião de Lavater é indício de espírito

¹³ BROCA, Paul. *Anthropologie: Dictionnaire encyclopedique des Sciences* Paris:1866. T.5. Apud. COHEN. Op. Cit, p. 313.

*lerdo e acanhamento a roçar pela estupidez."*¹⁴

Obviamente, não apenas Guimarães mas muitos de nossos outros escritores assimilaram tais idéias. O essencial, aqui, é se perceber que mesmo o autor de um romance dito abolicionista, numa época em que o país já vivenciava a luta pela liberdade dos negros, manifesta seu preconceito clara e abertamente, numa atitude contraditória. Uma contradição da qual não se dá conta, por não ter, muitas vezes, consciência de seu preconceito.

O que percebemos, nesse estudo, é que o preconceito está, plenamente, evidenciado nas obras literárias, através da utilização dos estereótipos depreciadores com que os negros são caracterizados; estereótipos que desqualificam tanto o seu aspecto físico, quanto o moral e o psicológico.

No Brasil, como na Europa e Estados Unidos, uma maneira de apontar a inferioridade do negro era compará-lo a crianças ou pretendê-lo possuidor de afinidade com o mundo animal. Segundo as "teorias científicas" da época, a epiderme do negro era mais espessa e seu sistema nervoso pouco sensível; além disso, o que mais o aparentava com animais era o cheiro "nauseabundo" e a sensualidade excessiva.¹⁵

¹⁴ GUIMARÃES, Bernardo. - *A escrava Isaura*. São Paulo: Ática, 1983. P.27.

¹⁵ Conf. FIGUIER, Louis. - *Les Races Humaines*, 1875, p.532. Apud. COHEN. op. cit. p.334.

O tema da animalidade relacionada aos negros não se limita apenas às obras científicas. A literatura faz largo uso dele. No livro infantil *Le Robinson des sables du desert*, publicado na França, em 1837, o herói, tendo diante de si alguns africanos, faz sobre eles o seguinte comentário:

*"...as figuras destes últimos pareceram-me hediondas; eu não os teria olhado senão como macacos da mais vil espécie se seus corpos, que nenhuma roupa esconde, não tivessem a forma humana."*¹⁶

Willian Cohen observa que mesmo os abolicionistas e filantropos sucumbiam a esta imagem negativa. Um exemplo: o abolicionista Alfred Michiels, autor da primeira tradução francesa de *A Cabana do Pai Tomás* (*Le Case de l'oncle Tom*), afirma em um de seus romances, *Le Capitaine Firmin*, que o africano era dotado de uma sensibilidade inferior à dos animais e que ele era *"certamente mais estúpido"*. Seu herói, ao examinar os caracteres físicos de um rei africano e depois o de um macaco, conclui que:

*"sem a diferença da pele e um certo ar de dignidade que o hábito de comandar tenha dado ao príncipe, o monarca e o animal seriam completamente semelhantes."*¹⁷

¹⁶ MIRVAL, C.H. de. *Le Robinson des sables du désert, ou un voyage d'un jeune naufragé sur les côtes et dans l'intérieur de l'Afrique*. Paris, 1837, p. 101. Apud. Cohen. Op. Cit., p. 337.

¹⁷ MICHIEL, Alfred, *Le capitaine Firmin, ou la vie des nègres en Afrique*. Paris, 1853. Apud COHEN, Op. Cit. p. 337.

Em nossa literatura não precisamos procurar muito para encontrarmos escritores que façam igual uso do tema. José do Patrocínio, também abolicionista, em seu romance *Mota Coqueiro*, apresenta várias alusões ao aspecto animal do escravo. Vejamos, por exemplo, esta descrição:

*“Era um caráter nobre o do preto Domingos. A resignação tornava-lhe simpático o rosto chato e feio. Amadureceram-lhe os anos e até certo ponto a própria severidade do seu senhor, o instinto da obediência. Tinha a fidelidade do cão, e a passividade da besta de sela. Investia contra os que atacavam a casa grande e os brancos, e resfolegava e recuava diante do abismo de perversidade dos seus parceiros, que muitas vezes tinha-se lhe aberto diante, atraindo-o com suas sugestões iníquas.”*¹⁸

Notemos que, embora, o narrador esteja apontando para qualidades do escravo, o léxico empregado oferece uma interpretação negativa. Suas qualidades, a fidelidade e a passividade, estão associadas aos dois melhores amigos do homem, o cão e o cavalo, mas nem por isso são enobrecedoras. Elas são qualidades favoráveis ao outro e não ao próprio sujeito.

A imagem de fidelidade do negro é, em geral, descrita por analogia a animais domésticos, feras domesticadas que não perdem o natural instinto

¹⁸ PATROCÍNIO, JOSÉ DO. - *Mota Coqueiro ou A Pena de Morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. p.73. [Grifo da autora].

agressivo. Pode-se argumentar que se trata de simples comparações, mas a insistência no enfoque é tão sistemática e repetitiva que é inevitável relacioná-lo a estereotipia racial.

Outro aspecto enfocado pelas idéias racistas era a sensualidade dos africanos. A eles era atribuída uma sexualidade exacerbada, uma tendência à promiscuidade e à devassidão.

No romance *Rei Negro*, de Coelho Neto, a distinção de Macambira, escravo e personagem principal da obra, é o fato de ele não descer ao nível dos seus semelhantes, não sucumbindo às tentações carnavais. Na fala do narrador, Macambira sente vergonha da devassidão de sua gente.

É interessante observar que esta obra foi escrita em 1914, portanto depois da abolição. Uma amostra significativa de que mesmo livres da escravidão, os negros continuaram escravos dos estigmas e preconceitos estabelecidos pela ideologia dominante.

Ainda no campo da sexualidade, temos a questão da relação entre os de raça branca e negra. Na literatura norte-americana, por exemplo, segundo nos informa Heloisa Toller Gomes, o contato erótico amoroso entre branco e não branco só se mostra configurado através da ótica da violência ou da perversão, isto é, em situações moralmente condenáveis. A razão desta ocorrência, segundo Toller Gomes, é porque nos Estados Unidos, no conceito de nacionalidade patente na literatura, não se concebe

nem como mito um país em que as "raças" se mesclam.¹⁹

No Brasil, como bem observa a mesma autora, o discurso literário é marcado por contradições internas que sinalizam as contradições sociais. Por exemplo, a maior frequência das relações se dá entre o homem branco e a mulher negra ou mulata, ou seja, o tipo de relação possível é aquele que garante a manutenção da norma social e a ordem escravista, pois filho de escrava é sempre escravo, mesmo quando o pai é o senhor. O inverso é bastante raro.

Em *As Minas de Prata*,²⁰ de José de Alencar, há um episódio em que o marido traído, como vingança, compra um escravo, um "negro pestilento", para violentar sua mulher. Após o ato, o negro é levado para cavar sua sepultura e é nela enterrado vivo. A mulher fica grávida de uma menina e consegue salvá-la, após o nascimento, com a ajuda de uma escrava. Doad a uma família humilde, a menina cresce desvinculada da história da mãe verdadeira, nem tendo dela conhecimento.

O que temos nesse caso é um "exemplo de aberração". A honra do marido é lavada com a violação da adúltera por um sujeito qualificado como o mais vil e repulsivo dos seres. Uma punição que o marido considera mais eficiente que a morte. A mulher deve sobreviver com a vergonha do ultraje, enquanto o violador, mesmo tendo obedecido ordens,

¹⁹ GOMES, Heloísa Toller. *As marcas da escravidão*. R. J.: Ed. UFRJ/EDUERJ, 1994., p. 166.

²⁰ In. ALENCAR, José de. - *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958. V. II., p.853-55.

morre. É interessante observar, entretanto, que neste caso, José de Alencar, ainda que inconscientemente, dá sua contribuição favorável à miscigenação, pois, segundo o romance, a criança nascida deste incidente torna-se uma jovem sadia, bonita e trabalhadora. A teorizada degeneração não se comprova.

No romance *O mulato* (1881), de Aluísio Azevedo, Raimundo, o protagonista, é de pele clara, olhos claros, distinto, com formação européia. Por ser filho de uma escrava é impedido de casar com Rosa, uma moça branca por quem está apaixonado e que espera um filho dele. Antes de executar um combinado plano de fuga, Raimundo é assassinado e Rosa, com o choque, sofre um aborto. Não apenas o casamento não se realiza, mas também a procriação é evitada. Na literatura brasileira do período, quando se trata de relação mulher branca e homem negro ou mulato, ou a fertilidade dos casais mestiços é inibida, ou, no geral, estas histórias têm um final trágico.

Assim como na França, a personagem principal nas histórias bem sucedidas, para ser apresentada com nobreza, era embranquecida e sua beleza descrita segundo os cânones da estética européia, como foi o caso de *A Escrava Isaura*. Sua tez era tão clara que poderia passar por branca.

Georges, de Alexandre Dumas e *Le chat maigre* de Anatole France, são dois exemplos apresentados por Cohen, cujos personagens principais, um de cada romance, são mulatos, mas tão claros que mal se distinguem do

herói branco. Como Isaura, os heróis de Dumas e Anatole encontram a felicidade no casamento ao lado de pessoas de raça branca.

Tais posicionamentos, pensamos, são decorrentes das concepções científicas acima mencionadas, que relacionavam padrões de forma física, beleza e qualidades morais a raça e cor diferenciadas, e estabeleciam normas tendo como ponto positivo de referência o padrão europeu.

A presença do preconceito é latente mesmo em obras que, por vezes, parecem isentas dele. É, neste caso, preciso "ler nos bastidores", como sugere Heloisa T. Gomes, para atingir a essência daquilo que os autores transmitem em suas obras.

O tema é riquíssimo e o *corpus* muito amplo, principalmente se estendermos o período para além da abolição. Com isso, é possível perceber que o medo e o desprezo incutido durante a escravatura não foram igualmente abolidos com a lei de maio de 1888.

Uma mostra disso é o conto de Arthur Cortines, publicado no jornal Correio Paulistano²¹, poucos meses após a abolição. É a história de uma negra, Josefa dos Prazeres, recém-chegada na cidade que, com seus *olhos felinos, injetados de sangue*, fazia medo às crianças. Casada com Manoel Congo, pedreiro e coveiro, moravam ao lado do cemitério. Com o correr do

²¹ Conto citado in : AZEVEDO, Célia Mª Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco: o negro no imaginário das elites século XIX*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 17-8.

tempo, Josefa consegue vencer a desconfiança da população e ganhar uma boa freguesia para os seus deliciosos pasteizinhos de carne e seus préstimos de curandeira e parteira. Isto até que a filha de uma das suas clientes falece. Era uma linda garotinha loira que as beberagens de tia Josefa não livrou da morte. Para consolar a mãe em desespero, a negra passa a presenteá-la com seus deliciosos pastéis. Oito dias após a morte da criança, a mãe, inconformada, pede para ver a filha ainda uma última vez. Nada encontrando no caixão, suspeitam de Josefa. Revistam a casa dela e encontram cachos loiros de cabelo, restos de roupa de menina e, sob a mesa da cozinha, pequenos ossos. A mãe, quase enlouquecida, se dá conta de que comera carne da filha, em pastéis.

Como bem observa Célia M. Marinho de Azevedo, este conto, além de “*dizer como estavam sendo reavaliados socialmente os ex-escravos e seus descendentes*”²², nos mostra como a ideologia dominante organiza sua estratégia de exclusão do elemento que não lhe interessa absorver.

Uma estratégia que já se fazia presente nas palavras do narrador de *As Vítimas Algozes*:

“...a autoridade pública não poderá acabar com os feiticeiros, nem porá termo ao feitiço, enquanto houverem(sic) no Brasil escravos, e ainda além da emancipação destes, os restos e os vestígios dos últimos africanos, a quem roubamos a liberdade, os restos e os

²² AZEVEDO, Célia M^a Marinho de. - *Op. Cit.*, p. 19.

vestígios da última geração escrava de quem hão de conservar muitos vícios aqueles que conviveram com ela em intimidade depravadora."²³

O romance já estava, provavelmente, esquecido, mas o medo e o preconceito, que o inspiraram, sobreviviam e eram, ainda, instrumentos astuciosamente empregados pela ideologia excludente, cujo maior interesse era a manutenção da estrutura social do antigo regime.

²³ MACEDO, J. Manoel de. *As Vítimas Algozes*. Rio de Janeiro: Garnier, 1869. p. 122 - 23.

3. OLHARES E PONTOS DE VISTA

**3.1. UMA HISTÓRIA DE QUILOMBOLAS:
Um olhar em perspectiva.**

3.2. ROMANCES ESCRAVISTAS E ESTEREÓTIPOS

**3.3. ESCRITOR ABOLICIONISTA, ROMANCE NEM
TANTO.**

“UMA HISTÓRIA DE QUILOMBOLAS” (UM OLHAR EM PERSPECTIVA)

Em *Lendas e Romances*, Bernardo Guimarães¹ incluiu “*Uma História de Quilombolas*”, que, com sugere o nome, passa-se num ambiente que não é o da classe senhorial, seu enfoque é o mundo escravo. Publicado em 1871, três anos, portanto, antes de *A Escrava Isaura*. A história se passa em Minas Gerais, por volta de 1821.

*“Naqueles tempos, na província de Minas, desde a serra da Mantiqueira até os confins dos terrenos diamantinos, era uma série de quilombos, que eram (sic) o flagelo dos tropeiros e dos caminhantes, e o terror dos fazendeiros. As milícias e os capitães do mato do governador, a despeito dos esforços que empregavam, eram impotentes para dar cabo deles. Eram como os formigueiros; se aqui extinguia-se um, acolá organizava-se outro como os restos daquele e com uma chusma de outros negros...”*²

Bernardo Guimarães, com sua habilidade descritiva e seu estilo de contador de “causos”, narrador benjaminiano, descreve, com riqueza de

¹ Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1825 - 1884) Nasceu e morreu em Ouro Preto. Autor de *O Ermitão de Muquém* (1869), *O Seminarista* (1872) *A Escrava Isaura* (1874), entre outros e inclusive alguns livros de poesias.

² GUIMARÃES, Bernardo. - “*Uma História de Quilombolas*.” In. *Lendas e Romances*. São Paulo: Martins, 1871., p. 11.

detalhes, o lugar onde se constituía o quilombo, o tipo de habitações e a “engenharia” utilizada para garantir segurança de todos.

O romance gira em torno da paixão de Anselmo e Florinda. Ele é mulato, livre. Ela, uma escrava. Anselmo pretende comprar sua liberdade e casar-se com ela. Para isto já tem o consentimento do senhor da fazenda em que Florinda é escrava. Entretanto, na mesma fazenda, há um escravo de nome Mateus Cabra que, também apaixonado pela jovem, não se conforma em perdê-la. Por esta razão, ele a rapta e a leva para o quilombo de Zambi Cassange.

Anselmo, o noivo, vai ao encalço do raptor e da amada. É preso pelos quilombolas e tem sua vida ameaçada. Para completar a trama, o líder do quilombo se interessa pela moça e planeja fazê-la sua “ocaia”, a companheira favorita. Depois de muitas peripécias, Anselmo foge, mas Florinda fica. Em troca da promessa de prisão dos quilombolas e seu líder, o jovem consegue com o governador um grupo de homens armados, com os quais retorna para recuperar a amada. Imprevistos acontecem e o herói, embora consiga salvar a jovem, não pode cumprir o que prometera ao governador. Por esta razão e graças à falsidade do escravo Mateus, Anselmo é preso e condenado à força. No dia da execução, entretanto, Zambi Cassange, que fora preso numa emboscada, é levado, juntamente com seus homens para assistir ao enforcamento. Reconhecendo o condenado, grita:

*“Esse moço é inocente..., foi Deus e Nossa Senhora do Rosário que me trouxe aqui para não deixar correr sangue inocente...”*³

Com essa intervenção, restabelece-se a verdade, os fatos são esclarecidos e Anselmo, inocentado. Mateus é enforcado no dia do casamento de Anselmo e Florinda.

Neste, como em outros romances do período, algumas personagens, em geral, “as boas”, são embranquecidas: as feições de Florinda, por exemplo, quase de *pureza caucasiana*; Anselmo que, *embora não negue sua origem africana*, tem a tez clara. Por outro lado, lhes é atribuído, também, honestidade, coragem, inteligência, graciosidade e, sobretudo, honra; qualidades que, em geral, não eram atribuíveis aos da raça escravizada.

Essa obra, em termos histórico-literário, é de uma riqueza absoluta. Além da descrição minuciosa do espaço físico e geográfico do quilombo, este é um romance em que os personagens principais são negros ou mulatos. A construção das mesmas mostra o firme estabelecimento de determinados estereótipos impostos aos negros. Mas, também, mostra uma certa dificuldade do escritor em manter o discurso ideológico, no qual o narrador não parece se sentir à vontade, denunciando um posicionamento do autor implícito.

³ GUIMARÃES. Op. Cit. p. 100.

Bernardo Guimarães acaba por apontar traços fortes de humanidade, dignidade e heroísmo em sujeitos que eram, então, coisificados ou animalizados. Zambi Cassange, por exemplo, o chefe do quilombo é descrito como *negro colossal e vigoroso, figura sinistra, hedionda, faces retalhadas, beijos vermelhos, dentes alvos e agudos como os de uma onça*, verdadeiro exemplar do estereótipo animal. Na mesma descrição, entretanto, inclui que “*a vasta testa inclinada para trás e o nariz acentuado e curvo do quilombola revelavam um espírito dotado de muito tino e perspicácia, extraordinária energia e resolução*”⁴. Um aspecto positivo, tirado do rol das teorias raciais tão em moda naquele momento. Mateus, o vilão da história, é descrito como “*cabra ainda muito novo, bem feito, bonito e reforçado, porem de má catadura.*”

A ocaia Maria é “*negra curta e gorda, com a figura de um odre, de olhos grandes e esbugalhados, beijos trombudos e revirados, sempre entreabertos, onde alvejavam dentes agudos e salientes como os de cão*”. Além disso, é ardilosa, intrigueira mas, ao mesmo tempo, capaz de apiedar-se de sua provável rival e de rejeitar ser salva pelo sacrifício daquela. Em oposição Florinda, mesmo com *lábios grossos e narinas móveis*, é uma linda rapariga de cabelos compridos em ondas miúdas e olhos pretos como jabuticabas. Trazia no corpo “*esse donaire voluptuoso, essas curvas moles e graciosas, que são próprias das mulatas.*”⁵

⁴ GUIMARÃES. Op. Cit., p. 12.

⁵ GUIMARÃES. Op. Cit., p. 22.

A fala das personagens, embora tenha presente alguns termos ou expressões africanas como: guinzumba, ocaia, malungo, candongueiro, é uma fala culta. Por outro lado, o autor coloca, na boca das mesmas, expressões que sugerem preconceito entre os próprios africanos e seus descendentes. Zambí, ao comparar Florinda com sua Ocaia Maria, refere-se à última como "*nauseabunda jibóia*". Não há, neste caso, apenas referência à cor, mas uma alusão metafórica de traição, como o bote da cobra: inesperado e, por vezes, fatal. No momento em que assim se manifesta, Zambí está desconfiado de sua companheira.

"*Não tenho muita fé em gente dessa cor...*", é o que diz Zambí ao ser apresentado ao cabra Mateus. Mateus, por sua vez, chama Anselmo de *bode atrevido e malcriado*. Bode é a expressão empregada, entre outros significados, para o sujeito mulato e, como no caso de "cabra", funciona como caracterização pejorativa e insulto. Uma denotação já presente na sátira seiscentista, obedecendo às tópicas de "raça" e "origem".⁶

A mencionada fala preconceituosa nos remete ao que Albert Memmi⁷ denomina de *assimilação*, que é a negação de si próprio e dos valores culturais com os quais se identifica para aceitar e valorizar, como próprios e melhores, o que é característico do outro, o dominador. Entretanto, consideramos que assimilação nem sempre quer dizer submissão ou

⁶ Ver Hansen, João Adolfo. *A Sátira e o Engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. São Paulo: Cia. Das Letras/ Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

⁷ Memmi, Albert. *Retrato do Colonizado Precedido Pelo Retrato do Colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 2 ed.

negação interna do sujeito dominado. Em muitos casos é uma forma de manutenção da sobrevivência e, portanto, até mesmo uma forma de resistência. O exemplo, em questão, no romance, pode ser lido nos dois sentidos.

Zumbi, como dissemos não inspirou positivamente o imaginário de sua época. O que se explica, naturalmente, se pensarmos que, na ocasião, ele era tido como um foragido, uma ameaça não só ao sistema mas para toda gente que cruzasse seu caminho ou o de seus comandados. Em *As Vítimas Algozes*, o narrador refere-se a Zumbi como “*um monstro negro e imaginário, herói sinistro de estúpidas e horríveis histórias, com que as escravas, em vez de entreter, assombravam o nervoso menino com a mais lamentável e perigosa inconveniência...*”⁸ Como vemos, Zumbi não é apenas rejeitado como herói, mas é transformado em monstro imaginário, *personagem de histórias horríveis e estúpidas*.

As fugas de escravos são, hoje, vistas como forma de resistência na busca de liberdade e igualdade. Mas, na época, elas representavam uma afronta, um crime, ou como já se disse, uma ameaça ao sistema. E isto não era nada exemplar ou edificante aos olhos e no discurso dos dominadores.

Na construção das personagens, em *Uma História de Quilombolas*, o autor parece, em princípio, partir da ótica senhorial, mas o olhar que as

⁸ Macedo, Joaquim Manoel de. *As Vítimas Algozes: Quadros da Escravidão*. Rio de Janeiro: Garnier, 1869., p. 160.

retrata acaba por revelar uma imagem que não corresponde a esta expectativa. O foco de visão oscila entre duas perspectivas, a visível e a determinada. O resultado, a imagem focalizada, mostra uma realidade que, embora apresente a diferença, não enfatiza a desigualdade estabelecida pelo regime escravocrata. E esta era uma imagem que não interessava às camadas dirigentes, pois refutava alguns critérios de valor por elas estabelecidos. O narrador, com seu olhar, revela o preconceito, mas não nega o estabelecimento de uma alteridade.

Não temos dados que nos permitam saber como foi a recepção deste romance, mas o certo é que ele caiu no esquecimento. Acreditamos ser este o preço pago, por ousar transgredir as regras e trazer para o centro, personagens só permitidas na periferia. De fato, neste romance, Bernardo Guimarães subverte a ordem convencionada do padrão romanesco oitocentista, a qual, como observa Roberto Reis, contradiz a base da mimesis, pois o registro deste padrão:

*“...é ou pretende ser realista, pois se trata de inventariar o Brasil, dando conta de sua natureza e de sua gente, já que esta literatura se quer nacionalista. Mas o resultado último é que o lado documental acaba sendo extremamente fictício, uma vez que se traça uma sociedade ideal.”*⁹

⁹ REIS, Roberto. “O Relojoeiro e a Diferença: Ao Redor de Machado”. In. *Espelho: Revista Machadiana*. Porto Alegre: UFRGS, 1995. N.1., p. 93.

A Escrava Isaura foi um romance, claramente, com propósito de propaganda abolicionista. Nele, estão presentes todos os elementos que compunham a sociedade escravista brasileira. Isaura, a protagonista, entretanto, foge ao “padrão convencional” de escrava: é bela, educada, culta e, propriamente, branca. O espaço é urbano e o enfoque, a partir da classe dominante. *Uma História de Quilombolas*, por outro lado, não se apresenta com qualquer propósito, não descreve a sociedade escravista idealizada, mas faz do cenário das personagens menores o seu palco. A periferia vem para o centro com todos os seus integrantes, que são, então, privilegiados, pois ganham papel de destaque. Não está em discussão a escravidão e suas implicações; é apenas uma história. Um caso, à moda mineira, cheio de silêncios, para o leitor preencher.

Uma história que caiu no esquecimento.

ROMANCES ANTIESCRAVISTAS E ESTEREÓTIPOS

“Todo mundo tem medo
da vingança do preto
até o preto.

Cuti. “*Batuque de Tocaia.*”

Joaquim Manoel de Macedo¹ inclui-se no rol dos nossos escritores românticos. Sua importância maior está em “*haver lançado a ficção brasileira na senda dos estudos de costumes urbanos, e o mérito de haver procurado refletir fielmente os da sua cidade*”.² Apesar da característica superficial que pauta a obra do autor, não se aprofundando na trama, nem nas características psicológicas dos personagens, Macedo legou-nos um livro que trata diretamente da escravidão, *As Vítimas Algozes*.

Esse romance nos é de cabal importância pelo seu tema, predominância de personagens negras e também pelo quadro descritivo que faz da escravidão no período. Um período de grandes turbulências na sociedade brasileira tanto no campo político quanto no econômico e social.

¹ Joaquim Manoel de Macedo nasceu em Itaboraí, Rio de Janeiro, em 1820 e faleceu em 1882. Formou-se em medicina, porém nunca exerceu a profissão. Foi professor no Colégio D. Pedro II, romancista e político. De sua vasta obra (escreveu vinte romances, além de peças de teatro e poemas) destaca-se o primeiro romance, *A Moreninha* (1844).

² CANDIDO, Antonio. - *Formação da Literatura Brasileira*. V.2. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. 7ª edição. P. 128.

O agravante desta situação era o avanço do movimento abolicionista, ditado por duas fontes: a humanitária, que tinha por meta a liberdade do escravo, enquanto ser humano e a sócio-econômica que visava, sobretudo, libertar o país de um sistema que impossibilitava o seu desenvolvimento econômico e a sua inserção na modernidade.

As Vítimas Algozes, publicado em 1869, são o que podemos chamar de romance de tese; o autor tem uma convicção, comunica-a na introdução da obra e direciona seu ato de escrever visando à concordância e à convivência do leitor. Nas palavras de Silviano Santiago “no romance de tese, a verdade se insinua por detrás de cada palavra, de cada gesto, cada cena, induzindo o leitor a pensar ser ela a única a apreender corretamente o significado das cenas ou do drama apresentado pelo texto.”³

Sem fugir às suas características estéticas, isto é, ao que Antonio Cândido qualifica de *realismo miúdo e idealização inverossímil*⁴, Macedo propõe-se a demonstrar a seus leitores quão danosa é a instituição da escravidão e a necessidade de aboli-la. Para tanto anuncia que contará histórias verdadeiras, histórias passíveis de acontecer a qualquer um que tenha um escravo dentro de casa. O caminho escolhido pelo escritor para obter adesão a sua causa, que é a emancipação gradual dos escravos com a devida indenização dos senhores pelo governo, é, segundo ele próprio, mostrar através de suas histórias, “os vícios ignóbeis, a perversão, os

³ SANTIAGO, Silviano. Desvios da Ficção. In PATROCÍNIO, José do. - *Mota Coqueiro*. . P. 13.

⁴ CANDIDO, Antonio . Op. Cit. 124.

*ódios, os ferozes instintos do escravo, inimigo natural e rancoroso do seu senhor”, em resumo: “o quadro do mal que o escravo faz de assentado propósito ou as vezes involuntariamente e irrefletidamente ao senhor”*⁵.

A escravidão é “um mal enorme que afeia, infecciona, avilta, deturpa e corrói a sociedade e a voz do mundo exige, a altos brados, seja abolida”, diz o narrador. Seu discurso emotivo tem uma razão de ser, e desta feita não será proporcionar divertimento ao seu leitor mediano. O movimento abolicionista avança progressivamente, o drama do escravo começa a tocar mais significativamente as pessoas. O rumor das vozes que clamam pela liberdade da raça negra aumenta despertando consciências e provocando adesões. Apesar disso, os fazendeiros brasileiros continuam presos ao sistema e o defendem com garras e dentes. É para eles, para os senhores de escravos, que o escritor, consciente do dever que lhe cabe, escreve:

*“... o governo e a imprensa devem esforçar-se por iluminar os proprietários de escravos e convencê-los de que está em seus próprios interesses auxiliar o Estado na obra imensa e escabrosa da emancipação, para que ela, que é infalível, se efetue com a menor soma possível de sacrifícios.”*⁶

Se o documentário é um dos aspectos marcantes presente na obra de

⁵ MACEDO. Joaquim Manoel de. - *As Vítimas Algozes: quadros da escravidão*. Rio de Janeiro: Garnier, 1871. 2ª ed., p. XIV.

⁶ MACEDO, Op. Cit., p. XII.

Macedo, em *As Vitimas Algozes* ele é, ideologicamente, forma e conteúdo. Em meio a recursos melodramáticos, folhetinescos e cenários familiares, o autor tece sua trama com dois fios multicoloridos, o medo e a desconfiança. Os ingredientes utilizados para fundamentar sua tese é o caráter traiçoeiro, dissimulado, imoral e vingativo do escravo demonstrado, passo a passo, em “*Simeão, O Crioulo*”; “*Lucinda, a mucama*” e, “*Pai Raiol*”, o feiticeiro. Isto, numa atitude maniqueísta, em oposição ao espírito benevolente, humano e caridoso do senhor, vítima da maldade inerente e decorrente da escravidão, sem haver aí qualquer tom de ironia por parte do autor. Sua intenção, segundo afirma, é pagar o seu tributo trabalhando no sentido de “*tornar manifesta e clara a torpeza da escravidão e fazer mais simpática a idéia da emancipação que a aniquila*”⁷.

Torpe escravidão que provoca o ressentimento, mesmo no mais querido e protegido dos escravos, como foi o caso da personagem principal na primeira das três novelas, Simeão. Cria da casa e irmão de leite de Florinda, a filha do senhor, Simeão foi criado com “excesso” de zelo e mimo, não aprendendo sequer a trabalhar. Seu caráter é, por esta razão, desvirtuado. Isto se agrava com a tomada de consciência da sua condição de escravo. Ao tornar-se maior de idade, nada produzindo e insatisfeito com o que lhe dá o senhor, passa a roubar. Surpreendido nesta prática é castigado, revolta-se e começa a planejar sua vingança. Algum tempo depois, sem saber que será libertado no dia seguinte, invade a casa grande com três cúmplices, rouba e mata a família de seus benfeitores. Preso, é

⁷ MACEDO. Op. Cit, p. XIII.

enforcado.

Com esta história é lançada por terra um dos recursos dos escravistas, a alternativa conservadora do paternalismo, recurso através do qual o senhor, à custa de proteção e ausência de castigos maiores, buscava garantir gratidão e fidelidade de seus escravos. Mas o narrador, em *Simeão - o Crioulo*, procura alertar tais senhores mostrando-lhes que ingratidão e perversidade são frutos da escravidão e “tornam o homem capaz dos mais medonhos crimes”.⁸

Em “*Pai Raiol, o feiticeiro*”, segunda novela, o narrador mostra que o controle, a severidade cruel e punição, também, não protegem os senhores da periculosidade que representa a escravidão. Paulo Borges, um rico fazendeiro na província do Rio de Janeiro, era possuidor de muitas terras e muitos escravos. Tinha fama de senhor *severo, forte* e habilidoso para amansar os escravos *incorrigíveis e altanados*.

*“...na fazenda os castigos cruéis poucas vezes se observavam; porque a certeza deles nos casos graves desanimava os escravos mais audaciosos, que sabiam que o senhor nunca punia sem razão, e nunca perdoava, quando tinha que castigar.”*⁹

E tudo, realmente, foi assim até o fazendeiro comprar um lote de

⁸ MACEDO, Op. Cit., p. 116.

⁹ MACEDO, Op. Cit., p. 138.

escravos, entre os quais se incluía pai Raiol, escravo forte, mas de má feição e má fama. Isto não interessava a Paulo Gomes, “*ele não comprava homens, comprava máquinas; queria braços e não corações.*”¹⁰ Pai Raiol era feio e disforme física e moralmente, tinha “*o corpo exageradamente maior que as pernas, a cabeça grande, os olhos vesgos, riso hediondo, braços longos e mãos descomunais(...), um golpe de azorrague lhe partira pelo meio o lábio superior, e a fenda resultante deixara a descoberto dois dentes brancos, alvejantes, pontudos, dentes caninos,(...) aspecto repugnante de figura mais antipática.*”¹¹ Além disso, Pai Raiol “*era intrigante e perturbador da harmonia*” entre seus parceiros, maldoso e vingativo, era “*o demônio do mal e do rancor.*”¹² Mas, o fazendeiro desconhecia tais fatos.

O feiticeiro negro é um personagem presente em muitas obras brasileiras como, por exemplo, em *O Tronco de Ipê*, de José de Alencar; em *A Carne*, de Júlio Ribeiro; em *O Reino Encantado, Crônicas Sebastianistas*, de Araripe Júnior ou ainda *Mota Coqueiro*, de José do Patrocínio. Neste último, há uma versão feminina, a feiticeira Tia Balbina. No imaginário brasileiro, esta personagem, o feiticeiro, tem o poder de provocar medo e aguçar as superstições. Em *As Vítimas Algozes*, Pai Raiol, o escravo feiticeiro, que odeia os brancos, faz seu papel. Ele é a representação máxima em oposição ao seu senhor. Ele tem poder e é

¹⁰ Macedo, Op. Cit., p. 138.

¹¹ Ibidem, p. 143.

¹² Idem, p. 159.

temido pelos outros escravos. “*O feiticeiro das fazendas, esclarece o narrador, é o botânico prático que conhece as propriedades e a ação terrível de raízes, folhas e frutas que debilitam, enlouquecem, e fazem morrer o homem (...), o feiticeiro é peste e flagelo terrível*”¹³. Encarna, em si, as características físicas, morais e psicológicas negativas com que o elemento negro é retratado, não enquanto indivíduo, mas enquanto representante de uma raça ou grupo: “*O feitiço, como a sífilis, veio da África.*”¹⁴

E como a sífilis, o ódio do escravo contamina e destrói o outro com quem se relaciona; esta é a mensagem da segunda história do *As Vítimas Algozes*. Fazendo uso de sua influência sobre os outros escravos, pai Raiol encarrega uma escrava de seduzir o fazendeiro, envenenar sua mulher e seus filhos. O fazendeiro só não é morto porque uma velha escrava descobre a trama e a denuncia. Embora tenha sobrevivido, custou muito caro a Paulo Borges contrariar os dispositivos morais da ordem social vigente, envolvendo-se de forma tão “explícita” com uma escrava.

Como se vê, Macedo não poupa esforço na caracterização negativa das personagens negras. Fiel à sua determinação, não permite nenhuma dúvida por parte do leitor quanto à oposição que existe entre brancos e negros. Nem mesmo a denúncia que salva o fazendeiro é um gesto de bondade ou de justiça: a velha escrava só denuncia a trama criminosa por

¹³ MACEDO, Op. Cit., p. 132 e 134.

¹⁴ Idem., p. 123.

vingança, “*pelo ódio natural da escrava ao senhor*”¹⁵.

Em contraposição, temos um outro dado, nesta história, que merece atenção, por ser revelador, inclusive, da demonstração de preconceitos que a obra reflete: Paulo Borges, o único personagem senhorial a se envolver “amorosamente” com uma escrava, é descrito como *homem alto com cabelos castanhos e crespos(...) olhos pretos e belos, nariz aquilino, boca rasgada, e lábios grossos e eróticos, rosto oval e de cor que deveria ser branco rosado, se o rigor do sol não o tivesse bronzeado*. A estes atributos físicos acrescenta-se *modos rudes e uma certa aspereza artificial de gênio*¹⁶. Parece-nos claro que o autor, para não ferir a suscetibilidade dos escravistas, confrontando-os com o relato de um fato incontestável na realidade escravista brasileira, o do envolvimento destes com escravas, recorre à caracterização estratégica; faz uso da *verossimilhança ideológica racista*, segundo a qual a promiscuidade e sexualidade exacerbada são características dos negros e seus descendentes. Embora a narrativa não contenha nenhuma afirmação explícita, a descrição do personagem Paulo Borges coloca-o na condição de mestiço.

A retórica do autor, neste caso, baseada no antagonismo, apresenta o negro como referência negativa e, como referência positiva, o homem branco. Qualquer diversidade em relação a esta norma é apresentada como desvio accidental, inevitável e na maioria das vezes, causado pela *referência*

¹⁵ MACEDO. Op. Cit., p. 257.

¹⁶ Idem., p. 134.

negativa. O caso de Paulo Borges não “mancha” a *referência positiva*: ele é quem já está manchado. Para alguém se degradar a ponto de “*distinguir como mulher uma sua escrava*”, só mesmo um “*grosseiro escravo da sensualidade*”, argumenta o narrador. Assim colocado, o autor evita o confronto com a classe à qual direciona sua obra. Não coloca a nu a hipocrisia nem a moralidade de fachada.

Nossa hipótese, aqui, é corroborada pelas palavras de Luiz Gama¹⁷, em sua famosa carta autobiográfica a Lúcio de Mendonça:

*“Meu pai, não ousei afirmar que fosse branco, porque tais afirmativas neste país, constituem grave perigo perante a verdade, no que concerne à melindrosa presunção das cores humanas: era fidalgo; e pertencia a uma das principais famílias da Bahia, de origem portuguesa.”*¹⁸

Atitude diversa, da que teve Macedo, tiveram, alguns anos mais tarde, Artur de Azevedo e Urbano Duarte na peça *O Escravocrata*. Escrita em 1882, a peça aborda o adultério e a relação entre brancos e escravos. Sua apresentação é proibida e só chega ao público ao ser impressa, em

¹⁷ LUIZ GAMA (Bahia, 1830 - São Paulo, 1882), era filho de um senhor branco e uma africana livre. Seu pai o vendeu como escravo, ainda garoto. Supera todos os problemas, aprende a ler e escrever, assenta praça, depois é nomeado amanuense da Secretaria da Polícia. Torna-se advogado e dedica-se a causa dos escravos.

¹⁸ GAMA, Luiz. “*Autobiografia de Luiz Gama*”. Introdução de Roberto Schwarz. In. *Novos Estudos CEBRAP*. N. 25, Out./1989., p. 136 - 141.

1884. No prefácio, os autores, já *escaldados* pela primeira proibição, antecipam uma defesa contra a previsível argumentação crítica quanto a ofensa moral e irreabilidade dos fatos narrados:

*“Onde é que se acha o imoral ou o inverossímil? As relações amorosas entre senhores e escravos foram e são, desgraçadamente, fatos comuns no nosso odioso regime social; só se surpreenderá deles quem tiver olhos para não ver e ouvidos para não ouvir.”*¹⁹

Pretendendo-se uma obra abolicionista, cujo argumento é o aspecto ameaçador da escravidão para a segurança física e moral dos senhores, *O Escravocrata* relata o drama decorrente do romance entre uma senhora e seu escravo, um mulato, cria de estimação da família. Dessa ligação nasce um filho que, até aos vinte e dois anos, ignora sua verdadeira origem, pois é tido como filho legítimo do marido de sua mãe. A abordagem deste tema era extremamente ousada, pois transgredia a ordem e os valores da classe dominante, que nem sequer aventava a idéia de um relacionamento que quebrasse sua linha hierárquica. Dentro do sistema, o filho de uma escrava, independente de quem fosse o pai, era sempre escravo. Mas um filho de escravo com uma senhora branca seria automaticamente livre. Por esta razão, como observa Heloisa Gomes Toller,²⁰ a ousadia no tratamento

¹⁹ AZEVEDO, Artur e DUARTE, Urbano. *O Escravocrata*. In *Teatro de Artur Azevedo*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Instituto Nacional de Artes Cênicas, 1985. Tomo II. Apud. GOMES, Heloisa Toller. *As Marcas da Escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: UFRJ/EDUERJ, 1994., p. 145.

²⁰ GOMES, Heloisa Toller. Op. Cit. p. 145.

temático é abalizada por defensivas. O relacionamento é justificado pelo estado mórbido da protagonista feminina, uma “mulher nevrótica e de imaginação desregrada”²¹. Este recurso, porém, não impediu a proibição da peça, sob o argumento de que numa época tão conturbada por rebeliões, fugas e crimes de escravos, a representação de uma revolta destas, no palco, não seria de bom alvitre.

Se a maldade foi personificada no feiticeiro, a fraqueza moral e sensualidade, no mestiço, não pára aí o desfile de estereótipos em *As Vítimas Algozes*. Lucinda, a mucama é mais uma personificação do mal instituído pela escravidão.

Mucama, como se sabe, era um tipo de escrava doméstica, normalmente, encarregada de fazer companhia para a senhora ou sua filha, a sinhazinha, as quais ajudava na hora do banho, no vestir e no pentear. Muitas vezes tornava-se confidente leal e amiga. Geralmente, não fazia trabalhos pesados, não ia para o eito, vivia na casa grande. Com um pouco de sorte e empenho aprendia a ler, escrever, bordar, costurar e outros dotes. Na literatura, a mucama foi tema para muitos escritores e poetas, ao tratarem da escravidão. Ora são apresentadas como boas, leais e sensíveis, ora são vítimas do ciúmes e ingratidão das senhoras, em outras, o enfoque é o seu papel sedutor, inspirando desejo e volúpia nos senhores que as assediavam e julgavam-se com o direito de serem atendidos, posto que as mesmas eram propriedades suas. Outras vezes são más, ambiciosas, astutas,

²¹ AZEVEDO, Artur e DUARTE, Urbano. Apud. GOMES, Heloisa Toller. Op. Cit. p. 145.

sedutoras e amorais, como por exemplo, a personagem Braúlia, na peça *História de Uma Moça Rica* (1861), de Francisco Pinheiro Guimarães.²²

Nessa terceira novela, a mais longa das três histórias, numa intriga trágica e sentimental, repleta de recursos folhetinescos, a mucama tem relevante papel. O tema é a ameaça à honra da família, personificado na pureza virginal da sinhazinha Cândida, desvirtuada pela presença maléfica de Lucinda, uma jovem escrava. Cândida, ao completar dez anos de idade, ganha Lucinda como presente. Ambas têm propriamente a mesma idade e crescem juntas. Lucinda dorme à porta do quarto de sua sinhazinha. Com o passar dos anos, vai envenenando a alma da jovem senhora levando-a a uma degeneração moral, à qual só não sucumbe graças ao amor de um nobre jovem, Frederico.

No nome das duas personagens, Cândida e Lucinda, temos um interessante jogo semântico, no qual prevalece a dicotomia retórica da obra, classe dominante boa e escravos ruins. Enquanto o nome da sinhazinha, Cândida, denota pureza, ingenuidade, inocência, brancura imaculada, o nome da escrava tem a mesma raiz de Lúcifer, o maligno. Em oposição a Cândida, que é *um anjo* (repetidas vezes dito pelo narrador) Lucinda é o anjo mau, o demônio. Se alguma dúvida havia nesse sentido, o narrador, no capítulo trinta, encarrega-se de tirá-la, ao qualificar Lucinda como demônio, com todas as letras.

²² Ver: *A Personagem Negra no Teatro Brasileiro*, de Miriam Garcia Mendes. São Paulo: Ed. Ática, 1982.

“Travada estava a luta entre o anjo e o demônio, entre o gênio benéfico que empenhava em salvar, e o gênio maléfico a quem convinha perder Cândida, entre Frederico, o homem livre e moralizado,(...) e Lucinda, a mulher escrava e pervertida, sem educação zeladora dos costumes..”²³

Seguindo a tese, o narrador insiste na sua dialética, a escravidão gerou a natureza depravada de Lucinda e, esta, o sofrimento de Cândida e sua família. A dignidade de Frederico, o jovem apaixonado por Cândida, está, sobretudo, na sua condição de pessoa livre. A educação aprimora sua nobre natureza. E a educação talvez pudesse salvar a escravidão, sugere o narrador em interlocução como seu virtual leitor. Mas a educação tem duas faces, reflete ele: educar os escravos “na religião dos seus deveres”, significaria também educá-los “na religião de seus direitos de homens” e isto seria prepará-los para a “resistência inteligente dos oprimidos.”

Este último argumento, sem qualquer insinuação de ironia, revela a aridez humanitária do discurso narrativo, neste relato abolicionista de *As Vítimas Algozes*. Revela também a força da “circulação das idéias”: no Sul dos Estados Unidos, antes da Guerra Civil, havia punição para o branco que ensinasse um escravo a ler, pois o conhecimento o inutilizaria como escravo. *“Um preto deve apenas obedecer ao seu senhor - deve cumprir*

²³ MACEDO. Op. Cit. p. 221.

ordens. O Conhecimento estragaria o melhor preto do mundo.”²⁴ Ele estaria preparado para a resistência.

Nesse sentido, o abolicionismo manifesto em *As Vítimas Algozes* visa ao interesse da classe dominante. A luta é dos dominadores sobre os dominados; dos senhores ameaçados de ver perdido o capital empregado na compra dos negros para sustento de suas lavouras e vida ociosa. Na defesa da garantia do direito de propriedade é que se lança Macedo neste romance. O livro é um libelo contra a atitude reacionária dos senhores; aponta-lhes a verdade que não querem ver: chegou a hora de buscar novas alternativas econômicas. A escravidão não se sustentará por muito tempo, é preciso antecipar e garantir que não haverá perdas. “*A emancipação gradual com indenização garantida aos senhores é o conselho da prudência e o recurso providente dos proprietários.*”²⁵

O escravo importa na medida em que representa, agora, uma ameaça. É sobre os perigos que os brancos correm frente à presença do outro que Macedo discorre. Perigo que se agrava com a miscigenação, conforme o narrador: “*os crioulos são muito mais inteligentes e maliciosos que os negros da África; (...)O escravo africano mata o senhor, e se afasta do cadáver; o escravo crioulo antes de matar atormenta e ri das agonias do senhor, depois de matar insulta e esquarteja o cadáver*”.²⁶

²⁴ Ver: “O Caminho para a Liberdade.” In: SAGAN, Carl. *O Mundo Assombrado pelos Demônios: A Ciência Vista como uma Vela no Escuro*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.,p.344.

²⁵ MACEDO. Op. Cit., p. X, XI.

²⁶ MACEDO. Op. Cit. p. 97.

Nesse jogo retórico, em que faz uso da metonímia, o escravo torna-se a própria escravidão. A escravidão inteligente é muito mais perversa do que a escravidão brutal, diz o narrador referindo-se ao mulato e ao africano, escravos, e tirando deles os traços de humanidade. Sem uma trama ou intriga que a sustente e sem o clima de amenidades e atmosfera romântica com que é descrita a realidade social em *A Moreninha*, do mesmo autor, *As Vítimas Algozes* é perpassada por um vento gélido e ameaçador que percorre toda a obra envolvendo pessoas e prenunciando-lhes o perigo da “peste negra”. O fio que liga as histórias é o medo. Medo despertado pelas rebeliões de escravos nas colônias francesas e pela guerra nos Estados Unidos. As primeiras trouxeram a certeza de que o negro podia e sabia rebelar-se e ser tão cruel quanto os próprios senhores. A segunda, a certeza do inevitável fim da escravidão.

Nesse sentido, diríamos que Macedo, envolvido pela pressão social ditada pelo avanço do movimento abolicionista e, sem se permitir um distanciamento do real, deixa-se levar pelo medo e preconceito e faz de sua obra um grande folheto de propaganda anti-escravista e também antinegro.

A característica documental de *As Vítimas Algozes* não fica apenas no nível retórico da narrativa. Os relatos e a onda de medo que perpassam a obra é uma representação do que está ocorrendo na realidade brasileira

daquele momento. Conforme documentam historiadores,²⁷ que trabalham esse período, a resistência escrava em forma de revoltas individuais e coletivas tomam corpo após a abolição do tráfico e se intensificam após 1860. O conceito de escravidão como *cancro ou peste* também não é novidade para o leitor da época. O argumento mais freqüente contra a escravidão era o seu caráter corruptor e os vícios que conduziam à decadência moral dos brasileiros. Isto já estava presente, por exemplo, em 1843, no artigo, “*Colonização*”, de Torres Homem (1812-1876), quando o tráfico não havia, ainda, sido abolido definitivamente. Segundo ele,

*“a escravidão leva a corrupção e o vício até o centro das famílias, quer seja por exemplos reiterados da mais grosseira imoralidade, quer pela depravação que infiltra na alma inocente de tantos meninos confiados aos desvelos de estúpidos escravos, só pedagogos da infâmia e preceptores do crime.”*²⁸

Torres-Homem era médico, diplomata e formado em direito na França. Participou com Gonçalves de Magalhães e Araújo Porto Alegre, em Paris, na comunicação ao Instituto Histórico de Paris sobre a situação da cultura brasileira.²⁹ A estadia em Paris leva esses jovens brasileiros a

²⁷ Ver: AZEVEDO, Célia M. Marinho de - *Onda Negra, Medo Branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
MACHADO, Maria Helena P.T. - *Crime e Escravidão*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

²⁸ TORRES-HOMEM, Francisco de Salles. *Colonização*. Paris, Minerva Brasiliense, Tomo.2, nº 15, p.448/9.

²⁹ “*Resumé de l’histoire de la littérature, des Sciences et des Arts au Brésil, par trois bresiliens, membres de l’Institut Historique*. IJH, Première Année, Première Livraison, Paris, Aut 1834, p.47-53. Apud. CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*, p. 13.

travarem contatos com novas orientações literárias e, começa com eles, a definição de uma literatura nova no Brasil, uma literatura autônoma, que busca privilegiar a cor local. Para isso, influenciou significativamente o brasilianista Ferdinand Denis (1798-1890), que já havia, então, escrito algumas obras sobre o Brasil e suas manifestações artísticas e literárias, como por exemplo, o *Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil*.

*“O Brasil, que sentiu a necessidade de adotar instituições diferentes daquelas que lhe foram impostas pela Europa, experimenta já a necessidade de ir buscar sua inspiração poética em fontes que realmente lhe pertencem; e na sua nascente glória ele nos dará, em breve, as obras-primas desse primeiro entusiasmo que atesta a juventude de um povo.”*³⁰

Estranhamente, porém, a influência de Denis só é absorvida no aspecto indianista e no aproveitamento da natureza como fonte de inspiração. O elemento negro, embora exaltado como um dos componentes da raça brasileira e possuidor, como as demais raças, de caráter poético próprio não foi incorporado como elemento inspirador do nosso imaginário.

Para Ferdinand Denis, o poeta não deveria esquecer os erros do passado,

³⁰ DENIS, Ferdinand. *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil*. Paris: Lecoq et Durey Libraires, 1826. Trad. Guilhermino Cesar (1978).

“ ... excite uma piedade tardia, mas favorável aos restos das tribos indígenas; e esse mas povo exilado, diferente pela cor e pelos costumes, que não seja esquecido nos cantos do poeta; que ele adote uma pátria nova, e que a cante ele mesmo...”³¹

Sua orientação não impediu que esse *povo exilado, diferente pela cor e costumes*, ficasse pelos cantos, à margem da literatura, tanto quanto a sua novela *Palmares*³², cujo tema é a história de Zumbi. Nem as obras de Voltaire, Montesquieu e outros, leitura certa e inspiração de nossos ilustrados, conseguiram dissolver a ambigüidade e contradições do pensamento político e cultural brasileiro, na época. Ambigüidade e contradição, claramente refletidas em *As Vítimas Algozes*, em que se defende a emancipação dos escravos apregoando a igualdade de direitos, mas despreza os negros e os qualifica como inferiores, brutais e perigosos; contradição em que, também, incide Torres Homem, no seu texto, ele próprio neto de uma escrava.

Voltando a *As Vítimas Algozes*, temos que reconhecer que esta obra, mais que o reflexo das contradições, é um espelhamento da ideologia senhorial. As três histórias que a compõem não proporcionam prazer ou

³¹ Ibidem. (1826).Ed. e trad. Guilhermino Cesar (1978), p.38.

³² DENIS, Ferdinand. *Scènes de la Nature sous les Tropiques et de leur Influence sur la Poésie*. Paris: Louis Janet, 1824. Esta obra é composta de duas novelas, *Machacalis* e *Palmares*, dedicado a primeira ao tema do índio e a segundo aos negros. *Machacalis* foi traduzida por Jean-Paul Bruyas, em 1979. *Palmares* só agora está sendo traduzida.

distração. Resumem-se no apregoamento de uma idéia, a tese da emancipação gradual dos escravos com indenização aos senhores. Há, nela, uma repetição sistemática de frases e termos, como um refrão, que o autor parece querer que fique gravado na mente de seu leitor. A isto, entremeiam-se as histórias exemplificadoras da periculosidade da escravidão e dos escravos.

Mais que uma obra literária, o livro parece ser um enorme artigo panfletário. O léxico é tão repetitivo quanto revelador do jogo retórico de que faz uso o autor. A categoria semântica fundamental, neste caso, está na dicotomia branco/negro; senhor/escravo/ bom e mau, não havendo meio termo. A única ponderação é o hipotético “se” que alimenta o *refrão* “se não fosse a escravidão...” Na tentativa de persuadir, o narrador se exaure enquanto espelha a visão etnocêntrica de seu criador.

Os termos com que são descritos e caracterizados os negros trazem em si uma carga negativa proporcional à carga positiva das palavras relacionadas aos senhores. Enquanto o negro ou crioulo é adjetivado como malvado (palavra usada dez vezes), *perverso* (ocorre dezesseis vezes), *pérfito*, *infame*, *traíçoeiro*, *dissimulado*, *rancoroso*, *feroz*, *vadio*, *vil*, entre outros; o senhor é *gentil*, *honrado*, *inteligente*, *bom*, *afável*, *generoso*, *honesto* e *laborioso*. A jovem branca, a sinhazinha, é *graciosa*, *elegante*, *mimosa* e *linda criatura*. Sua boca é *pequena*, seus cabelos são *finos* em oposição a *lábios repugnantes* e *rudes feições* da escrava a quem são atribuídos *meneios lascivos*, *olhos libidinosos*, *imaginação depravada*. A

senhora é *esposa virtuosa, honesta, uma santa mulher*; a escrava é *obscena, devassa, sacerdotisa de vícios imundos*. Os brancos senhores *vivem um amor honesto e puro*, enquanto o negro tem hábitos de *devassidão, paixão criminosa e torpe, luxúria infrene, feroz*. Também a religião e a cultura sofrem julgamento a partir do referencial cultural europeu e, conseqüentemente, são desqualificados. As danças dos escravos são descritas como *danças bacanaís, festas selvagens, bailar violento, dança frenética*. A música é citada como *grosseira*.

O diferente não é bom nem bonito, o que vem do outro é bárbaro, sujo, feio e corrompido. Assim reza a ideologia do dominador: o outro não é. Pretendendo ser documental, Macedo reproduz em sua obra as idéias racistas vigentes e propagadas pelos escravistas. Sem ser realista, desenha o movimento de resistência dos escravos, com cores fortes e exacerbadas, como se as observasse através de uma lente deformadora. Inverte a realidade social ao colocar como vítima o dominador e como algoz o dominado, fazendo regra das exceções. Mas, por outro lado, se conseguimos isolar os adjetivos [des]qualificadores ditados pelo preconceito, temos, na obra, descrições de costumes, rituais religiosos e culturais dos negros, verdadeiros quadros da escravidão.

Suspeita-se que *As Vítimas Algozes* tenham sido encomendadas, pelo Imperador, visando preparar o público para a Lei do Ventre Livre. Isto de certa maneira explicaria o aspecto panfletista da obra. É verdade, inclusive, que na introdução o autor menciona o *ventre livre* das escravas como

primeiro passo para a emancipação, que, segundo sua tese, deveria completar-se em prazo não muito longo com indenização garantida aos senhores.³³

O Demônio Familiar (1857) e *Mãe* (1860), ambas de José de Alencar, também abordam o tema da escravidão. Na opinião de alguns críticos, com os quais concordamos, são obras abolicionistas. No entanto, há divergências de opiniões a este respeito, sobretudo, em razão do autor, por ocasião das discussões para aprovação da Lei do Ventre Livre, ter se posicionado contra, declarando:

*“(...) essa idéia da liberdade do ventre desorganiza o trabalho livre, dando-lhe por exemplo e mestre o trabalho escravo; ao mesmo tempo, aniquila o trabalho escravo, pondo-lhe em face, a todo instante, a imagem da liberdade. Finalmente, contamina a nova geração, criando-a no seio da escravidão, ao contacto dos vícios que ela gera.”*³⁴

As palavras, acima citadas, revelam que o pensamento político-social do cidadão José de Alencar parece não coincidir com as idéias que a obra do escritor passa para leitores, naquele momento. A intenção do autor não precisa, necessariamente, corresponder ao que percebe ou sente o receptor

³³ Apud. BROOKSHAW, David. *Raça & Cor na Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. P. 33.

³⁴ In Rui Barbosa. *Emancipação dos Escravos*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1884., p.15-22.

da obra. Jonathan Swift não pretendia uma obra infantil quando escreveu as *Viagens de Gulliver*, nem Lewis Carol, com *Alice no País das Maravilhas*, no entanto é assim que são lidas.

O fato de as peças de Alencar não condenarem explicitamente a escravidão não lhes tira o mérito de ter influenciado positivamente o público em relação à causa dos escravos. Inegavelmente, o autor dá voz e espaço às personagens negras, além de construí-las com caracteres não muito habituais no período. Pedro (*O Demônio Familiar*) e Joana (*Mãe*) são protagonistas, são bem construídos, dotados de qualidades e sentimentos nobres. Diferente de Lucinda, o “demônio” de *As Vítimas Algozes*, não é por má índole que Pedro faz suas armações e trapalhadas, mas porque tem um objetivo definido: seu sonho de ser cocheiro. Além disso, no seu papel, é um garoto esperto e conhecedor das fraquezas daqueles com quem convive. Não tem maldade, tem astúcia. Sua atuação, o coloca na galeria de personagens cômicos marcantes como, na expressão de Machado de Assis, “o Fígaro” (fluminense).

Aliás, Machado de Assis é um dos críticos que vê conteúdo abolicionista nestas duas obras de Alencar. Segundo ele, “as conclusões de *O Demônio Familiar* e as conclusões de *Mãe* têm caráter social que consola a consciência; ambas as peças, sem saírem das condições da Arte, mas pela própria pintura dos sentimentos e dos fatos, são um protesto contra a instituição do cativo”. Isto se faz, continua o crítico, pela “simples impressão que produz no espírito do espectador, como convém a

uma obra de arte.”³⁵

Alencar dedicou a peça a sua mãe:

*“É um coração de mãe como o teu. A diferença está em que a Providência o colocou o mais baixo que era possível na escala social, para que o amor extremo e a abnegação sublime o elevassem tão alto, que ante ele se curvassem a virtude e a inteligência; isto é, tudo quanto se apura de melhor na lia humana...”*³⁶

Numa clara demonstração de que o hábito não faz o monge, temos a opinião de Joaquim Nabuco, abolicionista ativo, mas nem por isso livre de sentimentos etnocêntricos e outras ambigüidades características da sociedade brasileira no período. A respeito da peça *Mãe*, Nabuco considera que *“não era nessa raça infeliz que o senhor José de Alencar devia ter procurado o ideal de mãe; entre os animais ser-lhe-ia mais fácil descobrir casos de heroísmo muito mais tocantes do que essa escrava que se faz, sem sacrifício, vender pelo filho.”*³⁷

A que sacrifício refere-se Nabuco? Joana renunciava à possibilidade

³⁵ ASSIS, J. M^a Machado de. - *Crítica Teatral*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1938., p. 236 e p. 244. [Grifo da autora].

³⁶ ALENCAR, José. - *Mãe*. Rio de Janeiro: Tip. Paula Brito, 1862. Apud. SAYERS, Raimond. - *O Negro na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.

³⁷ Apud. COUTINHO, Afrânio. Dir. *Obra Crítica de Araripe Júnior*. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958. P.111-12.

de ficar perto do filho e a uma situação “privilegiada” em que vivia, pois sua condição de escrava, naquela casa, não deveria ser a dos padrões convencionais. Ser vendido, ser separado de seus entes queridos, era condição “natural” do escravo. Na ideologia dos senhores isto, certamente, não era sacrifício. A opinião do estadista não nos surpreende, considerando que, embora se empenhasse na luta pela libertação dos escravos e reconhecendo toda a contribuição destes para o desenvolvimento do país, Joaquim Nabuco não os via como sujeitos capazes de defenderem a própria causa, arrogando aos brancos a tarefa de fazê-lo.

Mas Nabuco não é o único exemplo dessa contradição. Na realidade, a contradição é apenas uma das facetas da sociedade brasileira no século passado, correspondendo às “idéias fora do lugar” de Schwarz. De qualquer forma, consideramos que José de Alencar, enquanto escritor, apesar das contradições e posicionamento político, era mais favorável aos escravos do que o escritor Joaquim Manoel de Macedo. Pois este, ao pintá-los como ingratos, imorais e vingativos, não lhes deixa margem para sobrevivência. Como ervas daninhas, em um canteiro, devem ser arrancados antes que comprometam a plantação. Se a escravidão os tornou perigosos, como reverter o processo? A impressão que fica no espírito, depois de ler “*As Vítimas Algozes*”, é a de que o negro deve ser banido junto com a escravidão.

Alencar, por outro lado, mesmo que pense em termos senhoriais, “de cima para baixo”, e “considere a liberdade como algo a ser conquistado e

não inerente ao homem”³⁸, através de alguns personagens, aponta a humanidade e grandeza de alma de alguns escravos. Assim é Joana. Assim, também, é pai Benedito, de *O Tronco do Ipê*. Um velho escravo, considerado feiticeiro pela gente dos arredores de onde morava, é descrito pelo narrador como um negro bonito, fisionomia agradável e bom, apesar do rótulo que lhe é imposto. Esse escravo tem uma atuação importante no desfecho do romance, além de participar de um ato heróico ao lado de Mário, um dos protagonistas da história. Graças à iniciativa e desprendimento do escravo, eles salvam a jovem Alice de morrer afogada.

Segundo o narrador, pai Benedito foi o instrumento e Mário, o herói. Este mesmo narrador insiste em mostrar que os sentimentos que levam Mário a arriscar sua vida para salvar a amiga não eram os mais nobres. Além disso, sem a ajuda do escravo, ele não seria herói e teria sucumbido junto com Alice, ambos tragados pelas águas do boqueirão. Deixa, assim, para o leitor o julgamento de valor sobre o heroísmo dos dois. Além disso, fica difícil comparar o “feiticeiro” de Alencar com o de outros escritores do período, no geral estereotipados e infamados no aspecto físico, moral e espiritual.³⁹ Pai Benedito não era um feiticeiro. O preconceito e a beatice de algumas carolas do povoado o rotularam assim. Isto está explícito no romance. Alencar abre e encerra *O Tronco de Ipê* com o velho escravo,

³⁸ PRADO, Décio de Almeida. *Os Demônios familiares de Alencar*. Separata da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. No. 15. São Paulo: USP, 1974.

³⁹ Por exemplo, Joaquim Cambinda,: “Era horroroso esse preto: calvo, beijudo, maxilares enormes, com as esclerótidas amarelas, raiadas de laivos sangüíneos, a destacarem-se na pele muito preta.(...) semelhava uma hiena fusca, vagarosa, covarde, feroz, repelente...” in RIBEIRO, Júlio. *A Carne*., p. 81.

porém o mais importante é que este concretizador do mito do “bom selvagem” na Literatura Brasileira dá, nesse romance, sua contribuição para derrubar o mito da maldade negra personificado no “feiticeiro africano”.

A ideologia dominante da qual faziam parte idéias positivistas, evolucionistas e naturalistas que aqui aportaram, teve tal força de introjeção que, mesmo aqueles que defendiam a libertação dos escravos por motivos humanitários, foram por ela contaminados. Isto fica bastante evidenciado pela incorporação dos valores da estética branca dominante. Esta incorporação nem sempre foi consciente, mas evidencia-se em deslizes denunciadores, aos quais todos estamos sujeitos.

ESCRITOR ABOLICIONISTA, ROMANCE NEM TANTO.

Se escritores brancos como Macedo e Alencar traíram-se, em suas narrativas, quanto às suas impressões, crenças e atitudes com relação ao escravo, como terá se saído um escritor que, antes de tudo, era um abolicionista e tinha ascendência africana?

Estamos nos referindo a José do Patrocínio, jornalista ativo, lutador obstinado pela causa abolicionista. Era filho de uma quitandeira negra e do Reverendo João Carlos Monteiro¹, da cidade de Campos. Além do jornalismo, José do Patrocínio fez também sua incursão no campo da literatura. Escreveu três romances: *Pedro Espanhol*, em 1884; *Os Retirantes*, em 1887, e *Mota Coqueiro ou a Pena de Morte* no mesmo ano.

Pedro Espanhol, na opinião de Wilson Martins, é um dramalhão folhetinesco, com conotação anticlerical e homenagem a Pombal. Nesse romance, há algumas personagens negras descritas como figuras boas e generosas. Segundo Raymond Sayers, essas personagens não apresentam recalques, complexos de inferioridade ou sentimentos de vingança. São leais, honestas, e sensuais. Em síntese, é um romance que contribui para um

¹ CUNHA, Ciro Vieira da. *No Tempo de Patrocínio*. São Paulo: Saraiva, 1960. , p. 4.

estudo do negro na Literatura Brasileira na medida em que “apresenta um quadro das classes inferiores urbanas do Rio, em que o negro era elemento capital”.²

Os Retirantes foi reeditado em 1973, provavelmente, em comemoração pelos cento e vinte anos de nascimento do escritor. Dividido em 2 volumes, *A Paróquia Abandonada* e *A Retirada*, este romance, segundo R. Magalhães Júnior, nada fica a dever aos melhores romances modernos do ciclo da seca.

Comparando-o ao romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, diríamos que o cenário e o tema são os mesmos, o Ceará e a grande seca que o assola, mas o foco é diferente. Enquanto Graciliano Ramos privilegia o retirante, expondo sua luta, sua dor, suas indagações, sua força e fé frente as intempéries que vive, José do Patrocínio faz da seca um pano de fundo no qual se movimentam personagens construídas sem marcas significativas ou identificadoras, exceto pelos sentimentos passionais que as atormentam, tanto quanto a desgraça da seca. Sentimentos como os com que se debate O vigário Paula, personagem principal da história. Um padre cuja conduta não condiz em nada com sua função: é mesquinho, ambicioso, explorador e vingativo, com o agravante de seduzir jovens belas e ingênuas. Característica esta atribuída a quase todos os padres que aparecem na estória.

² SAYERS, Raymond S. *O Negro na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.

O anticlericalismo, talvez esteja relacionado à própria história de José do Patrocínio, cujo pai era padre e, ao que consta, não se furtava aos romances.

Um misto de romantismo e realismo com nuances naturalistas recobre *Os Retirantes*. Cenas como a da decisão e o ato de matar um cachorro de estimação para saciar a fome, ou a atitude desesperada de uma retirante que, para evitar a morte de seus dois filhos, opta por matar um e fazer dele o alimento que garantirá a vida do outro, são passagens marcantes. Assim como é marcante a forma irônica com que o narrador denuncia o desprezo das autoridades pelos retirantes:

"... os retirantes são uns miseráveis esfaimados que comem quanto milho vem. Aos meus cavalos só posso dar ração duas vezes ao dia.

*- Desta maneira o pobre animal talvez não resista à seca..."*³

Quanto aos escravos, a obra não apresenta nenhum. A única referência ao assunto é a menção feita por uma das personagens, Rogério Monte, um fazendeiro que, em decorrência da seca, perde todos os seus bens. Restando-lhe apenas os escravos, lança mão deles para quitar suas dívidas.

Motta Coqueiro ou a Pena de Morte, o seu romance de maior

³ PATROCÍNIO, José. *Os Retirantes*. São Paulo: Ed. Três, 1973. p.66.

destaque, foi reeditado em 1977. Não é, como se poderia esperar, uma obra dedicada ao negro e à escravidão. Mas, tendo por cenário uma fazenda de escravos, retrata cenas ilustrativas. Seu tema é um outro problema social da época: a pena de morte. O romance é um libelo contra a condenação máxima, patenteado no pensamento do protagonista ao ouvir a sua condenação.

“De feito que palavras poderiam encarnar em si a amargura de um espírito que, certo da sua inocência, não tinha forças para impedir que a sociedade, em nome da justiça, lhe extorquisse tudo quanto mais prezava, a honra, a família, a vida?! (...) Que palavras merecia uma sociedade que exara nos seus códigos como circunstâncias agravantes a superioridade de forças de ofensor sobre o ofendido, e que no entanto aponta mil espingardas no peito do réu, algema-o, ata-lhe ao pescoço um baraço, e fá-lo subir ao cadafalso?”⁴

Para defender sua tese, José do Patrocínio lança mão de um acontecimento real, ocorrido em 1855, em que um fazendeiro do Estado do Rio de Janeiro é condenado à morte, acusado de ter mandado matar um agregado de sua fazenda, bem como a família deste. Foi um crime que abalou a cidade de Macaé, agitou a imaginação popular e gerou inúmeras histórias.

⁴ PATROCÍNIO, José. *Mota Coqueiro ou a Pena de Morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves/ L.N. L., 1977. p.244.

A narrativa de José do Patrocínio, não segue um tempo linear: inicia-se com a tarde do enforcamento, em seguida, em flash-back, numa minuciosa reconstrução do meio social e das personagens, leva o leitor a conhecer a fazenda, os escravos, o agregado e sua família, os inimigos do fazendeiro e todos os acontecimentos que culminam no crime e conseqüente condenação de Mota Coqueiro. Na trama, o autor tenta conciliar uma retórica de fundo romântico e a abordagem de um problema social. O relato, cheio de minúcias, muitas vezes dispensáveis, tem também alguns rasgos de naturalismo. Romântica é, por exemplo, a descrição da natureza:

“O sol era ardente, o calor abrasava. Era a hora em que o canavial inclina as folhas como as penas de um cocar enorme; em que a cigarra chilra...; em que a araponga branca, à semelhança de um soluço de espuma sobre o verde mar do oceano, tine entre a folhagem do ipê vestido de novo os seus cantos agudos e tristonhos.

Voam as nuvens de tiés e guaxás piando, tontos de calor, e as tiribas gárrulas coçam as asas de esmeralda entre a sombra rarefeita das embaúbas.

(...) No meio da floresta ouvem-se todos os sons conhecidos; desde o uivo soturno da turubina em atividade, imitado pela cachoeira que ao longe se despenha na grotta, ... até o gemido profundo, soluçado pelas juritis.”⁵

⁵ PATROCÍNIO. Op. Cit., p. 110.

Por outro lado, temos expressões como *“faces cadaverosas do padecente, faces macilentas, remadas viris, olhar esgazeado, escalações insalubres de enxovias sórdidas”*,⁶ além de algumas descrições em que se ressalta o animalesco, o sórdido, o mórbido e a sede de vingança.

*“A fria premeditação do feitor espojava-se, então, na hediondez dos instintos sanguinários, como porco farto no lamaçal do chiqueiro, e como no focinho alongado e negro do animal ficam a branquear as duas longas presas curvas, no rosto do assassino intencional ficavam sempre à mostra o despeito e o ódio.”*⁷

Carolina, uma das escravas da fazenda, além de uivar como os cães à noite, tem no rosto *“a feia cor dos panos pretos mofados...”* No cenário do horrendo crime, a morbidez e a tara: *“a justiça incumbiu-se de arrancar ao bico adunco dos corvos os cadáveres já putrefatos(...) O assassino não se contentara em imolar oito vítimas; pelo que se via na posição e nudez dos cadáveres, havia levado a sanha até a violação do pudor das donzelas e indignação do recato de esposa.”*⁸

Na senzala, segundo o narrador, imperam as paixões, a dissimulação, as rivalidades e intrigas. E estes são os sentimentos que movem a intriga, numa linha de descrição bem próxima da ótica naturalista.

⁶PATROCÍNIO, Op. Cit. Cap. 1.

⁷ PATROCÍNIO, Op. Cit. p. 72- 73.

⁸ Ibidem., p. 72, 73, e 217.

Trata-se de um naturalismo precoce e mal definido, diríamos, posto que, na maior parte do tempo, o autor se limita à colagem de rótulos, sem aprofundar-se na construção da personagem ou da situação narrada. Entretanto, em certos momentos, como na cena do enforcamento e da descrição do assassinato da família do agregado, Patrocínio chegou a requintes surpreendentes.

Embora percorra caminhos diferentes, José do Patrocínio não se distancia muito de Joaquim Manuel de Macedo, em *As Vítimas Algozes*. Ambos têm o mesmo discurso ideológico. Retrata a bondade, inocência e coragem do senhor de escravos em oposição ao ódio, ignorância e covardia de negros e mulatos. Ambos apregoam o potencial danoso da escravidão, que de homens faz feras, e procuram demonstrar o quanto o escravo ameaça a segurança e a tranquilidade dos senhores. Um fazendeiro bondoso, até certo ponto ingênuo, honesto, acusado injustamente de um crime que não cometeu, é levado à forca. Sua família é desmantelada. Sua honra é lançada por terra e enlameada com histórias vis criadas pela imaginação popular. Por trás dessa desgraça estão escravos, feitor, agregados, gente “desqualificada”, ignorante, dominada pelo ódio e pela vingança, por graça e obra da escravidão. A escrava que testemunha contra o fazendeiro, a feiticeira Balbina, sabe que não foi o senhor quem cometeu o crime, mas é a sua chance de vingança e ela não a deixa escapar. Mesmo que para isto condene junto alguns escravos, seus companheiros.

Apesar de seu posicionamento político e de sua luta manifesta em favor da raça negra, Patrocínio mostra o estereótipo de escravo demônio, vingativo, cruel, bem vivo e forte dentro do seu romance. A palheta que o escritor usa tem as mesmas cores exacerbadas que a de Macedo e sua pintura parece ter sido inspirada na mesma escola, bem nos moldes da ideologia senhorial. Os dois pintam a escravidão como o mal que degrada, desumaniza os escravos, mas isto não os livra do estigma de ameaçadores e culpados. O libelo contra a escravidão acaba, mais uma vez, voltando-se contra os próprios escravos.

Esta atitude era bastante coerente com as idéias racistas, vistas no capítulo anterior que circulavam na época. Não sendo “boa”, a raça negra tinha que desaparecer. A nódoa da escravidão estendia-se na mistura das raças que se fazia no Brasil. O mal a ser eliminado não estava apenas no eito ou na senzala. Os mulatos invadiam outros campos: muitos nasciam livres, outros conquistavam sua liberdade e alguns tornavam-se senhores proprietários de escravos. Estavam invadindo o espaço sacrossanto dos poderosos. A teoria do branqueamento surge como alternativa para “salvação” da pátria brasileira. O projeto de imigração, a vinda organizada de europeus, visa, mais que substituir a mão de obra negra, substituir o negro, torná-lo dispensável, inútil, extingui-lo. Nesse sentido, o discurso abolicionista, antinegro, parece fazer sentido.

O tema da vingança foi um dos fortes argumentos do discurso abolicionista. Não apenas os “algozes” de Joaquim Manuel de Macedo, ou

a Balbina de José do Patrocínio fizeram dela seu instrumento. Fagundes Varela com *Mauro, o Escravo*, e Castro Alves, em *Bandido Negro*, também cantam essa versão sinistra do ódio escravo. Mauro é um escravo bonito, filho de um fazendeiro com uma de suas escravas. Tem uma irmã escrava e um irmão filho legítimo do senhor. Este irmão tenta violentar a escrava e é por isso insultado por Mauro. Por sua ousadia, o escravo é preso ao pelourinho para ser punido. Revoltado, Mauro foge. Como consequência, sua irmã é flagelada e morta por um outro escravo, verdugo da fazenda. Possesso pelo ódio e a sede de vingança, o belo escravo torna-se uma figura sinistra. Sua vingança é executada com requintes de crueldade. A partir de então, Mauro torna-se um fantasma a povoar a imaginação popular espalhando o medo.

Para Raymond Sayers, Mauro, enquanto indivíduo bem apessoado, porte nobre e orgulhoso compara-se a Bug-Jargal, de Victor Hugo. Isto, porém, só é aceitável se ficarmos, mesmo, no nível da aparência física e do orgulho que ambos sentem. Além de ser filho legítimo de reis africanos, o que lhe assegurava o reconhecimento de outros escravos, inclusive, dispostos a morrer por ele, Bug-Jargal tinha um sentimento mais forte que o ódio pelos brancos que lhe destruíram a família, violentaram a mulher e mataram-lhe os filhos. Movia-o o sonho de liberdade para o seu povo. E mais forte que esse ideal era o amor que sentia por Maria, a jovem branca, conforme declara nos versos da canção abaixo:

*“ (...) Rei e livre, Maria! E esqueceria,
Tudo por ti... esqueceria tudo,
A família, o dever, o reino e vingança.
Sim, até a vingança... ainda que cedo
Tenha enfim de colher este acre fruto,
Acre e doce que tarde amadurece.*

.....
*E porque enjeitas meu amor? Escuta:
Eu sou rei, minha fronte se levanta
Sobre as frentes de todos. Ó Maria,
Eu sei que és branca e eu negro, mas precisa
O dia unir-se á noite, escura,
Para criar as tardes e as auroras,
Mais belas do que a luz, mais do que
[as trevas. ”⁹*

Acreditamos que mais próximo de Bug-Jargal está Macambira¹⁰, personagem de Coelho Neto. O rei negro, Macambira, é apresentado no romance, como um sujeito de belo tipo, porte esbelto e desembaraçado. Ostenta uma austeridade e um ar taciturno e altivo que impõe aos companheiros respeito e temor. Tido como príncipe entre os de sua raça era como tal reverenciado, assim como o herói de Victor Hugo.

⁹ HUGO, Victor - *O canto de Bug-Jargal*.. Traduzido por Castro Alves. In: *Os Escravos*. São Paulo: Martins Ed.; Brasília: INL., 1972, p. 107- 109.

¹⁰ NETTO, Coelho. - *Rei Negro: Romance Bárbaro*. Porto: Livraria Chardron, 1914.

Em *Bandido Negro*, Castro Alves, que produziu diversos poemas comoventes sobre o drama do escravo, explora o tema da vingança e é perspicaz nas cores com que pinta o salteador negro que ameaça, com sadismo e ironia, a vida e a honra dos senhores e suas famílias. Na composição, as sensações visuais, provocadas pelas palavras, assomam como imagens em movimento e provocam forte emoção:

*“Somos nós meu senhor, mas não tremas,
Nós quebramos as nossas algemas
P’ra pedir-te as esposas ou mães.
Este é o filho do ancião que mataste.
Este é irmão da mulher que manchaste...
Oh! Não tremas, senhor, são teus cães.*

*Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.”¹¹*

Mais uma vez, as vítimas da vingança serão as mulheres e as crianças, numa atitude “olho por olho, dente por dente”. O senhor matou, castigou, violou e, agora, em reação os escravos autolibertos farão justiça. O poema é montado como se fosse para duas vozes, uma individual e outra coletiva. A coletiva é a do refrão, anuncia e impulsiona o movimento

¹¹ ALVES, Antonio Castro. - *Os Escravos*. São Paulo: Martins; Brasília: INL., 1972., p. 83-91

vingativo. As outras estrofes são “falas” do escravo, como “voz da consciência” a ser ouvida no ajuste (do juízo) final, trazendo para o momento presente os atos de crueldade do senhor para com os seus “animais”: inofensivos cães, sedentos de sangue e de justiça. A mensagem é clara, liberdade já ou a tortura pelo medo de vingança, enquanto houver escravidão.

Castro Alves foi magnífico em sua poesia e principalmente na abolicionista. Não nos deteremos, porém, na obra e méritos do poeta, pois isto só por si, nos renderia umas tantas teses. Vejamos Machado de Assis.

4. MACHADO DE ASSIS

4.1.MACHADO DE ASSIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

4.2. MACHADO DE ASSIS E A ESCRAVIDÃO

4.2.1.SABINA, UMA NINFA NEGRA

4.2.2. E DEPOIS DA ABOLIÇÃO...

MACHADO DE ASSIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

“A sua biografia ainda não foi escrita e provavelmente não o será nunca, nesse particular a modéstia de Machado é, não direi só excessiva e infundada, mas feroz, ...”¹

Aos vinte e um de junho do ano da Graça de mil oitocentos e trinta e nove, no bairro do Livramento, na cidade do Rio de Janeiro, corte do Império, nascia Joaquim Maria Machado de Assis, filho Legítimo de Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis. Ele, natural do Rio de Janeiro, pardo, filho de pais forros, pintor e dourador. Ela, portuguesa da ilha de São Miguel, Açores.

A infância do jovem Joaquim e parte de sua adolescência é uma incógnita para seus biógrafos. Segundo dizem, recebeu carinho e atenção de sua madrinha, uma nobre senhora à qual seus pais estavam agregados. Aos seis anos de idade perdeu sua única irmã. Sua mãe morreu quando ele tinha por volta de dez anos. Seu pai torna a casar-se e mudam-se da chácara do Livramento, onde o garoto nascera. Por essa ocasião, Joaquim Maria Machado de Assis, segundo consta, passa a vender doces e balas fabricadas por sua madrastra; entretempos, também, é sacristão.

¹ Parte de texto publicado na revista teatral *Pena & Lápis*, no dia 10 de junho de 1880 e transcrito pela revista *Estação*, nº 12, ano IX, de 30 de junho de 1880. Apud. Magalhães Júnior. R. *Vida e Obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira/ Brasília: INL, 1981. Vol. 3., p. 3

Uns dizem que foi um menino triste, franzino, doentio. Outros dizem que, apesar da pobreza, Joaquim Maria foi um garoto como todos os outros. Nem franzino, nem doentio sugere o fato de ter sobrevivido às epidemias da época, como o Cólera, por exemplo. Se a pobreza o fez triste ou infeliz? Acreditamos que, para criança, felicidade e pobreza não são incompatíveis havendo carinho, atenção e imaginação. Com imaginação, a criança pode fazer do seu mundo o “melhor dos mundos”. Isto me traz à mente uma crônica de Rubem Alves, na qual ele relembra etapas de sua vida. Sobre a infância, que foi muito pobre, escreve o seguinte:

“Examinei cuidadosamente as cavernas da memória, onde guardo minhas recordações de infância. Não encontrei nada, absolutamente nada, que se parecesse com uma memória infeliz.(...) Razões para ser feliz eu não tinha.(...) Morávamos numa velha fazenda que um cunhado emprestara a meu pai. Não tinha luz elétrica... não tinha água dentro de casa: minha mãe ia buscar água na mina com uma lata vazia de óleo... Não tinha chuveiro: tomávamos banho de bacia... Não tinha forro: de noite víamos os ratos correndo nos vãos das telhas. Não tinha privada... e eu não tinha brinquedos. Não me lembro de um sequer. E, no entanto, não consegui encontrar nenhuma memória infeliz. Eu era um menino livre pelos campos... Eu não sabia que éramos pobres.”²

² ALVES, Rubens. “Sobre a Inveja”. In. Caderno C. - “Correio Popular.” Campinas, 26/05/96., p.10

Teria sido diferente com Machado de Assis? Ou terão sido os olhos dos adultos, seus críticos, que em projeção pintaram-lhe a dor da pobreza?

O que se sabe, ao certo, é que, por volta dos catorze anos, freqüenta as rodas literárias da loja de Paula Brito, ponto de encontro de escritores da época, como, por exemplo, Manuel Antonio de Almeida e Casemiro de Abreu. Aos dezesseis anos, em 1855, publica seu primeiro poema em um jornal, o Marmota Fluminense, do mesmo Paula Brito. Em 1856, é aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional. Pouco tempo depois, em 1858, já está colaborando com alguns jornais e revistas, o que, exceto por breves interrupções, manterá por toda vida. Publica seu primeiro livro, "*Crisálidas*", em 1864. Neste ano morre seu pai.

É interessante atentarmos para as palavras de Caetano Filgueiras ao prefaciар "*Crisálidas*":

*"Balbuciando apenas a literatura, ainda novo para os seus mistérios, ainda fraco para o seu peso, nem por isso lhe faltava ousadia; antes sobrava-lhe sofreguidão de saber, ambição de louros. Era vivo, era travesso, era trabalhador. Aprazia-me de ler-lhe no olhar móvel e ardente a febre da imaginação, na constância das produções e avidez do saber, e combinando no espírito essas observações com a naturalidade, o colorido e a luz de conhecimentos literários que ele derramava em todos os ensaios poéticos que nos lia, dediquei-me a estudá-lo de perto, e convenci-me em pouco de que largos destinos lhe prometia a musa da poesia."*³

³ ASSIS, Machado de. "*Crisálidas*." In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. V.III.

Não está escrito acima que o jovem era triste, tímido ou retraído, o que deveria soar bem, se pensarmos no Romantismo que, na época, imperava em nossas letras. Mas, Machadinho, conforme as palavras de seu primeiro prefaciador, era um rapaz vivo, travesso e trabalhador. Ingredientes positivos que, somados a uma cota de ambição, certamente, propiciaram a evolução do homem e do escritor.

Entretanto, como escreve Antônio Cândido, "*os críticos que estudaram Machado de Assis, nunca deixaram de inventariar e realçar as causas eventuais de tormento, social e individual: cor escura, origem humilde, carreira difícil, humilhações, doença nervosa.*"⁴ Isto para colocá-lo no rol dos grandes escritores, tais como: Dostoievski, Dickens e Proust. Todos com pesada cota de sofrimento a diferenciá-los dos simples mortais e a conferir-lhes genialidade. No caso de Machado de Assis, concordamos com Antonio Candido e Jean Michel Massa quando afirmam ser esta uma tendência exagerada.

O que se pode afirmar é que o jovem Joaquim Maria, Machadinho para os amigos, abre seu caminho, passo a passo, numa sociedade marcada por rígidas divisões sociais, a sociedade escravista, na qual as teorias raciais representavam a viabilidade de manter a rígida hierarquia social e estabelecer critérios diferenciados de cidadania. O cientificismo racista afirmava a superioridade natural da raça branca sobre as demais, consideradas inferiores. Segundo tais teorias, a miscigenação era ainda

⁴ Cândido, Antônio. *Vários Escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977. p. 17.

pior, representava a degeneração, a impureza do sangue, uma justificativa para o atraso ou insucesso do país enquanto tal.

Refletindo tais idéias, o pesquisador suíço, Louis Agassiz, em 1868, escreveria suas impressões por ocasião de uma visita ao Brasil, três anos antes:

*"Nada poderá negar a deterioração decorrente da amálgama das raças mais geral aqui do que em qualquer outro país do mundo, e que vai apagando rapidamente as melhores qualidades do branco, do negro e do índio deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental."*⁵

Aparentemente, isento a tudo isto, Machado seguiu construindo sua história: operário de gráfica, revisor de editora, jornalista, escriturário do serviço público, enquanto, em paralelo, escrevia poesias, crônicas e criava histórias que envolveram mulheres e homens de seu tempo, tanto no enredo quanto pela leitura. Conforme palavras da musa, "*fantasia*", na crônica de Vicentin Magalhães:

"Machado de Assis(...). É o meu preferido, o meu bem amado.(...) Costumo ir dar-lhe um beijo todas as manhãs, antes que nele acorde o chefe de seção, enquanto o poeta está de vigília. Desse beijo nasce quase

⁵ AGASSIS, Louis. *A Journey in Brasil*. Boston: s/e, 1868. Apud SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças*. São Paulo: Cia. Das Letras. 1993., p. 13.

*sempre uma estrofe, ou uma frase da próxima crônica, que ele, à noite, quando acorda o poeta e adormece o empregado público, passa ao papel sem demora.”*⁶

Poeta, romancista, cronista, contista, crítico e funcionário público. Como observou a “musa”, nosso escritor sabia conciliar as duas coisas. Aliás, essa era uma realidade dos escritores daqueles tempos. Ainda hoje, exceto raras exceções, dificilmente se vive da produção literária. Por isso, muitos escritores buscavam no serviço público a garantia do sustento que lhes proporcionava a segurança necessária para, sem maiores preocupações financeiras, poderem produzir suas obras.

Machado agradeou e encantou com sua obra. Seu talento garantiu-lhe a aceitação e o reconhecimento, fazendo dele *“um símbolo do que se considera mais alto na inteligência criadora”*.⁷

Seus romances e contos oferecem-nos um desfile de personagens urbanos em que estão presentes: mulheres belas, ambiciosas, fortes, ardilosas, homens belos, fortes, ciumentos, inseguros, bons, maus, nobres, escravos, profissionais liberais, comerciantes, funcionários, loucos, enfim, um painel da sociedade brasileira:

⁶ Crônica “*História dos Sete Dias*.” In “*A Semana*”. No. 15, Rio de Janeiro, 11/11/1893.

⁷ Cândido. Antônio. Op. cit., p.17.

*“Uma população palpitante, viva, rica e infinita... que se move, que se agita, que intriga, que come, trabalha e dorme, que se aborrece ou se diverte, que não faz nada ou faz coisas inúteis, que sofre e ama - que vive e morre. É a humanidade do seu tempo. É a gente brasileira - miúda, monótona, ordinária, do Brasil do segundo Império: alma, estômago e coração de toda uma sociedade.”*⁸

Aos trinta anos, Machado de Assis casa-se com Carolina Augusta de Novais. Segundo os biógrafos e críticos, Machado teve problemas para ser aceito pela família da noiva. A explicação, para uns, estaria na sua condição de mestiço, para outros, na precária situação financeira. Não temos dados para discutir a questão. Mas, há, ainda, a versão de que o noivado só foi possível em razão de Carolina ter tido “problemas” amorosos, em Portugal, que provocaram sua vinda para o Brasil, antes do restante da família; temos a impressão de que esses fatos fazem parte do rol criado para dar maior dramaticidade à vida do escritor e, ao mesmo tempo, enfatizar sua condição de mulato. O mesmo já ocorreu em relação ao casamento de seu pai. Afirma-se que a união só se deu em razão de Maria Leopoldina ter sido malsucedida em três outras tentativas de casamento e já estar em idade avançada para ter chances de encontrar melhores pretendentes. Este, e não o amor, teria sido o motivo da união dos pais do escritor.⁹

⁸ Peregrino Júnior. *Machado de Assis*. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959. p. 14.

⁹ Ver Fonseca, Gondim da. *Machado de Assis e o Hipopótamo*. São Paulo: Fulgor, 1961.

Com Machado de Assis, ao menos, as poucas cartas, que existem dele para Carolina e vice-versa, falam de amor. E, por certo, só o amor sustentaria um casamento feliz por trinta e cinco anos. E essa felicidade ninguém contesta: todos são unânimes. Em 1904, Carolina falece deixando Machado de Assis solitário nos últimos anos de sua vida.

Muitas são as obras escritas a respeito de Machado de Assis. Segundo Jean-Michel Massa, até 1957, José Galante de Sousa havia listado mais de mil oitocentos e cinquenta títulos. Por ocasião dos cinquenta anos de sua morte, 1958, acrescia-se a este número mais oitocentos títulos.¹⁰ Naturalmente, não tivemos, nem de longe, acesso a todas, nem tínhamos a pretensão de fazê-lo. Não está em nosso plano a hercúlea tarefa de rescrever a biografia do escritor.¹¹ Apenas, repassamos alguns pontos relevantes de sua vida, bem como aqueles que, de alguma forma, estejam relacionados com nosso tema: o negro, escravo, na obra de Machado de Assis.

Como bem observou Jean Michel Massa, a obra de Machado torna-se, depois de sua morte, objeto para estudo de sua vida. *“Não era mais o romancista que explicava os seus personagens, mas os personagens que explicavam o romancista. O Criador se tornava filho de suas criaturas.”*¹²

¹⁰ MASSA. Jean-Michel. *A Juventude de Machado de Assis: 1839-1870, (Ensaio de uma biografia)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971., p. 3.

¹¹ Parte desta tarefa acaba de ser realizada por Maria Helena Werneck, que coloca no mercado, pela editora da Uerj, *O Homem Encadernado - Machado de Assis na Escrita das Biografias*.

¹² MASSA. Jean-Michel. Op. cit, p. 7.

Como exemplo, temos, entre outras muitas, as palavras de Eloy Pontes, em *A Vida Contraditória de Machado de Assis*: “(...) Não erramos afirmando que a obra completa de Machado de Assis se resume num caso de transferência.” Ou ainda H. Pereira de Silva, autor de *Machado de Assis: A Megalomania*, que afirma, “Machado compensava suas insuficiências metendo-se na figura do “brejeiro nhonho (...). Esse desdobramento de personalidade aparece em toda sua obra com pequenos disfarces.”

Para alguns, Machado não falar da pobreza, em suas obras, era uma forma de apagar a realidade de seu passado pobre; Bentinho seria realização de infância rica, não vivida. As mulheres ambiciosas, em seus romances, que atingem a ascensão por meio de um casamento rico, seriam uma projeção do próprio autor e assim desenrolam-se inúmeras biografias daquele que foi o fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Longe de nós acusarmos esses senhores de erro, apenas acreditamos que há em seus escritos uma certa dose de fantasia e de autoprojeção. A quem incomoda mais a pobreza, do que ao rico? Lembram-se do diálogo entre o pai de Helena e Estácio, quando este o procura e falam da situação de penúria do primeiro?¹³ Mais que uma questão de ponto de vista, é um problema do ângulo de visão em que se está, do enfoque que se tem ou se dá, ao que é observado.

¹³. ASSIS, Machado de. “*Helena*”. São Paulo: Três Livros e fasc., 1984., p.141.

Os estudos sobre Machado de Assis tiveram diversas fases, cada estudioso destacando-lhe características, aspectos, facetas, muitas vezes contraditória entre si, mas nem por isso menos verdadeira. Num primeiro momento, o enfoque foi o seu lado “filosofante, a ironia e estilo refinado, o humor à inglesa”¹⁴; depois, já por volta dos anos trinta, temos com Lúcia Miguel Pereira, Augusto Meyer e Mário Matos a fase da análise psicológica. Busca-se estabelecer uma relação entre vida e obra do autor fazendo uso, para isso, de disciplinas como a psicanálise e neurologia. Nessa linha também está, entre outros, Gondim da Fonseca, com seu livro *“Machado de Assis e o Hipopótamo”*. Apesar dos excessos na interpretação psicanalítica, este livro tem o mérito de conter alguns esclarecimentos sobre a mãe do escritor: origem, vinda para o Brasil, data da morte.

Há, também, uma fase voltada para o aspecto sociológico; podemos citar Barreto Filho, Astrogildo Pereira e Roger Bastide. Embora livres do psicologismo, os estudiosos, agora, afirma Antônio Cândido, pecam, por tornarem a obra de ficção um documento, *“buscam na obra o que querem apontar no escritor.”*¹⁵ O que não invalida a importância de tais obras, posto que nelas estão enfocados aspectos que lançam por terra a concepção de que o escritor não percebera, nem se preocupara com a história e realidade do país.

¹⁴ MAYA, Alcides. *Machado de Assis: Algumas notas sobre o “humour”*. Rio de Janeiro: Jacintho Silva, 1912.; e PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis - Conferências*. São Paulo: Sociedade de Cultura Artística, 1917.

¹⁵ CANDIDO, Antônio. Op. cit., p.21.

E, felizmente, em dado momento, a obra do autor passou a ser objeto de estudo, enquanto obra, e não mais como autobiografia “dissimulada” como os olhos de Capitu. Neste momento, são referências: Raimundo Faoro, Roberto Schwarz e John Gledson.¹⁶

Visto isto, passemos ao que, primordialmente, nos interessa, o escritor e a representação da escravidão em sua obra. Entremos no bosque das histórias do bruxo mestre.

¹⁶ FAORO, Raimundo - Machado de Assis: A Pirâmide e o Trapézio. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.

- *Machado de Assis: Impostura e Realismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas :forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1977

- *Um mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

Machado de Assis e a Escravidão

“Há a diferença da cor, branca e preta, mas esta não tira o poder da mancha de cada peça, e afinal umas e outras podem ganhar a partida, e assim vai o mundo.”

Machado de Assis

Machado nasceu em 1839. O tempo, em sua obra, abrange de 1840 a 1900, período em que se sucederam muitos acontecimentos marcantes e definitivos para história do país: o fim da regência, a maioridade de D. Pedro II, a extinção do tráfico negreiro, a intensificação do movimento abolicionista, a abolição dos escravos, a proclamação da República. Na agricultura, a ascendência do café; no meio urbano, a criação dos bancos, abertura de estradas, a imigração. Em resumo, um fluxo em movimento rumo a modernidade “civilizadora” européia.

Mas as idéias continuam fora de lugar e são caracterizadas, sobretudo, pelo horror ao trabalho manual e o culto ao ócio:

“Em lugar de trabalho, a ocupação ligada à coisa pública, reservada ao estamento político que poderia dar emprego às energias sem retribuição pecuniária, longe da troca do suor por

dinheiro."¹

Essa era a norma de uma geração que não produzia e cuja riqueza não era resultado da labuta diária, mas sim de herança ou de um casamento bem planejado.

A história da sociedade brasileira, no século XIX, está presente na obra de Machado de Assis. Raimundo Faoro, Roberto Schwarz e John Gledson² nos dão conta disso, incontestavelmente. A Escravidão, é claro, faz parte desta mesma história. Tanto Gledson quanto Schwarz não se omitiram a este respeito, mas não se detiveram nela. Acreditamos que é possível um aprofundamento nesse campo e é isto o que buscamos fazer nesta pesquisa: sondar mais a fundo a obra do autor, buscando nela a personagem negra e o contexto em que ela se apresenta. Com isso, pretendemos lançar um pouco mais de luz sobre este assunto, e, se possível, contribuir para uma melhor compreensão do posicionamento de Machado de Assis, escritor, a respeito da escravidão, uma realidade do seu tempo.

Um constante argumento apontado pelos críticos de Machado é o fato de o escritor não ter usado sua pena e criatividade para, em suas obras, lançar protestos contra a instituição. O que se afirma é que o autor,

¹ FAORO, Raymundo. - *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1976. 2ª. ed., p. 209.

² Gledson. John. - *Machado de Assis: Ficção e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.; Schwarz, Roberto. - *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.; - *Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: duas Cidades, 1990.; FAORO, Raymundo. - *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

envergonhado de sua origem, faz o possível para escondê-la, sendo um de seus recursos sequer mencionar o assunto. Negro e mulato não teriam espaço em suas obras.

A este respeito, Afrânio Coutinho, por exemplo, escreve o seguinte:

*"O autor de Helena foi um caso típico de ressentimento mulato. A sua psicologia de mestiço de origem humilde (...) aparentemente tímido, no fundo era um grande orgulhoso, cujo complexo de superioridade, cuja mágoa, cujo ressentimento, se traduziram pela arte..."*³

Mário de Andrade, também, não o poupa, *"Eu sei que o mestre se imaginou desgraçado. O seu pessimismo, o seu humorismo, a sua obra toda; o cuidado com que, na vida, procurou ocultar os seus possíveis defeitos, as suas origens, os elementos da sua formação intelectual(...). Mas Machado de Assis foi vitorioso(...) venceu as próprias origens(...), venceu o mestiço(...). Foi anti-mulato, no conceito que então se fazia de mulatismo..."*⁴

E assim, inúmeras outras críticas. David Brookshaw, em *Raça e Cor na Literatura Brasileira*, é mais um a afirmar o absenteísmo do escritor.

³ COUTINHO, Afrânio. "Machado de Assis e o Problema do Mestiço." In *Revista do Brasil*. N. 20, Fev.1940., p. 28.

⁴ ANDRADE, Mário de. - *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1974., p. 102-4.

*“Machado é o exemplo clássico do mulato que devotou sua vida para ser aceito acima da linha de comportamento e, por isso, evitou cuidadosamente qualquer referência às suas origens.”*⁵ Fundamenta sua afirmativa na opinião particular de Joaquim Nabuco, ao criticar José Veríssimo pelo uso do termo mulato no necrológio de Machado.

Obviamente, houve, também, aqueles que buscaram contestar tais afirmativas e o fizeram, apontando alguns de seus escritos, assim como atitudes do homem e do burocrata que Machado de Assis foi. Raimundo Magalhães Júnior, Astrogildo Pereira e Brito Broca são alguns deles. As primeiras afirmativas, porém, são repetidas, mesmo no exterior, com força de verdade.⁶

Heloisa Toller Gomes apresenta o discurso literário de Machado como do tipo que, sem polemizar sobre as questões escravistas e raciais, trazem forte potencial crítico e convidam à reflexão. Para percebê-lo, a autora sugere uma leitura em que se atente para a tríade: narrador, leitor, texto e, também, que se mantenha a “saúdável desconfiança em relação ao narrador” sugerida por John Gledson.⁷

Para este nosso estudo, fazemos uso desta proposição, mais o

⁵ BROOKSHAW, David. - *Raça & Cor na Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983., p. 153.

⁶ David Brookshaw, Raymond Sayers e Georgio Marotti, são exemplos do citado.

⁷ GOMES, Heloisa Toller. - *As Marcas da Escravidão*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1994., p. 175.

conceito de identidade *ipseidade* de Ricoeur, ao que acrescentamos a necessidade de um despir-se de “pré-conceitos” e atentar os ouvidos para os silêncios que se mesclam à narrativa machadiana. Pois o silêncio, já sabemos, não é o vazio da comunicação, mas uma forma desta em si mesma. E, dizer sem falar, parece ter sido uma das habilidades do discurso irônico e humorístico de Machado de Assis.

Na verdade, o escravo, negro e mulato estão presentes nos romances, contos e crônicas de Machado, tão verossimilhante quanto estavam na sociedade escravista da época, no seu papel de servir aos senhores, conforme vontade e determinação destes; exceto algumas exceções significativas que objetivamos mostrar. Começaremos por alguns romances, passaremos aos contos e fecharemos com algumas crônicas. Aos romances...

Em *Ressurreição* (1872), o primeiro romance de Machado de Assis, o escravo aparece “en passant”. É um moleque que entrega um recado a Felix; o escravo de nome João, na casa de Lívia, que anuncia uma visita; a mucama Clara que cuida do filho da mesma Lívia; o escravo que percebendo a perturbação de Felix, depois de receber uma carta anônima sobre Lívia, pergunta-lhe o que sente, sem obter resposta. Nenhuma caracterização, nada, apenas a presença, tal como, pressupomos, era vigente na realidade da sociedade escravista: seres ignorados, cujo movimento só era vislumbrado quando deles se necessitava.

Um outro momento, ainda neste romance é a frase formulada pelo narrador ao comentar sobre o escravo que atende Felix, à porta, em dada ocasião: “o escravo, cujo espírito, acostumado à obediência, quase não sabia distingui-la do dever.” Na verdade, essa era a lei: a vontade do senhor era a vontade do escravo. Ele não existia para pensar, existia para atender, servir e agradar ao seu senhor. A frase do narrador tanto pode estar se referindo ao lado servil da personagem escrava, como pode ser uma crítica ao regime que transformava homens em marionetes, cujo movimento e ação eram determinados externamente. Fica ao leitor a interpretação ou o entendimento.

Nós, na impossibilidade de uma conclusão, preferimos continuar nosso roteiro para, com mais elementos nas mãos, tentar formar uma opinião em relação ao posicionamento do escritor. Ocorre-nos, entretanto, uma observação: o escravo não é a única presença anônima da obra do autor. Em “*Quincas Borba*” temos o banqueiro que, depois de humilhar-se em uma visita a um cliente importante, um ministro, vinga-se em Palha, um outro cliente sem o mesmo prestígio. Essa personagem é nomeada apenas pelo ofício, sem outro caráter que o atribuído pela função enunciada. Um tipo que não deixa de caracterizar uma forma de servidão, a de conveniência, moral. É o zombeteiro a dizer: há escravos e escravos... e escravos.

“*A Mão e a Luva*”, seu segundo romance, é apontado por alguns críticos, em especial por Lúcia Miguel Pereira como uma forma de

expição, e justificativa em relação ao comportamento que o autor tivera com sua madrasta. Um comportamento, segundo a crítica, ditado pela ambição que lhe guiava a vida.

Guiomar, a heroína do romance, era uma moça pobre e bastante ambiciosa. Passa a morar com sua madrinha, uma baronesa, viúva, quando esta perde a filha. Muito rapidamente Guiomar adapta-se ao meio em que vive e, de tal forma que ninguém diria que sua origem diferia daquele em que estava. Guiomar tinha três pretendentes: Cristóvão, um jovem advogado, muito romântico e sonhador, cuja maior ambição era conquistar o coração da jovem; George, o sobrinho da baronesa, que além de Guiomar aspirava um quinhão da herança da tia; e Luís Alves, advogado como Cristóvão, mas de situação mais estável que a deste. Além de ativo e determinado, Luiz Alves era controlado, calculista e ambicioso. A luva perfeita para a mão da ambiciosa jovem Guiomar.

Para Lúcia M. Pereira, os remorsos levaram Machado a transferir o problema para a personagem na tentativa de provar que os cálculos da ambição “nem sempre são indícios de maus sentimentos e nem é impossível a conciliação entre o interesse e a nobreza de caráter.” Guiomar, apesar de ambiciosa, seria casta de coração e seus sentimentos afetivos para os que a rodeavam seriam sinceros. Não acreditamos nesse “deslocamento de imagem” projetada em Machado. Parece-nos que a tentativa de apresentar uma biografia mais completa e “concreta” do autor levou muitos biógrafos e críticos a dar margens à imaginação e o resultado parece ter sido um

pouco de ficção. Já vimos que Machado sequer teve uma vida tão sofrida como querem fazer crer. Além disso, se a obra traduz o pensamento do autor, o texto não confirma o remorso pela ambição:

“- Vi que você era homem resoluto, disse a moça a Luís Alves(...).

- Resoluto e ambicioso, ampliou Luís Alves sorrindo; você deve ter percebido que sou uma e outra coisa.

- A ambição não é defeito.

- Pelo contrário, é virtude; eu sinto que a tenho, e que hei de fazê-la vingar.”⁸

Ao contrário, em nossa leitura, o trecho acima parece remeter às idéias de Espinosa, filósofo do século XVII, cujas obras Machado possuía e, certamente, leu. Segundo Espinosa, a ambição, “*desejo imoderado de glória*”, é um desejo pelo qual todas as afecções (ação) são alimentadas e fortificadas. E, citando Cícero, acrescenta: “*O melhor de entre os homens é aquele que é mais atraído pela glória. Mesmo os filósofos, até nos livros que escrevem acerca do desprezo da glória, inscrevem o seu nome, etc.*”⁹:

O que o romance mostra é o jogo de poder e interesse no qual a sociedade brasileira oitocentista se movimenta. Em se tratando de poder e posses, a ambição é, apenas, mais um dado que se lança. Se o jogador é, já, um agraciado da fortuna a ambição é natural. Se é um desafortunado, no

⁸ ASSIS, Machado de - *A Mão e a Luva*. São Paulo: Ática, 1995., p. 96.

⁹ ESPINOSA, Baruch - “Da Origem e da Natureza das Afecções.” In. *Ética*. Col. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultura, 1997. P 335.

sentido literal, apontam-lhe a ambição como um defeito. Acreditamos que o problema não está em ser, ou não, ambicioso. O problema está em pretender ocupar um lugar acima do estabelecido por critérios ideológicos. O critério do julgamento de valor passa pelo lugar de onde se julga.

Curiosamente, neste segundo romance não há uma única referência a escravo. Nenhuma presença, alusão, nada. Nem o moleque levando recados, nem a mucama, nenhum escravo. O único serviçal que aparece é a governanta da baronesa que é uma senhora inglesa. A escravidão parece não existir no mundo de *“A Mão e a Luva”*. Não encontramos hipótese para tal omissão, exceto o retrato da “refinada civilização européia”, à qual a sociedade brasileira procurava moldar-se sem, contudo, abrir mão da escravaria. Vemos isso retratado em *Quincas Borba*, que a contragosto substitui seu pajem negro, de quem gosta, por um criado europeu.

“Helena”, o romance de 1876, embora seja ainda uma obra romântica, já apresenta traços de realismo: a caracterização psicológica e o insinuado tema do incesto. A história gira em torno de um conflito sentimental: a paixão entre dois jovens apresentados como irmãos. Machado, já no início do romance, avisa seu leitor(a) que esta não será uma história de amor idealizada e sentimental, mas a história de uma atração física irresistível entre duas pessoas.

Com a morte de seu pai, o Conselheiro Vale, Estácio vem a saber da existência de uma irmã, com quem deverá partilhar não apenas a herança,

mas o nome, a convivência e o reconhecimento social. Acatada a última vontade do conselheiro, Helena é reconhecida e passa a morar com Estácio e a tia, dona Úrsula. Um imprevisto, porém, acontece: Helena e Estácio apaixonam-se.

Tratando-se de um amor impossível, os jovens tratam, cada um a seu modo, de fugir de tal sentimento. A verdade, entretanto, é que eles não são irmãos e Helena sabe disto. Porém, a lei e o que pensa a sociedade falam mais alto do que a verdade dos fatos e os sentimentos das pessoas. Declarados irmãos pelo Comendador, fica impossível reverter a situação e assumirem uma relação de paixão. O desfecho da história é, romanticamente, trágico: Helena envergonhada pela mentira que assumiu, a respeito de sua filiação, e não se acreditando merecedora do perdão e do afeto que lhe demonstram, cai em profunda depressão e morre.

Não nos deteremos na história em si, pois o que buscamos nela é a presença da personagem negra. E, embora a escravidão não faça parte desta história, ela está aí fortemente presente. O desenrolar do romance gira em torno de 1850, mas foi escrito em 1876. Sidney Chalhoub propõe uma leitura de Helena considerando a historicidade das duas datas, em razão dos acontecimentos que as envolvem; na primeira ocorre a abolição do tráfico negreiro e, próximo à segunda, em 1871, a Lei do Ventre Livre. Segundo o historiador, e concordamos com ele, em Helena, “*Machado empreende uma análise extremamente lúcida das relações de dominação*

vigentes no Antigo Regime”¹⁰.

Um primeiro momento, aparentemente sem pretensão, é quando Helena, falando sobre medo, diz ao pseudo-irmão como lidar com o preconceito. Segundo ela, basta, para isso, uma simples reflexão; pode-se “lavar o espírito” de qualquer tolice que nos seja inculcada, desde que nos perguntemos se há sentido no que nos foi transmitido. Nenhum preconceito era mais forte, na época, que contra os negros. Neste momento, porém, o assunto em pauta era medo. Machado, como já se disse, fala mais da escravidão quando não está falando dela.

Estácio, enquanto passeia a cavalo com Helena, falando sobre as vantagens da riqueza, aponta um escravo como exemplo

“- Valem muito os bens da fortuna, dizia Estácio; eles dão a maior felicidade da terra, que é a independência absoluta. Nunca experimentei a necessidade; mas imagino que o pior que há nela não é a privação de alguns apetites ou desejos, de sua natureza transitórios, mas sim essa escravidão moral que submete o homem aos outros homens. A riqueza compra até o tempo, que é o mais precioso e fugitivo bem que nos coube. Vê aquele preto que ali está? Para fazer o mesmo trajeto que nós, terá de gastar, a pé, mais uma hora ou quase.

¹⁰ CHALHOUB, Sidney. - “A História Nas Histórias de Machado de Assis: Uma Interpretação de Helena.” In : *Primeira Versão*. Nº. 33. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991. p. 3 e 26.

- *Tem razão, disse Helena: aquele homem gastará muito mais tempo do que nós em caminhar. Mas não é isto uma simples questão de ponto de vista? A rigor, o tempo corre do mesmo modo, quer o desperdicemos, quer o economizemos. O essencial não é fazer muita coisa no menor prazo; é fazer muita coisa aprazível ou útil. Para aquele preto o mais aprazível é, talvez, esse mesmo caminhar a pé, que lhe alongará a jornada, e lhe fará esquecer o cativo, se é cativo. É uma hora de pura liberdade.*"¹¹

O preto de quem falavam, por certo um escravo, estava sentado no capim, descascando uma laranja, e brincava com uma das duas mulas que devia conduzir. Apesar de sua aparente pobreza, tinha no rosto uma expressão de satisfação, ou ao menos, de serenidade do espírito, na opinião do narrador. Expressão essa que deu razão às observações de Helena. A liberdade não estava na riqueza como pretendia Estácio, a liberdade estava em saber e poder usufruí-la. O escravo, ainda que nesta condição, podia ser livre por um momento e saber usufruir disto.

Helena, embora livre, tinha peias, limitações que lhe vieram junto com a riqueza. Seu desejo naquele momento era galopar no campo, no entanto tinha que acompanhar o ritmo determinado pelo irmão. Mais que isso, porém, a jovem que conhece dois lados de uma mesma realidade, a pobreza de onde veio e a riqueza em que agora vive, mostra saber mais do mundo de que seu pseudo e rico irmão. A visão de Estácio é centrada na

¹¹ ASSIS. Machado de. *Helena*. São Paulo: Três Livros e Fascículos, 1984. P. 56-7.

ideologia senhorial, ele é “um mero repetidor da ótica dos escravocratas”.¹² Tudo gira ao redor de si e de sua vontade. Ele é o centro do mundo, senhor dos bens, da liberdade, do direito e das vontades. Helena, entretanto, parece saber que não é bem assim que as coisas acontecem.

Para Estácio era um privilégio possuir bens e poder fazer em menos tempo o mesmo trajeto percorrido, a pé, pelo escravo; sem um distanciamento da própria realidade, o jovem não percebe que, para o preto, o prazer estava, exatamente, na demora que lhe propiciava a sensação de liberdade. Educado na perspectiva senhorial, Estácio, não se dá conta de possíveis outros ângulos de visão. Por isso, ao ver Helena discordar de seu parecer, retruca da maneira que lhe é peculiar, considerando que a irmã diz o que diz apenas para contrariá-lo.

Helena é astuciosa e, embora, finja mudar de assunto, continua nele. O recurso que usa é o de desviar sua atenção para a égua na qual cavalga. É importante lembrar que os equinos, assim como os escravos, eram relacionados em testamentos e inventários na mesma categoria, a de “bens semoventes”. Assim, sem falar de escravos, mas falando de servilidade, Helena responde ao desafio do irmão. Na sua opinião, a égua Moema não maldiz o cativo pois é através dele que o animal experimenta o prazer de a sustentar e conduzir, o que “*parece que lhe dá glória.*”¹³ É o “orgulho da

¹² CHALHOUB, Sidney. - Op. Cit. p. 17.

¹³ ASSIS. Machado de. ASSIS. Machado de. *‘Helena’*. São Paulo: Três Livros e Fascículos, 1984. p..57.

servilidade”¹⁴ que aparecerá explicitamente, mais tarde, em *Brás Cubas*. Uma ironia do autor em relação à presunção senhorial, da qual Estácio é o representante exemplar e Helena, sua interprete.

Uma ironia a que os versos de Alexandre O’Neill, num outro tempo e situação, parece compreender e corresponder de maneira formidável:

“ *Você tem me gavalgado,
seu safado!*

*Você tem me gavalgado,
mas nem por isso me pôs
a pensar como você.*

*Que uma coisa pensa o cavalo;
Outra, quem está a montá-lo. ”*¹⁵

Uma outra personagem negra a ter espaço, em *Helena*, é Vicente, um moleque, cria da casa e “*particularmente estimado pelo Conselheiro*”, enquanto este vivia. Vicente é encarregado, por Estácio, de ser pajem de Helena. Torna-se “um fiel servidor” da jovem, “*seu advogado convicto nos julgamentos da senzala*”¹⁶. Nesta frase uma revelação aparentemente despretensiosa, mas muito significativa: há julgamentos na senzala. Os

¹⁴ ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960.

¹⁵ “A *História da Moral*”. In: O’NEILL, Alexandre. *Poesias Completas: 1951/1981*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1982., p. 277.

¹⁶ ASSIS, Machado de. Op. Cit. p. 44.

escravos questionam, discutem e emitem juízos?! Temos aí, um dos “deslizes” do narrador, pois já dissera que os escravos se pautavam pelos sentimentos de dona Úrsula.

Vicente, como Pedro (*O Demônio Familiar*), embora escravos, ocupam espaço, interferem na ação. Jogam com o mínimo de liberdade que possuem. Ao pressentir que Helena está com problemas, aflige-se, mas não se limita a observar os fatos. Vai a procura de informações, posiciona-se, age. Não é o escravo estereotipado, fiel e acomodado, o que aí se apresenta. Embora secundário, Vicente desempenha seu papel de sujeito; cativo, mas com voz.

Em *Helena* temos uma mostra incontestável da ironia de Machado. Não entramos no mérito de quanto isto foi estudado ou intencional, mas na constatação do fato. No primeiro passeio de Estácio com Helena, o jovem discorre sobre riqueza e condiciona a felicidade aos bens da fortuna; gaba-se de nunca ter sofrido necessidades, ou se submetido à escravidão moral, “aquela que submete o homem aos outros homens”. Sem perceber, naquele momento, que a fortuna acabara de submetê-lo à vontade e aos caprichos de seu pai: o reconhecimento da irmã. Na seqüência, apesar da verdade sobre a filiação de Helena ser esclarecida, a declaração do morto era soberana; mesmo falsa, prevalecia. Portanto, a paixão por Helena tinha que ser sufocada. Enfrentar a sociedade civil só lhe traria o escândalo, o opróbrio, a desgraça, aconselha o padre Melchior, seu amigo. Estácio sofre, então, apesar de sua fortuna, a dor da falta de liberdade. Quando Helena morre,

ele resume o que sente: “- Perdi tudo, padre-mestre!” Num sentido bem popular, diríamos: “caiu a ficha!”

Iaiá Garcia é o terceiro romance do autor. Escrito em 1877, publicado inicialmente em jornal e editado, em volume, no ano seguinte. Romântico na trama, *Iaiá Garcia* é machadiano na elaboração e aprofundamento psicológico das personagens. Não todas, mas algumas eleitas, como é o caso de Estela, Valéria e Raimundo.

Muitos críticos consideram este, o melhor romance da primeira fase de Machado de Assis. Até mesmo Silvio Romero manifesta-se neste sentido, qualificando-o de um belo romance, no qual se expande “*o talento de observador psicólogo e de moralista, picado por certa dose de ironia.*”¹⁷

A trama desenrola-se entre 1866 e 1870. A Guerra do Paraguai, sem ser tema, aparece aí como pano de fundo. Pode-se dizer que, além do interesse histórico, a guerra foi um recurso usado pelo autor para mostrar a força do preconceito da classe dominante. Na tentativa de evitar um maior envolvimento do filho com uma jovem de classe social inferior, Valéria prefere sabê-lo arriscando a vida na guerra. Neste romance, mais uma vez, a temática passa pela questão do casamento, da ambição e da diferença de nível social; porém, nele o sentimento que fala mais alto não é a ambição,

¹⁷ ROMERO, Silvio. - *Machado de Assis: Estudo Comparativo de Literatura Brasileira*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.,p. 60.

mas o orgulho.

Num enredo descontínuo, desfilam as personagens com seus problemas, sonhos, paixões e fantasias. Estela, a protagonista é jovem de “feições graciosas e delicadas, olhos escuros, com expressão de virilidade moral”¹⁸ que lhe caracteriza a beleza. Filha do senhor Antunes, um escrevente interesseiro que, ao ver frustrada sua expectativa de uma herança, coloca toda sua esperança no casamento da filha como meio de ascensão social. Estela, entretanto, não têm igual ambição. Ela vê a diferença social como um fosso intransponível e superá-lo através do casamento era, para a jovem, uma humilhação pela qual ela não estava disposta a passar. Por isso, em momento algum deixa transparecer seus sentimentos por Jorge, filho de Valéria.

Esta, por sua vez, é uma típica senhora da classe dominante, não apenas pelo *status*, mas pela forma de agir em relação aos que estão ao seu redor, sobretudo, com os subalternos.¹⁹ De sua superior posição hierárquica, Valéria não poupa nem mesmo o filho, quando se trata de suas vontades, planos e metas. Para acabar de vez com qualquer possibilidade de relacionamento entre Jorge e Estela, Valéria, que já afastara o filho da corte, providencia para que a jovem se case. O marido será Luís Garcia, um funcionário público, a quem Valéria já recorrera antes, solicitando ajuda para convencer o filho a ir para a guerra. “Uma troca de serviços por

¹⁸ ASSIS, J. M. Machado de. *Iaiá Garcia*. São Paulo: Ática, 1995. 12 ed., p.30.

¹⁹ A esse respeito ver o SCHWARZ, Roberto. - *Ao Vencedor as batatas: Forma Literária e Processo Social no Início do Romance Brasileiro*. São Paulo: Duas cidades, 1981. 2ª. ed.

apreço.”

Valéria morre antes da volta do filho. Jorge retorna da guerra promovido e condecorado. Um problema de saúde de Luís Garcia, leva-o a rever Estela e pensar que ainda a ama. O tempo passa, Iaiá e Jorge se apaixonam. Antes do casamento dos dois, morre Luís Garcia. Um pretendente de Iaiá, despeitado por ter sido preterido, insinua a ela que Jorge ama Estela e que pretende ficar com as duas. A jovem rompe o noivado. Mas, como em todo bom romance romântico, o amor vence. Estela esclarece tudo com a enteada e consegue o reatamento do noivado entre Iaiá e Jorge. Após o casamento, Estela sai de casa indo ser professora no norte de São Paulo.

Também nesse romance, não existem muitas personagens negras, mas uma, das duas que aparecem, é muito representativa. Trata-se de Raimundo, um africano, que segundo o narrador “*parecia feito expressamente para servir Luís Garcia*” que o herdara do pai. Garcia, acompanhado por Raimundo desde criança, ao recebê-lo como herança, liberta-o. Num primeiro momento, Raimundo sente a alforria como uma forma de Luís mandá-lo embora de onde vivera desde criança. Porém, Luís Garcia, percebendo a hesitação do africano, faz um pacto com ele: “*És livre, viverás comigo até quando quiseres.*”²⁰

Raimundo tinha por volta de cinquenta anos, estatura mediana e

²⁰ ASSIS, Machado de. - *Iaiá Garcia*. São Paulo: Ática, 1995. 12ª. ed., p. 14.

forte. Desempenhava todos os trabalhos na casa de Luís Garcia, onde era o único servidor. Ainda assim, tinha tempo para conversar, à tarde, com o antigo senhor. Gostava de tocar marimba e de vez em quando cantava “canções alegres, guerreiras e entusiastas.”²¹

Raymond Sayers considera Raimundo o tributo de Machado ao negro; “*o mais completo estudo que poderia ter feito de um membro dessa raça, nos limites estabelecidos pelo tema, dentro da vida das classes superiores do Rio de Janeiro.*”²² Roger Bastide, o coloca dentro do estereótipo de negro fiel. De nossa parte, cremos que há alguns aspectos a se considerar a respeito da personagem.

Estranhamente, para uma personagem secundária, Raimundo é descrito, em todos os seus aspectos, logo nas primeiras páginas, antes mesmo das personagens principais. Além dessa apresentação, ocupa um bom espaço no início do romance. Depois, fica meio apagado, mas quando ressurge é para atuar significativamente. O desfecho, sem maiores problemas, no caso do noivado de Iaiá e Jorge passa pela ação consciente e decisiva de Raimundo. Poderíamos dizer que esta personagem africana é a versão positiva do “demônio familiar”. Não o “anjo bom”, no exagero equivalente, mas o Homem sensato e responsável. Um sujeito a quem não se faz necessário fechar a porta da casa, pelo contrário, pode-se entregar-lhe a guarda e dormir tranqüilo.

²¹ ASSIS, Machado. Op. Cit., p. 15.

²² SAYERS, Raymond. - *O Negro na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958. p.398.

A presença de Raimundo no romance, não coloca a escravidão em discussão, nem a contesta, mas fala de respeito mútuo e de reconhecimento que afasta medos, inseguranças e exorciza o fantasma da vingança. Trata de respeito, afeição e de amizade:

*“Quaisquer que fossem as diferenças civis e naturais entre os dois, as relações domésticas os tinham feito amigos.”*²³

Memórias Póstumas de Brás Cubas foi o último romance de Machado de Assis escrito antes da Abolição da Escravatura. Considerado o marco de maturidade da produção machadiana, foi publicado na Revista Brasileira, em 1879 e, posteriormente, em 1881, editado em volume. Nele, está retratado, em grande painel, a sociedade brasileira oitocentista. Uma sociedade conflituosa ante a aspiração de ser moderna, acompanhando os acontecimentos do velho mundo e, ao mesmo tempo, não abrir mão de instituições a que estava habituada, como a escravidão e as relações de dependência.

Sendo parte inerente desta sociedade, a escravidão está explicitamente presente no romance, embora o número de personagens escravas seja pequeno. O que se tem de mais interessante, ligado ao tema, é uma visão ambígua e enviesada com que o defunto autor aborda a questão

²³ ASSIS, M. Op. Cit. p. 15.

da desigualdade social.²⁴

A partir do ponto de vista do narrador externo, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é um romance ousadamente inverossímil. Além de ser um morto que escreve, ele mantém uma atitude de intrometido e inconveniente, chegando mesmo a ser agressivo em alguns momentos. Esta atitude, entretanto, viabiliza uma crítica direta, sem confrontos, à classe social dominante e sua pretensa “superioridade natural”. Se Brás Cubas, quando estava vivo, era dominado e submisso às normas e convenções de seu meio social, morto ele anuncia: “Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo...”²⁵

O que faz, é um jogo de construção e linguagem: o discurso se dá de um ponto de vista fora da história, enquanto a ação do seu eu/outro, o personagem, ocorre de um outro ponto, dentro da sociedade e da história. Cabe ao leitor observar e perceber o viés do narrado e do exposto, pois esta é mais uma das artes de Machado, neste romance, mostrar e narrar a um só tempo.

Enquanto personagem, Brás Cubas é uma representação metonímica da classe a que pertence; ele encarna os modos, os valores, as normas e os jogos que a constituem. Uma sociedade escravista, patriarcal, de ordem

²⁴ Nesse sentido vale a pena conferir a análise brilhante de Roberto Schwarz em *Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis*.

²⁵ ASSIS, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 18ª ed., p. 16.

conservadora e, por isso mesmo, capaz de qualquer recurso para garantir a manutenção de seu status, sua condição de dominante. Enquanto narrador, já desvinculado do meio social e livre daquele juízo de valor, Brás Cubas deixa transparecer em seu relato o que há por trás da fachada da classe superior e o que gira em torno dela: pobres trabalhadores, escravos, agregados, parasitas, etc.

O primeiro dos cento e sessenta capítulos, "Óbito do Autor", é a narrativa dos funerais feita pelo próprio defunto. Neste ponto já começam as "revelações". A verdadeira causa de sua morte teria sido não a pneumonia, mas *"uma idéia grandiosa e útil: a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco."*²⁶ Um remédio que, mais do que a cura para os outros, trar-lhe-ia dinheiro e fama. Sobretudo fama!

Numa associação de idéias, continua o relato: *"Mas já que falei nos meus tios, deixem-me fazer aqui um curto esboço genealógico."*²⁷ A família Cubas, revela-nos o narrador, proveio de "um certo Damião Cubas", tanoeiro que, além da tanoaria, trabalhou duro na lavoura, negociou bem seu produto e adquiriu uma boa fortuna. Entretanto, numa sociedade em que o trabalho é tido como aviltante, esta origem não dignifica. Assim, nega-se o tanoeiro e dá por iniciador da série familiar Luís Cubas, seu filho, que estudara em Coimbra, primara no Estado e fora bem relacionado na

²⁶ M.P.B.C., p. 16.

²⁷ M.P.B.C., p. 17.

corte, graças ao trabalho e dinheiro do pai. Isto não bastando, a família decide agregar-se a um tronco nobre, o do capitão-mor Brás Cubas, fundador da Vila de São Vicente. Refutado o parentesco, apela-se para a imaginação e Cubas torna-se um sobrenome nobre pelo heroísmo de um cavaleiro que, em jornadas na África, arrebatara 300 cubas mouriscas.

É interessante observar que a nobreza da família, neste caso, deriva da África, a terra de Cam, dos escravos, da Sífilis e outros “desqualificativos” ideologicamente comuns na época. E é esta “fidalguia”, sobretudo, que afastará Brás Cubas de um relacionamento amoroso com uma jovem dotada de inúmeras qualidades pessoais, mas bastarda e sem posses.

Na seqüência, um pouco da infância e adolescência. Um relato em que a ironia corre solta: sua primeira paixão, por exemplo, aos dezessete anos, durou “*quinze meses e onze contos de reis; nada menos.*”²⁸ Para curar-se da paixão, o pai envia-o à Europa. Forma-se em Direito, em Coimbra. Algum tempo depois, retorna ao país, por estar sua mãe à beira da morte. Enquanto se recupera da perda da mãe, conhece Eugênia, uma jovem que, apesar de atraí-lo, tem dois graves defeitos: não tem berço nem fortuna e é coxa. Alguém que, naquela sociedade, só poderia sobreviver graças ao apadrinhamento, agregada a alguém de posses, ou pelo casamento. Os sentimentos de Brás Cubas oscilam entre respeitá-la ou fazer-lhe um filho natural, “*repetir-lhe o mote da mãe*”.

²⁸ M.P.B.C., p. 35.

Sem discussão, mas com as reflexões da personagem, coloca-se em questão a desigualdade social na sociedade escravocrata. Há inclusive uma clara alusão ao destino daqueles que, sem posses e poder, insistem em manter a dignidade e lembrar a máxima cristã de que todos são iguais perante Deus: Eugênia, por exemplo, acaba num cortiço. Ao deparar-se com Brás Cubas, empalidece e, por apenas um instante, baixa os olhos, para depois erguê-los e encará-lo com muita dignidade. Brás Cubas, certo de que ela não aceitará esmolas de sua mão, cumprimenta-a com as mesmas medidas que faria à esposa de um capitalista. A ironia impera novamente, o narrador denuncia o sentimento de seu outro eu: a dignidade e o orgulho de Eugênia só contribuem para a manutenção de sua própria miséria.

Enquanto está às voltas com Eugênia, o pai planeja-lhe um futuro político, cujo primeiro passo é um casamento de conveniência com Virgília, a filha de um conselheiro. Brás Cubas aceita a proposta, mas perde a noiva para um outro candidato com mais ambição e chances políticas, Cândido Neves. Algum tempo mais tarde, torna-se amante da ex-noiva; moral das conveniências.

O relato continua, a vida vai passando e a morte desempenha seu papel: morre o pai, a noiva, o marido da ex-noiva e amante, morre Marcela, a paixão da adolescência. Enlouquece e morre, também, Quincas Borba, o amigo de infância, filósofo e autor do Humanitismo. Depois dele, é a vez do próprio narrador; aliás:

*“Entre a morte de Quincas Borba e a minha, mediarão os sucessos narrados na primeira parte do livro. O principal deles foi a invenção do Emplasto Brás Cubas, que morreu comigo, ...”*²⁹

Visto, em rápidas pinceladas, o romance, passemos às personagens negras ou acontecimentos relacionados à escravidão, contidos nele.

O procedimento mais corrente na literatura, com relação aos escravos, conforme já vimos, era o de indiferença, quando não os apontava como pobres vítimas (o que era raro), ou ainda como criaturas dotadas de má índole, preguiçosas, feiticeiras, devassas. *Demônio Familiar*, por exemplo, é o nome de uma das peças teatrais de José de Alencar e, também, o apelido da personagem principal da peça, Pedro, um moleque escravo. Demônio ou diabo era uma denominação comum para os escravos. Machado de Assis, ou melhor, Brás Cubas, brinda-nos com uma ousada inversão: nas *Memórias*, diabo é o sinhozinho. Aquele que sempre faz das suas, que é maldoso, ardiloso e vingativo não é um negro escravo, mas o filho do senhor.

Em outra circunstância, tal colocação, saindo da pena do escritor, poderia soar como crítica. Neste caso, entretanto, tratando-se das memórias do narrador e sendo ele quem afirma tal coisa, a respeito de si mesmo, o que se tem é uma confissão.

²⁹ M.P.B.C., p. 135.

Um demônio, confessa-se. Mimado e cheio de vontades, sempre satisfeitas, não admitia ouvir um não. Se isto lhe ocorria, o revide era imediato, como, por exemplo, quando uma escrava recusa-se a dar-lhe uma colher do doce que estava fazendo. Não apenas quebra a cabeça da mulher, mas joga cinzas no doce e depois acusa a escrava de ter cometido o estrago de propósito.

Ainda criança, como era normal da época, tinha a seu serviço um moleque, cuja principal função era servir-lhe de cavalo nas brincadeiras. Nestas ocasiões, o escravo era obrigado a dar inúmeras voltas, tendo nas costas o sinhozinho a fustigar-lhe com uma vara. Relato de fatos que esboçam um panorama bastante nítido da realidade de um dado tempo, inclusive para quem nele vivia.

O discurso ideológico dos escravocratas, e mesmo o de muitos defensores da abolição, tinha por recurso e argumento a depreciação do negro, pintá-lo como uma ameaça aos brancos, danoso para a preservação moral dos jovens e das famílias. Vimos isto, por exemplo, em *As Vítimas Algozes*. A obscenidade, promiscuidade, devassidão e o desejo de vingança eram características naturais do negro, afirmava-se. Em "*Memórias Póstumas*", entretanto, o elemento corruptor está no meio dominante. Um deles é João, tio de Brás Cubas. Sobre João, manifestavam-se as escravas lavadeiras, com as quais o mesmo gostava de estar: "*Cruz, diabo! Este sinhô é o diabo!*" De novo o diabo! Isto certamente não será por acaso.

Como já se disse acima, é apenas um relato sem julgamentos. O sujeito que viveu essa história tinha plena consciência de sua condição social, prezava-a e a ela se adaptara. Mas o narrador, que já está fora deste mundo e faz uso da pena da galhofa, pode rir daquela realidade em que os brancos senhores, se dizendo livres e exemplares, eram dependentes do elemento servil, inclusive para disfarçar suas vilezas morais. Novamente é interessante observar que, embora não haja manifestação a favor do escravo, o relato contraria a habitual enumeração de estereotípias atribuídas ao negro.

Esse tipo de atitude é mantido por toda obra. No capítulo XII, narra-se um jantar, oferecido pela família Cubas, em comemoração à queda de Napoleão. Em meio aos convidados, um deles comenta sobre a chegada de cento e vinte negros novos, trazidos da África. Sem qualquer comentário a favor ou contra aquela realidade, o autor implícito revela, mais uma vez, a ambigüidade dessa sociedade que se pretende moderna, mas que está presa aos vícios do conservadorismo escravocrata e seus bárbaros aspectos, como o tráfico negreiro.

Ainda sobre o tráfico, a ironia se faz brilhante em “O Verdadeiro Cotrim”, capítulo CXXIII. Cotrim é o cunhado de Brás Cubas, o mesmo com quem se desentendera por ocasião da partilha da herança do pai. Segundo o narrador, seu cunhado é uma pessoa de grandes qualidades, é um pai amoroso, um benemérito participante de várias associações religiosas, dono de “*um caráter ferozmente honrado... um modelo.*” Eis, de

novo, a pachorra do narrador. Modelo de que? _ poderíamos nos perguntar. Sobretudo, porque na continuação do capítulo somos brindados com um jogo retórico primoroso em que, ao mesmo tempo, Brás Cubas aponta defeitos do cunhado e refuta-os, justificando-o. Acusam-no de avaro, diz o narrador, mas a avareza é apenas a “exageração de uma virtude”, e em se tratando de virtudes, melhor o saldo que o déficit. Outro defeito apontado é o de bárbaro, mas imaginem, argumenta Brás Cubas, apenas porque manda para o calabouço escravos fujões e perversos, que de lá saem a pingar sangue! Não, não, isto é força do hábito do tempo em que contrabandeava escravos. Consequência das relações sociais, não pode ser atribuída como índole.

O *Vergalho*, capítulo LXVIII, retoma Prudêncio, o moleque de Brás Cubas menino. Enquanto caminhava, meditando sobre a solução encontrada para manter seu relacionamento com Virgília, Brás Cubas depara-se com um ajuntamento, em que um preto vergalha outro. Ao aproximar-se, descobre surpreso que quem chicoteia é o seu antigo moleque. Ele intercede, então, em favor do escravo, no que é prontamente atendido. Numa demonstração do poder e eficiência do condicionamento escravagista, Prudêncio, apesar de livre, o obedece como quando era escravo: “Senhor manda!”

Num primeiro momento, a cena parece denegrir o escravo, pois expõe a sua crueldade e a falta de consideração para um outro da própria raça. Entretanto, não nos esqueçamos do tom satírico do romance e

atentemos para a reflexão que faz Brás Cubas enquanto se afasta da cena: “*Vergalho recebido, vergalho transferido*”; que é um confesso “*mea culpa*” da personagem, ao perceber que o ex-escravo, com seu proceder, buscava compensar-se das pancadas que recebera no passado.

As considerações do narrador, sobre o caso, terminam apenas no capítulo seguinte, ao qual se liga diretamente. Para fazê-lo, o narrador traz à cena a figura de um doido, Romualdo, que se denominava Tarmelão, e que de tanto tomar tártaro, tornara-se Tártaro. Esta anedota sugere que retomemos a frase usada para a defesa de Cotrim: “*não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais.*”³⁰ Mais do que uma justificativa, o astuto narrador estabelece uma relação de igualdade entre o ex-escravo e seu cunhado. Seja ela no sentido da barbárie ou da inocência.

Como já foi dito, o personagem escravo não ocupa grande espaço dentro do romance. O que está presente é a escravidão e suas implicações numa sociedade em que alguns, pretendendo-se melhores e superiores, arrogam-se o direito de submeter à sua vontade aqueles que não tenham o mesmo status, sejam eles apenas brancos pobres ou negros escravizados. O mais importante, entretanto, a observar é a maneira como, de fora, o “arquiteto das situações narrativas”³¹, Machado de Assis, apresenta e discute o problema.

³⁰ *M.P.B.C.*, p. 116.

³¹ SCHWARZ, Roberto. Op. cit. p. 120.

Não apenas estão ausentes os estereótipos como há uma tendência ao paralelismo entre um sujeito e o outro; senhor e escravo são colocados no mesmo eixo comparativo. O discurso é diferente: no lugar do inimigo feroz e vingativo, da vítima algoz ou dos pobres coitados impotentes diante da coerção, existem pessoas simples, sofridas, subjugadas por uma situação de exceção, mas nem por isso, menores ou piores do que quem os subjuga. Há pura e simplesmente uma exposição de acontecimentos que, envolvendo senhores e escravos, deixa à mostra o quanto era insustentável o discurso da superioridade em razão da diferença.

SABINA,³² UMA NINFA NEGRA.

Além de romances, contos e crônicas, Machado escreveu poesias. De sua produção, destacamos uma publicada, em 1875, que tem por musa uma escrava.

Sabina é um longo poema, duzentos e quarenta e nove versos. Inicia-se com cinco quadras em rimas duplas e opostas, mas tem sua continuação em versos brancos. Assim como no poema de Castro Alves, “*A Cachoeira de Paulo Afonso*”, *Sabina* é o relato da sedução de uma jovem mucama. A semelhança pára aí. Não há, por exemplo, a violência erótica. Enquanto Maria é tomada à força, Sabina se entrega. O viés é romântico, mas não, lamurioso. Sabina não é uma pobre vítima indefesa, não é, também, a

³² ASSIS, Machado de. - “Sabina”. In *Poesias Completas: Crisálidas, Faleas, Americanas, Ocidentais*. RJ.: Civilização Brasileira, 1976. O poema está incluído em *Americanas*, p. 418-25.

mulata sedutora. É, tão somente, uma jovem apaixonada, escravizada.

A narrativa segue uma seqüência cronológica que começa com a descrição dos dois jovens. Sabina é uma cativa elegante; não entra na senzala, não lhe dão trabalhos rudes e é amada pela sinhá moça. Embora aparente semelhança com a escrava Isaura, do romance de Bernardo Guimarães, Sabina é bastante distinta daquela, sua cor, por exemplo, não é embranquecida.

O filho do senhor, Otávio, cursa a Academia. É um lindo rapaz, “um vero Adônis”, sedutor, determinado e ambicioso. Certa manhã, saindo para caçar, é “*suspenso*” em sua caminhada, pela visão de uma ninfa que se banha no rio. Jovem, virgem de tez morena, cabelos cor da noite escura, busto moldado em modelo clássico e olhos brandos cor de jabuticabas. Reconhece a mucama e o desejo se acende. A descrição, com o recurso da parataxe, dá vida à paisagem:

“... e o canto,
e a meia luz, e o sussurrar das águas,
E aquela fada, ali, tão doce vida
Davam ao quadro...”

Ao ver a jovem sair da água, não podendo conter sua comoção, Otávio acaba por trair-se e revela sua presença. Assustada, a jovem volta para o rio.

*“...Rompe Otávio, o espaço
 Que os divide; e de pé, na fina areia,
 Que mole o rio lambe, ereto e firme,
 Todo se lhe descobre. Um grito apenas
 Um só grito, mas único, lhe rompe
 Do coração; terror, vergonha... e acaso
 Prazer, prazer misterioso e vivo
 De Cativa que amou silenciosa,
 E que ama e vê o objeto de seus sonhos,
 Ali com ela, a suspirar por ela.”* ³³

Os versos acima descrevem, aparentemente, a surpresa do encontro e a atitude inicial dos dois jovens. Entretanto, a conotação erótica do léxico é tão intensa que permite antever o ato sexual, despertando, a um só tempo, emoção, felicidade e vergonha na escrava. Uma ruptura na seqüência temporal e o narrador, em flashforward, revela o óbvio que, no seu momento, não será descrito.

Nos versos seguintes, a fala de Otávio que, no lugar da força, usa da palavra, para seduzir Sabina. Um discurso repleto de elogios e comparações enaltecedoras; um discurso emotivo, com função apelativa.

³³ ASSIS, Machado de. - “Sabina”, p. 421.

“ *Oh! Não me negues teu suave aroma!*” - repete mais de uma vez o conquistador.

A conquista de Otávio, como já dissemos, não passa pela violência física, prática comum na “ideologia falocrática”³⁴, descrita de forma magistral por Castro Alves, em “*A Cachoeira de Paulo Afonso*”. A abordagem é romântica, as emoções são legítimas. O narrador, indiferente como o rio, “*ao mal ou bem que lhe povoa a margem*” desnuda a alma de ambos. Enquanto Sabina ama e acredita, o jovem sente comoção e :

*“trocara por aquilo, uma hora ao menos,
a faculdade, o pergaminho e o resto.”*³⁵

A inversão se presta a duplicidade de sentidos, enquanto a ironia sugere que no lugar da troca, tem-se um blefe.

Na manhã em que seduz Sabina, Otávio, antes de sair, esgota sua taça de café em quatro sorvos. Para o aroma da escrava, basta-lhe três dias. *Sereno e lépido*, volta para a corte. “*Com ela a alma não fica. De seu jovem senhor.*” Não fica a alma, mas fica-lhe um filho no ventre. A reação dos companheiros de desventura é de total falta de solidariedade: inveja, ciúme, cobiça, maledicência e superstição é o que impera. “*Após os dias da*

³⁴ Sant’Ana, Affonso Romano de. - “*O Canibalismo Erótico na Sociedade Escravocrata.*” In. *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro: FUNARJ, 1984. N. 1/84. p. 14.

³⁵ ASSIS, Machado de. - “Sabina”- Op. Cit. p. 421.

saudade, os dias da esperança“, e quem chega é a decepção. Otávio volta casado com uma jovem de quem se tornara *cativo*, na corte. Em desespero, Sabina pensa em se matar:

*“...Morrerá comigo
 O fruto de meu seio; a luz da terra
 Seus olhos não verão; nem ar da vida
 Há de aspirar...”³⁶*

No último momento ela desiste. O mesmo rio que lhe serviu de leito para o amor, agora, acolhe suas lágrimas e soluços, causados pela dor da desilusão. Não há mais a jovem despreocupada que, em dias de estio, banhava-se no rio. Há uma jovem mãe que, enquanto buscava a morte, deve ter se lembrado que o filho, mesmo rejeitado pelo pai, não será escravo. A Lei do Ventre livre já estava decretada.

O encadeamento dos versos dá um aspecto de oralidade ao poema, porém, as muitas inversões o tornam um pouco cansativo, mas não lhe tira o mérito. Embora aparente descrever a aceitação do cativo, o poema denuncia a trágica ironia do paternalismo e as suas consequências. Uma faceta da escravidão, muito conveniente aos senhores e, em parte, responsável pela crença de que, no Brasil, a vida dos escravos era amena.

A crença na igualdade, pelo tratamento privilegiado, impede de ver:

³⁶ ASSIS, Machado de. - “Sabina”. Op. Cit. , p. 425.

*“o fundo abismo tenebroso e largo que separa”*³⁷ senhores e escravos. A delicadeza na hora da sedução, não garante o afeto, nem evita o abandono da escrava, mas facilita a “caçada” do sinhozinho. Além disso, provoca sentimentos desagregadores dentro do meio escravo, afastando a solidariedade e a confiança. Preserva a imagem ideológica, segundo a qual, escravo é gente dotada de maus sentimentos, quando não de apatia, servilidade e resignação.

Castro Alves, denuncia a violência explícita a que os escravos e, principalmente as mulheres, negra e mulata, estavam expostos. Mas havia outras formas de violência, nem sempre tão explícitas, mas igualmente cruéis e doloridas. A violência que passa pela dissimulação e falsa camaradagem, instituída para amenizar as relações entre senhor e escravo, aumentar a produção, garantir fidelidade e diminuir as fugas e as revoltas, bem como as despesas com segurança ostensiva.

Sabina é vítima do paternalismo, mas ao optar pela vida, cresce, legitima-se. É a sua racionalidade que a faz recuar; a certeza da liberdade do filho é motivo suficiente para superar a dor, reagir e viver. Prevalece o instinto maternal, enuncia-nos o narrador. Será apenas isso?

Enquanto pensamos, passemos ao espelho que é um bom meio de “refletir”. Não um espelho qualquer, mas o do conto de Machado de Assis.

³⁷ ASSIS, Machado de. *“Sabina”*. *Op. Cit.*, p.423

Publicado em *Papéis Avulsos*, 1882, "*O Espelho*"³⁸ é um daqueles contos machadianos que vai além do propósito do entretenimento. Vejamos.

Nesta história, "Esboço de uma theoria da alma humana"³⁹, a personagem Jacobino, um jovem pobre, é promovido a alferes da Guarda Nacional. Como tal é festejado e motivo de orgulho para toda a família. Na fazenda de sua tia, um fazendeira escravista, não é mais chamado pelo nome, só pelo título. Todos os escravos estão obrigados a tratá-lo de "senhor alferes". Um dia, estando a tia ausente da fazenda, os escravos fogem, abandonando o alferes, privando-o da admiração a que estavam obrigados.

*"Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes(...) Nenhum fôlego humano.(...) ninguém, um molequinho que fosse. Gatos e galinhas tão-somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois... nenhum ente humano. Pareceu-lhes que isto era melhor do que ter morrido? Era pior."*⁴⁰

Jacobino, sem os sustentadores de sua "identidade", percebe-se sem imagem no espelho, único espaço onde, ainda, podia se refletir.

É interessante observar que o que restou na fazenda foram apenas os

³⁸ ASSIS, Machado de. "*O Espelho*". In. *Papeis Avulsos*. Rio de Janeiro: Garnier, s/d. p. 221-235

³⁹ Subtítulo do conto "*O Espelho*". *Op. Cit.*, p. 221.

⁴⁰ ASSIS, Machado de. - "*O Espelho*". In *O Conto de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. p.142.

animais, instrumentos de produção; os bens semoventes, categoria em que os escravos eram incluídos. Apenas um detalhe importante: os animais não representam a alteridade, no sentido de refletir a identidade do outro. Na ausência do escravo, caía por terra a ordem escravocrata e com isso o autoconceito de superioridade que a identidade *mesmidade* assegurava ao senhor.

Há nesse conto um absoluto silêncio a respeito tanto da escravidão, quanto aos possíveis acontecimentos relacionados aos escravos fugidos. Entretanto, como reflete Eni Orlandi, o silêncio também fala. "*O silêncio é. Ele significa.*"⁴¹ Ao calar-se, Machado não deixa nada implícito, ele abre espaço para uma significação outra, que aquela óbvia. Coisas entre autor e leitor.

"*Mariana*"⁴² é a história de uma mulata escrava que, a exemplo de *Sabina*, apaixona-se pelo filho do senhor. Coutinho, era esse o nome do jovem, narra, em primeira pessoa, a paixão que inspirou em "*uma gentil mulatinha*". Nascera e fora criada como filha da casa, recebendo da mãe do narrador os mesmos afagos que ela dispensava às próprias filhas. "*Aos dezoito anos - continua o narrador -, Mariana era o tipo mais completo de sua raça. Sentia-lhe o fogo através da tez morena do rosto, talhe esbelto e*

⁴¹ PUCCENELLI, Eni Orlandi. - *As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. 2ª. ed.

⁴² "*Mariana*" Conto publicado na *Revista das Famílias*, em 1871. Ver: ASSIS, Machado de. - *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Ed., 1974., p. 773-83.

elegante, colo voluptuoso, pé pequeno e mãos de senhora..." Para não revelar seu amor impossível, a escrava foge de casa. Sua condição servil é imediatamente lembrada e sua atitude é considerada uma ingratidão com aqueles que sempre a trataram como a uma igual, da família. No final, consciente da impossibilidade de seu amor, suicida-se.

Coutinho conclui a narração, afirmando que nenhuma outra mulher o amou mais que Mariana - *"amor obscuro, silencioso, desesperado, inspirando o riso ou a indignação, mas no fundo, amor mesmo e profundo."* Um sentimento inviabilizado pelo preconceito que sustenta a desigualdade entre negros e brancos, desqualificando os primeiros.

Perdigão Malheiro em seu livro, *A Escravidão no Brasil*, fala-nos do tipo de relação que, eventualmente, havia entre senhores e escravos, tal como a descrita no conto :

*"A bondade e caridade proverbiais das senhoras brasileiras têm chegado ao ponto de interessarem-se pelas crias, quase como se foram seus próprios filhos, tratando-as com verdadeiro carinho materno, levando-as por vezes ao colo, e até aos próprios seios, e praticando outros atos semelhantes."*⁴³

Essa relação, entretanto, como também vimos no conto, tem um

⁴³ MALHEIRO, Perdigão. - *A Escravidão no Brasil: Ensaio Histórico, Jurídico, Social*. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976. 3ª. ed., p. 97.

limite bastante frágil, que denuncia quão de fachada era o liberalismo da sociedade. Não duvidamos de que, até, houvesse o afeto, mas o fato é que o tratamento "simétrico" convinha diretamente aos senhores, na medida em que os caracterizava como modernos e liberais, ao mesmo tempo que lhes assegurava "gratidão produtiva" e fidelidade do sujeito cativo. Não correspondendo a esta expectativa, a simetria e a bondade caíam por terra.

Não há floreios, nem uso de meias palavras. Machado não transforma o negro em herói ou ser extraordinário, nem o pinta com as cores miseráveis da ideologia dominadora. Ele o apresenta como ser humano que é, sujeito em sua condição de oprimido. Sem fazer apologia, mas de forma sutil, o autor, a seu modo, desnuda a realidade senhorial e revela uma sociedade em que a condição econômica define o indivíduo, determina sua exclusão ou aceitação. Uma sociedade que, sob uma fachada moderna e liberal, oculta as bases do sistema colonial, o escravismo e o clientelismo, como explicita Roberto Schwarz em *Ao Vencedor as Batatas*.⁴⁴

O tema de Mariana é muito semelhante ao de *Ourika*, um romance de Madame Duras, publicado na França, em 1824, que relata a vida de uma jovem negra criada na França por uma família aristocrata. Ourika não tinha conhecimento da diferença e dos preconceitos que sofriam os de sua cor, pois era livre e sempre fora considerada e tratada como uma pessoa da família. Adolescente, descobre que está apaixonada pelo irmão adotivo e, ao mesmo tempo, toma conhecimento de sua realidade racial. Nesse

⁴⁴ Schwarz, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo, Duas Cidades, 1981. P.20.

momento, Mariana e Ourika passam a ter uma identificação e a viver o mesmo problema. O preconceito que as faz diferente dos outros, iguala-as na impossibilidade de amar qualquer pessoa e serem felizes. Ambos, conto e romance, denunciam a experiência do racismo por quem o vive, suportando-o na pele. Sobretudo, o contesta e critica. O romance, como o conto, tem um final trágico, amenizado pela forma como é narrado.

Ourika alcançou um grande sucesso desde o seu lançamento, uma edição em que não constava o nome do autor. *Mariana*, o conto, ficou esquecido. Ourika, além de todas as reedições que teve na França, acaba de ser publicado nos Estados Unidos. A obra de Claire de Duras foi considerada um libelo contra o preconceito e o racismo; teve significativa influência, na opinião pública, em prol da libertação dos escravos nas ilhas francesas. Machado de Assis, entretanto, é ainda hoje citado como um absenteísta na causa dos escravos.

*O Caso da Vara*⁴⁵ é um outro conto cujo enfoque, muito a gosto de Machado, é a fraqueza humana. Damião, obrigado pelo pai a seguir carreira clerical, foge do seminário e procura auxílio na casa de Sinhá Rita, uma senhora que vivia principalmente de ensinar a fazer renda, crivo e bordados às crias de outros senhores e às suas próprias. Entre elas, encontra-se Lucrécia - "*uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda*". A menina, ao rir de

⁴⁵ ASSIS, Machado de. - *O Caso da Vara*. In. *Páginas Recolhidas*. RJ.: Garnier, s/d. p. 3-14.

uma anedota contada pelo rapaz, atrai para si a atenção da senhora, que ameaça castigá-la se não terminar sua tarefa até a noitinha. Damião, apiedando-se da negrinha, promete a si mesmo apadrinhá-la caso esta não consiga cumprir a tarefa. Mas, ao chegar a noite, apesar do propósito inicial, o rapaz, cuja situação ainda não se resolvera, abandona a escrava à própria sorte e ainda entrega a vara com a qual a dita senhora irá puni-la.

A propósito deste conto, David Brookshaw argumenta que, embora o cenário seja a escravidão, este não é o seu enfoque. O conto seria mais um comentário sobre a fraqueza de princípios diante do egoísmo, um defeito comum à raça humana. Com isso, pretende demonstrar que Machado, embora não fosse insensível à crueldade da escravidão, era um escritor cuja obra literária era "*totalmente divorciada de suas origens raciais*".⁴⁶

Embora concordemos com algumas de suas observações, discordamos de Brookshaw, quando ele afirma que o relato exemplifica o descaso de Machado para com a gente escrava. Ao contrário, acreditamos estar aí caracterizada a sua forma de atuação. Numa atitude não panfletária, mas mordaz, o escritor arranha o mito da superioridade branca, apontando-lhe as fraquezas, ironizando e ridicularizando as atitudes ambíguas, as idéias deslocadas. E faz isto a partir da imagem do outro que, nessa situação, legitima-se enquanto sujeito, ainda que submetido a uma dominação cruel, injusta e ilegítima.

⁴⁶ Brookshaw, David. *Raça & Cor Na Literatura Brasileira*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983. (Série Novas Perspectivas, 7), p.152-4

A crônica foi outro gênero de produção escrita que Machado de Assis exerceu com a habilidade criativa e crítica que lhe era peculiar. Segundo o escritor, o folhetinista (leia-se cronista) *"é uma fusão do útil e do fútil (...), na sociedade ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política."*⁴⁷

E a política parece ter sido o seu tema favorito nesse gênero. Mas, assim como a política, a escravidão também era um tema em pauta.⁴⁸ Irônico e sarcástico, Machado de Assis enfoca os diversos estágios do período abolicionista, as manipulações dos senhores, a violência inerente ao sistema de dominação. Faz isso, ora de forma direta, ora dissimulada, mas preservando um distanciamento crítico e lançando mão dos recursos de estilo que lhe eram comuns.

Isso é perfeitamente observável, por exemplo, na série *Bons Dias*, levantada por John Gledson que, com a disposição e perícia de um investigador empenhado em esclarecer os fatos, rastreou e levantou as relações entre os acontecimentos sociais e políticos da época e a ficção de Machado.

⁴⁷Crônica publicada na revista *O Espelho*, em 30.10.1859. Ver: ASSIS, Machado de. - *Crônicas (1859 - 1863)*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1955. Vol. 1; p. 33.

⁴⁸ Ver: Magalhães Júnior, Raimundo. *Machado de Assis desconhecido*. RJ.: Civilização Brasileira, 1957 e, *Ao Redor de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

Em “*Bons Dias*” encontramos algumas das mais críticas e interessantes crônicas machadianas sobre a escravidão. É dessa série a crônica que, em estilo bíblico e esbanjando ironia, descreve os últimos acontecimentos que culminaram na Lei Áurea.

“... disse João Alfredo: Sabeis que vim libertar os escravos do mundo, e que esta ação nos há de trazer glória e amargura; estais dispostos a ir comigo?

E respondendo todos que sim, disse um deles por parábola, que no ponto em que estavam as coisas, melhor era cortar a perna que lavar a úlcera, pois a úlcera ia corrompendo o sangue.

*(...) prevejo que há de haver consulta de sacerdotes e levitas, para ver se chegam a compor certo unguento, que os levitas aplicarão na úlcera; mas não temais nada, ele não será aplicado...”*⁴⁹

Diferentemente das demais crônicas da série, esta foi publicada no único número de “*A Imprensa Fluminense*”, um jornal criado para comemorar a abolição da escravatura. A autenticidade da crônica, segundo Antonio Crispim foi feita por Teixeira de Melo, em Manuscrito existente na Biblioteca Nacional.

Se nos anos de 1887 e 1888 a discussão sobre libertação dos escravos é mais intensa, o interesse pela causa, manifestado nos seus textos

⁴⁹ In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 15 de Novembro de 1958, página 11. Caderno 1.

jornalísticos, vinha de muito antes. É, por exemplo, de mil oitocentos e sessenta e quatro a crônica que, em meio a assuntos corriqueiros, comenta o leilão de uma criança escrava e critica a filantropia promocional. O texto começa despretensioso, como convém a uma crônica:

*“Visitei há dias um canteiro de rosas. Foi antes da chuva. As belas filhas da terra acolhiam a um tempo as lágrimas da noite e os beijos de Cíntia. Tudo o que nos circundava, a mim e às rosas, convidava à cisma, à poesia, aos vãos livres da imaginação.”*⁵⁰

Embora enuncie o contrário, o texto continua neste ritmo leve, até mesmo quando critica a atitude dos fiscais e da imprensa, que juntos poderiam prestar grande serviço à população (utilidade pública), ao invés de simplesmente registrar o cumprimento do dever deste e daquele (utilidade privada). E é nesse ponto que entra o leilão:

*“Era um leilão de escravos. Na fileira dos infelizes que estavam ali, de mistura com os móveis, havia uma criancinha abrindo olhos espantados e ignorantes para todos. Todos foram atraídos pela tenra idade e triste singeleza da pequena.”*⁵¹

Em meio aos participantes do leilão, o narrador observa alguém que *“mais curioso que compadecido”* procurava saber o preço a que se venderia

⁵⁰ ASSIS, Machado de. - *Crônicas (1864 - 1867) 2ª. Vol.* Rio de Janeiro: W.M. Jackson., 1955. p. 57.

⁵¹ ASSIS, Machado de.(1955); p.62.

a menina. Esse desconhecido trava conhecimento com o narrador e ,ao ficar sabendo que se trata de um jornalista, empenha-se em vencer a disputa pela compra da pequena escrava. A criança atinge um preço fabuloso. O comprador, então, em alto e bom tom diz ao leiloeiro que é para a liberdade. Para garantir que não ficaria no anonimato, o filantropo finge modéstia e diz ao cronista "*não vá agora dizer lá na folha que eu pratiquei este ato de caridade.*"

Machado tirou inspiração para esta crônica num anúncio impresso no próprio *Diário do Rio de Janeiro*, uma semana antes.⁵² Sem fugir de seu campo de ação e do propósito da crônica (*aonde ninguém desce a buscar idéias graves nem observações de peso*⁵³), o escritor focaliza sua crítica, pelo aviltante do leilão, na atitude do comprador. Atitude que ele se recusa a premiar divulgando como caridade, mas que denuncia ao insinuar as verdadeiras intenções do filantropo, que era autopromover-se.

Na série *Crônicas de Lélío*, publicada no jornal "*Gazeta de Notícias*", em meio a uma profusão de críticas à classe política, está também apontada a questão servil. A crônica de quatro de agosto de oitenta e quatro, por exemplo, discorre com ironia sobre como os políticos manipulam assuntos sérios e de interesse do país em benefício próprio.

⁵² Ver: Granja, Lúcia. *Machado de Assis - Primeiras crônicas: O surgimento do Grande Cronista*. Tese de Mestrado. Campinas/SP.: UNICAMP, 1992. p. 59, 60.

⁵³ Assis, Machado. *Crônicas: 1878 - 1888*. Rio de Janeiro, W.M. Jackson, 1938. (Vol.4). p. 76.

Trata-se de um candidato que prepara sua “profissão de fé” visando agradar conservadores e liberais e, assim, assegurar a eleição. “A questão do momento era *o projeto do governo, a liberdade dos 60 anos, com ou sem indenização*”, mas o candidato não sabia como explicar-se sobre este ponto até ler um documento expedido por um deputado, candidato a senador, no qual esclarecia:

*“Quanto à questão servil, já expendi o meu modo de pensar em dois folhetos que publiquei, um sobre a baixa do açúcar, outro sobre colonização.”*⁵⁴

Lendo tal esclarecimento nosso candidato pensa ter encontrado a solução para seu problema, mesmo não tendo publicado nada sobre qualquer matéria correlata aos projetos em pauta. Explica:

*“a razão é que devemos contar em tudo com a presunção dos homens. Cada leitor quererá fazer crer a seu vizinho que conhece todos os meus folhetos, e daí um piscar de olhos inteligentes e os votos. Eu, pelo menos, é o que vou fazer.”*⁵⁵

Ao menos, em termos do descaso político, os eleitores e o elemento servil estão no mesmo nível de igualdade, preteridos pelos interesses

⁵⁴ Assis, Machado de. - *Crônicas de Lélío*. (Org. R. Magalhães Júnior). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. p. 89 - 91.

⁵⁵ Idem., p. 90.

pessoais. Ironicamente, imaginamos, o cronista sorri.

Na mesma série, no dia 18 de setembro do mesmo ano, o tema ainda é eleição e, novamente, em pauta, a causa dos escravos. Trata-se de um candidato, Dr. Cunha Sales, que promete a aplicação de seu subsídio ao fundo de emancipação. O candidato além de seu voto, dá também seu dinheiro para a liberdade dos escravos. O cronista elogia a idéia, dizendo inclusive que pretende votar no candidato e pede aos leitores que também o façam:

“Peço, pois, ao eleitor fluminense que vote no Sr. Cunha Sales, por exceção; mas que negue a pés juntos a bendita cédula aos outros que quiserem imitá-lo. Câmara não é lugar de recreio; fazer leis não é descansar de outras fadigas..”⁵⁶

Esta crônica está diretamente ligada à anterior, sugerindo a falta de seriedade de políticos que não se constrangem em tomar, como própria, qualquer idéia, desde que isso possa propiciar-lhes votos. Ao que parece, o abolicionismo, enquanto tema retórico e campo de promessas, já representava o que representam, hoje, a pobreza e a falta de segurança: possibilidade de votos.

E assim, segue o cronista, ora apresentando o assunto rapidamente,

⁵⁶ Assis, Machado de. - *Crônicas de Lúlio*. (Org. R. Magalhães Júnior). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958., p. 129-31.

como uma “cutucada” discreta, ora se aprofundando nele, mas insistindo sempre. Tal como apregoa o adágio popular: “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”. Gota a gota, no correr da linguagem, vão as palavras minando a dura pedra da ideologia senhorial.

"(...) comecei a ruminar uma idéia que tenho, para dar emprego aos libertos que não quiserem ficar na agricultura; isto é o meu plano: aumentar o número de criados de servir, de tal maneira que ninguém tenha menos de três, ainda à custa de grandes sacrifícios..."⁵⁷

O motivo desta crônica foi a notícia de que alguns fazendeiros libertaram seus escravos e estabeleceram, aos mesmos, salários para a colheita seguinte. Iludidos e manipulados, os escravos dão vivas ao Partido Liberal e aos fazendeiros.

O cronista sabe que a generosidade dos senhores não vai muito além de seus próprios interesses: em geral, ao libertar o escravo, esperam conservá-lo trabalhando por gratidão. Para corroborar, uma lei determinava que os libertos sem trabalho seriam presos. Ele também sabe que o escravo, por sua vez, não tem nada de seu que o possibilite começar uma nova vida, quando senhor de si. O fato é que essas alforrias, em geral, não significavam consideração ou respeito pelo escravizado e sim manipulação de interesses.

⁵⁷ Assis, Machado de. - *Bons Dias!*. São Paulo: Hucitec; Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1990. p.50.

Consciente disso, ironicamente, o escritor apela para a vaidade pessoal da classe dominante. Seu argumento é um aviso, datado de 1824, que determina sejam concedidos às pessoas de primeira consideração não mais que três criados de porta acima e às de segunda, apenas um. Como todos querem parecer “pessoas de primeira“, ainda que a custa de sacrifícios, procurariam manter sob seus serviços o número máximo de criados. O que viabilizaria aos libertos uma chance de mudança: passar de elemento servil a criado de servir...

“...Restaurado este aviso (aliás não revogado expressamente), não haverá ninguém que não queira ser de primeira consideração, com três criados de porta acima. Por gosto, duvido que uma pessoa se deixe ficar entre as de segundo, menos ainda de terceira,...”⁵⁸

Assim, falando de uma posição distanciada, usando argumentos que sugerem cumplicidade com aqueles a quem se dirige, Machado aponta sua crítica e lança, no alvo, os seus dardos.

A crônica de quinze de junho de mil oitocentos e setenta e sete, cujo trecho vem a seguir, também trata de alforria. Assim como a do leilão, anteriormente mencionada, denuncia a falsa generosidade do senhor que, a pretexto de libertar, abandona, à própria sorte, a escrava que não tem mais condições de trabalho:

⁵⁸ Assis, Machado de. - *Bons Dias!*. p. 51.

*"(...)Tinha ele uma escrava de 65 anos, que já lhe havia dado a ganhar sete ou oito vezes o custo. Fez anos e lembrou-se de libertar a escrava... de graça. De graça! Já isto é gentil. Ora, como só a mão direita soube do caso (a esquerda ignorou-o) travou da pena, molhou-a no tinteiro e escreveu uma notícia singela para os jornais, indicando o fato, o nome da preta, o seu nome, o motivo do benefício, e este único comentário: " Ações destas merecem todo o louvor das almas bem formadas."*⁵⁹

Cousas da mão direita!

As alforrias espontâneas eram comuns, sobretudo nos últimos anos da escravidão, porém nem sempre o verdadeiro beneficiado era o escravo. Mais uma vez, o cronista/narrador, distanciado, apresenta os fatos de um ponto de vista senhorial. A libertação do escravo não é apresentada como questão de justiça ou respeito pelo outro, mas sim como gesto magnânimo: a vaidade, transvestida de generosidade, busca colher seus frutos. A ironia demolidora do escritor expõe a hipocrisia do senhor que, além de beneficiar-se, pretende colher alguns louros com isso, fazendo-se passar por caridoso.

Vejamos, ainda, um exemplo, no qual o autor, sem dispensar o sarcasmo e a ironia, trata clara e objetivamente o assunto ... *"de interesse geral"*:

⁵⁹ Assis, Machado de. - *Crônicas: 1871- 1878*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1938. Vol.3; p. 230.

"De interesse geral é o fundo de emancipação pelo qual se acham libertados em alguns municípios 230 escravos. Só em alguns municípios!

Esperemos que o número será grande quando a libertação estiver feita em todo o Império.

A lei de 18 de Setembro fez agora cinco anos. Deus lhe dê vida e saúde! Esta lei foi um grande passo na nossa vida. Se tivesse vindo uns trinta anos antes, estávamos em outras condições.

Mas há 30 anos, não veio a lei, mas vinham ainda escravos, por contrabando, e vendiam-se às escancaras no Valongo. Além da venda, havia o calabouço. Um homem do meu conhecimento suspira pelo azorrague.

- Hoje os escravos estão altanados, costuma ele dizer. Se a gente dá uma sova num, há logo quem intervenha e até chame a polícia. Bons tempos os que lá vão! Eu ainda me lembro quando a gente via passar um preto escorrendo em sangue, e dizia: "Anda, diabo, não estás assim pelo que eu fiz!" -

-"Hoje..."

E o homem, solta um suspiro, tão de dentro, tão do coração... que faz cortar o dito. Le pauvre homme!⁶⁰

Como podemos observar, Machado, nas crônicas, fala muito mais abertamente sobre a escravidão e seus problemas. Em princípio,

⁶⁰ Assis, Machado de. - *Crônicas: 1871- 1878*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1938. Vol.3; p. 129 -31.

pensávamos, como John Gledson, que "a garantia do anonimato" fosse a razão de tal ocorrência. Entretanto, pesquisando nos jornais, encontramos em "A Semana" uma nota cujo teor era o seguinte:

*" No dia 3 publicou umas deliciosas "balas de estalo" de Lélío. -
Cremos que todos já sabem que Lélío é o Sr. Machado de Assis..."*⁶¹

Diante disso, procuramos descobrir se outros pseudônimos do escritor foram assim revelados. Nos jornais e com o auxílio da obra de José Galante de Sousa, *Bibliografia de Machado de Assis*, verificamos que a hipótese de garantia de anonimato não se sustentava. *A Semana*, por exemplo, não apenas revelou o pseudônimo "Lélío", mas também, "Eleazar" e "João das Regras". Além disso, muitas vezes, o próprio autor se revelava, como no caso de "Manasses" que teve um conto incluído em *Papéis Avulsos* (1882) e sobre o qual Machado esclarece: *"Este conto foi publicado pela primeira vez, na "Épocha", nº.1, de 14 de novembro de 1875. Trazia o pseudônimo de Manasses, com que assinei outros artigos daquela folha efêmera."* Como Manasses, Machado firmou as *"História de Quinze Dias"*, publicadas de julho de 1876 a abril de 1878.

Descartada a hipótese inicial, concluímos que a explicação para a diferença de comportamento do escritor estava nas próprias características da crônica, que viabiliza uma maior abertura. Diferentemente do romance, que pede temas envolventes e um universo amplo, a crônica, texto curto e

⁶¹ *A Semana*. nº 6. Rio de Janeiro, 07.02.1885.

despretensioso, é alimentada pelas notícias pinçadas do próprio jornal. O cronista não inventava os fatos, apenas fazia uso deles, tornando-os mais explícitos e, por vezes, mais evidente o que havia por detrás dos mesmos. A seu modo, Machado de Assis, já dava seus *piparotes* no leitor, buscando “*despertar-lhe a consciência crítica.*”⁶² E o fazia com a habilidade e os recursos de sempre: de forma oblíqua, dissimulada e irônica.

Muitas outras crônicas poderiam ser listadas, porém acreditamos não ser necessário.⁶³ Afinal, não é pela quantidade, mas, como afirma Silviano Santiago, é “*pelo seu processo de composição (independente do gênero e até de atitude artística) que podemos melhor apreender a postura política e o modo de participar de Machado de Assis.*”⁶⁴

E depois da Abolição...

A escravatura foi abolida e, de repente, a cor **negra** que aparecera, até então, virtualmente como sinônimo de escravo ou liberto (preto forro) e que fora critério de diferenciação social, deixa de ser mencionada nos registros de nascimento, nos arrolamentos e até mesmo nas notícias.⁶⁵

⁶² Ver a “Introdução” de John Gledson em *Bons Dias!*

⁶³ R. Magalhães Júnior faz um bom levantamento, nesse sentido, em: “Machado de Assis e a Abolição” in *Machado de Assis Desconhecido*, p. 141 a 177. Ver também *Lúcia Granja, Op. Cit.*; e Sidney Chalhoub, *Visões de Liberdade: Uma história das Últimas Décadas da Escravidão na Corte.*

⁶⁴ Santiago, Silviano. *Retórica da Verossimilhança.* In: *Cadernos PUC*. Nº. 11. Rio de Janeiro: CTCH/PUC, Out.1972. p. 1- 21.

⁶⁵ Ver CASTRO, Hebe M. M. de. *A Cor Inexistente: Relações Raciais.* (Tese).

Os órgãos oficiais, por sua vez, também tomam suas medidas. Vem daí a determinação de queimar os documentos referentes à escravidão.⁶⁶ Argumentava-se que, por honra da Pátria e em nome da fraternidade e solidariedade com aqueles que se tornaram cidadãos, era preciso destruir os vestígios dessa triste história.

Mas a história não pode ser apagada a pretexto de encobrir uma vergonha ou poupar a quem quer que seja. Faz parte dela o que Jeanne Marie Gagnebin chamou de “*exigência ética de respeito em relação ao sofrimento*”⁶⁷, isto é, o reconhecimento da impossibilidade de se explicar ou justificar ocorrências como a Diáspora ou a escravização dos da raça negra e, sobretudo, a necessidade fundamental de não calar a história dos “vencidos”. Nesse sentido, Machado de Assis cumpre seu papel.

⁶⁶ *Determinação do Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda, datada de 1890:*

“Considerando que a Nação brasileira pelo mais sublime lance de sua evocação histórica, eliminou do solo da Pátria a escravidão - instituição funestíssima que por tantos anos paralisou o desenvolvimento da sociedade, infeccionou-lhe a atmosfera moral; considerando que a República está obrigada a destruir esses vestígios por honra da Pátria, e em homenagem aos nossos deveres de fraternidade e solidariedade para com a grande massa de cidadãos que pela abolição do elemento servil entraram na comunhão brasileira; resolve: I - Serão requisitados de todas as tesourarias da Fazenda todos os papéis, livros e documentos existentes nas repartições do Ministérios da Fazenda, relativos ao elemento servil, (...) e procederá à queima e destruição imediata deles, o que se fará na casa de máquina da Alfândega desta capital, pelo modo que mais conveniente parecer à comissão. Capital Federal, 14 de dezembro de 1890. (a) Ruy Barbosa

⁶⁷ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP; Campinas, SP.: Ed. UNICAMP, 1994. p. 77- 78.

Falando através do Conselheiro Ayres, afirma:

*"Ainda que queimemos todas as leis, decretos e avisos, não poderemos acabar com os atos particulares, escrituras e inventários, nem apagar a instituição da história, ou até da poesia. A poesia falará dela, particularmente naqueles versos de Heine em que o nosso nome está perpétuo."*⁶⁸

Na crônica de 13 de maio, quatro anos após a abolição, escreve:

"... A festa de 13 de maio comemorava uma página da história, uma grande, nobre e pacífica revolução, com este pico de ser descoberta uma preta Ana ainda escrava, em uma casa de São Paulo. Após quatro anos de liberdade, é de se lhe tirar o chapéu. Epimênedes também dormiu por longuíssimos anos, e quando acordou já tinha outra moeda; mas dormia sem pancadas. A preta Ana dormiu na escravidão, não sabendo até ontem que estava livre, mas como o sono da escravidão só se prolonga com a dormideira do chicote, a preta Ana, para não acordar e saber casualmente que a liberdade começara, bebia de quando em quando a miraculosa poção. O caso

⁶⁸ ASSIS, Machado de. - *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro- Belo Horizonte: Garnier, 1988. p. 48. Os versos a que o escritor se refere, segundo Alfredo Bosi, são os do poema *Das Sklavenschiff*, que foi traduzido por Augusto Meyer sob o título de "O Navio Negreiro". Ver em "Anexos".

*produziu imenso abalo...*⁶⁹

Abalado parece estar o cronista. A menção a Epimênedes sugere quão inacreditável era o triste fato. Embora a ironia esteja presente tanto na *grande, nobre e pacífica revolução*, quanto na *dormideira do chicote*, há no texto um tom de ira e desapontamento.

Desapontamento que persiste no ano seguinte, por ocasião da mesma data. Até mesmo o sol, “*o sócio natural das alegrias públicas*”, que se fez grande e presente naquele domingo de 1888, parece estar ausente no grande aniversário do Treze de Maio. “*No meio de tudo, diz o cronista, uma tristeza indefinível. A ausência do sol coincidiria com a do povo? O espírito público tornaria á sanidade habitual?*”⁷⁰ Terá o delírio público da data se diluído no tempo? E confessa: “*Temo que o regozijo vá morrendo, e a lembrança do passado com ele,...*”

Não era de todo infundado o temor do cronista.

Em 1906, Machado publica o conto *Pai contra Mãe* na primeira edição de *Relíquias de Casa Velha*. Começa com a descrição de aparelhos usados na correção dos negros fujões ou viciados em beber ou roubar.

⁶⁹ In: ASSIS, Machado de. - *A Semana: Crônicas (1892- 1893)*. (ed. John Gledson), 1996. p. 57. Cf. nota de John Gledson, a *Gazeta de Notícias* do dia 14 daquele mês e ano, noticiava a descoberta da “infeliz preta de nome Ana, que vivia em casa de sua senhora, quase incomunicável.” Segundo ela, desconhecia a liberdade e ainda sofria castigos quando não obedecia as ordens recebidas.

⁷⁰ ASSIS, Machado de. - *A Semana: Crônicas (1892- 1895)*. , p. 84- 86.

*"A escravidão levou consigo ofício e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara da folha-de-flandres.(...) Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel."*⁷¹

Resumindo a história, Candinho é um branco pobre e malsucedido profissionalmente que, conforme o narrador, *"cedeu à pobreza quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos."* Em certa altura da vida, ele apaixona-se, casa-se e torna-se pai. A miséria ronda sua casa. Na impossibilidade de ter como sustentar o filho, decide levá-lo à Roda de Enjeitados. No caminho, porém, a sorte lhe sorri. Depara-se com uma escrava fugida, cuja captura vale cem mil réis. É a salvação e ele não hesita. Deixa o filho em uma farmácia e parte ao encalço da fugida. Ao ser pega, a escrava implora que a liberte. Argumenta que está grávida e teme pelo filho. Cândido recusa-se a ouvir. Ao entregar a escrava ao proprietário, ela sofre um aborto. Cândido assiste impassível; recebe o dinheiro e parte em busca do filho. Já em casa, enquanto acaricia a criança pensa: *"Nem todas as crianças vingam."*

Nesse conto, vemos apontado, além da escravidão e os seus modos de funcionamento, o sofrimento da classe pobre, membros esquecidos do

⁷¹ *Pai Contra Mãe*. In. ASSIS, Machado de. *Relíquias de Casa Velha*. Rio de Janeiro: Garnier, s/d.

corpo da sociedade. Um relato no qual se fundem história e ficção. publicá-lo, após a Abolição, Machado transgride o implícito comportamento de silêncio, no processo de esquecimento, a que foi submetida a história da escravidão.⁷²

Parece-nos que a intenção do autor não foi entender ou explicar o passado, mas sim dizer da irresolução dele e do sofrimento que persistia e não podia ser ignorado. A abolição quebrara os grilhões, pendurara as máscaras, aposentara os chicotes, mas não fora capaz de derrubar as barreiras do preconceito e tornar sujeito o ex-escravo. A Lei, por si só, não viabilizara uma real integração do liberto na sociedade; não lhe resgatara o respeito, a aceitação e o reconhecimento como sujeito, homem em condições de igualdade, apesar da diferença de origem e cor. Igualdade, assim como a de um pai e de uma mãe. E isto precisava *vingar*... no bom sentido da palavra.

A escravidão está em muitas das obras de Machado, não como moldura, ou pano de fundo, no desenrolar da narrativa, mas como elemento com o qual ela interage. A história é fermento no bolo da ficção machadiana. Ficção que ele recheia com sua visão humanista, sua crítica mordaz, sua astúcia e ironia.

⁷² Ver em "Anexos" a crônica de Valentim Magalhães sobre a inexistência de escravidão no Brasil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações Finais

“A História não é um simples quadro de acontecimentos; é mais, é o verbo feito livro.”

Machado de Assis

O Brasil oitocentista era um país assentado em uma economia agrária alicerçada na mão de obra escrava. Nossa sociedade, uma sociedade de “castas”, patriarcal, fundamentada numa hierarquia social e racial. Entretanto, em constante contato com o velho mundo e as idéias que lá fervilhavam, pretendia-se moderna, evoluída e culta. Os filhos dos senhores eram enviados à Europa para estudar e garantir a superioridade e a hegemonia senhorial. O ócio era uma condição do status superior. O trabalho, sobretudo o manual, era tido como vil e indigno - coisa de escravo. E os escravos eram muitos.

Na literatura, com o advento do romantismo, surge no país o “espírito de nacionalidade” que determinava aos nossos intelectuais a função de “estabelecer as bases da identidade nacional.”¹

¹ Ver: Rouanet, Maria Helena. - *Eternamente em Berço Esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991.

Nas palavras de Ferdinand Denis, a determinação:

*“L’Amérique enfin doit être libre dans sa poésie comme dans son gouvernement.”*²

Seguindo à risca a prescrição, nossos poetas e romancistas põem-se a serviço da emancipação literária nacional. O elemento identificador será o índio: etnicamente puro, natural das terras brasileiras, potencialmente livre e valente; recusara-se à escravidão. Tínhamos o nosso bom selvagem, que idealizado e estilizado torna-se prosa e poesia.

O negro, embora sustentáculo da economia e elemento ativo em todas as áreas produtivas da sociedade, não era um elemento de inspiração. Fora importado para trabalhar e além disso o trabalho não era edificante. Não havia espaço para ele entre as musas. Mas eles, os escravos, eram em grande número e estavam em toda parte, por isso era impossível ignorá-los. Assim, estão nas obras literárias, não como personagens, como pessoa, mas como tipo: o moleque, a mucama, o bandido quilombola, o velho e submisso pai João.

Com a evolução do movimento abolicionista, esses tipos foram ganhando espaço, fôlego e alguma forma. Mas esta forma ainda era distorcida: se era uma boa personagem, sua aparência, em geral, era

² Denis, Ferdinand. *Résumé de l’histoire littéraire du Portugal suivi du Résumé de l’histoire littéraire du Brésil*. Paris: Lecointe & Durey, 1826.

embranquecida. Prevalecia o gosto e o padrão estético da classe dominante.

Ao omitir-se na representação de certos seguimentos da sociedade, ou apresentá-los de forma distorcida, em detrimento da classe senhorial, os escritores traíam o propósito nacionalista que pretendia uma representação realista. Esboçando uma falsa imagem da classe pobre e servil, os escritores esboçavam uma imagem fictícia também de si e da sociedade que representavam. Ao invés do caráter documental, tinha-se uma visão idealizada da sociedade e do país.

Como dizíamos, o escravo entra como tipo na literatura, representando um coletivo estereotipado, conforme a visão dominadora. Com o abolicionismo avançando, alguns escritores fazem uso de sua pena para manifestarem-se a favor da causa. *As Vítimas Algozes*, de Joaquim Manoel de Macedo, a peça *Mãe*, de José de Alencar e *Uma História de Quilombolas*, de Bernardo Guimarães, são exemplos dessa manifestação, nem sempre favorável ao negro, mas a favor da abolição. José do Patrocínio também escreve romances, mas na literatura o discurso do abolicionista revela-se um pouco diferente. Vale a pena conferir.

Machado de Assis é contemporâneo do período. Faz sucesso com sua produção literária, mas parece não se preocupar com a causa negra. Uma leitura um pouco mais atenta em algumas de suas obras e percebe-se de que lado o escritor está. Sua preocupação era com o homem, o ser humano e sua

interioridade psicológica e moral. O escravo, antes de sua condição servil, é também um homem; era assim que Machado o via e retratava em sua obra.

Machado tinha ascendência negra. Nasceu em um meio humilde, mas desde criança conviveu com a elite senhorial. Aprendeu muita coisa nos dois meios, o que certamente permitia a ele uma visão privilegiada da sociedade brasileira. Como Helena, uma de suas personagens, ele conhecia os dois lados em que a sociedade se constituía. E se isto foi importante para a sua ascensão social, sobretudo deve ter facilitado o seu processo de criação e o seu jogo de linguagem.

O pessimismo, perceptível em sua obra, não era uma característica pessoal do homem Machado, mas um recurso estilístico precioso para a literatura que fazia. A ironia, a sátira, a crítica mordaz, o humor, um grande arsenal de produção combativa, em que a tática não era o confronto, mas o desmascarar, ridicularizar, expor de forma matreira, brejeira, como o menino Cubas. Sua visão crítica vem da sua possibilidade de ver de baixo para cima, numa perspectiva invertida, como argumenta Otavio Ianni. Ela vem do seu autoconhecimento, de ter vivenciado a realidade dos dois níveis em que a sociedade se dividia e, sobretudo, por não se sentir estrangeiro no meio a que ascendeu. Ainda conforme Otavio Ianni,³ a sociedade, precisa de uma máscara para garantir a ordem social e humana. Machado, diríamos

³ Ianni, Octavio. "A Presença do Negro na Literatura. In. *Ensaio de Sociologia da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991., p. 150.

nós, conhecia a máscara e o que estava por debaixo dela, fazendo um bom uso desse conhecimento.

É difícil, portanto, imaginar ou aceitar alguém afirmando que Machado se omitia a respeito da escravidão ou que evitava falar dela para não chamar a atenção sobre a própria cor e garantir sua ascensão social (como se o silêncio impedisse a visão). No entanto, isso foi escrito e tornou-se uma verdade repetida por muitos de seus biógrafos e estudiosos. Terá sido tal afirmação, também, para aproximá-lo dos grandes nomes da literatura mundial? Ou terá sido pelo seu mulatismo? Ou ainda, pelo seu crescente sucesso, apesar de sua origem socio-econômica e racial? Acreditamos que a questão tenha sido outra.

Seus biógrafos, em geral, foram brancos. Não devia ser fácil colocar-se na pele de um mulato e sentir-se à vontade, ignorando os estigmas incutidos por trezentos anos de escravidão. Estigmas que, conforme Mário de Andrade, nasceram da “*superstição primária e analfabeta de que a cor branca simboliza o Bem e a negra, o Mal.*”⁴ Certamente é difícil calar o próprio preconceito, sobretudo quando se acredita não senti-lo.

Brito Broca, em *Machado de Assis e a Política*, ao tratar desse mesmo assunto argumenta:

⁴ Andrade, Mário. “*A superstição da Cor Preta.*” In, Revista *NANICO*. São Paulo: Ed. Giordano, Outubro/1996. p. 18-20.

*“Proclamando os méritos do escritor não podem deixar de fazer semelhante restrição ao homem. E não se lembram com isso de que na própria grandeza do escritor se poderia encontrar uma atenuação para esse fato. Ao contrário, justamente por tratar-se da maior figura de nossas letras é que o absenteísmo de Machado na questão servil se torna mais indesculpável. O mesmo motivo (o simples desejo de subir na esfera social) que determinara o abstencionismo de Machado de Assis e tantos outros mestiços que, por não haverem atingido a projeção do romancista, escaparam a um juízo tão severo da posteridade.”*⁵

Isso ainda se repete e nisso ainda há quem acredite. Mas, é preciso que atentemos para as palavras de Brito Broca. O que provoca os comentários contra Machado é a sua condição de expoente da literatura brasileira. O fato de ter atingido um nível social que lhe possibilite uma vida decente, com conforto e, sobretudo, que ele tenha sucesso. E neste caso, não se trata apenas do grande escritor; em geral, ocorre com qualquer um que consiga tal êxito. Quando isso acontece, apontam-no como um assimilado.

Assimilação,⁶ neste caso, “significa adaptação à cultura e valores do

⁵ BROCA, Brito. *Machado de Assis e a Política e outros estudos*. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1957. p.54-55.

⁶ Ver: Spitzer, Leo. *Assimilação, Marginalidade e Identidade: os dois mundos de André Rebouças, Cornélius May e Stephan Zweig*. IN. *Estudos Afro-Asiáticos*. N. 3. R.J: CEAA., 1980., p. 35 a 55.

dominante, pela educação e ascensão social.” A isso chama-se “repudiar o passado, rejeitar o seu meio de origem, sua religião, seu modo de vestir, falar e de comportar-se”. O que permite interpretar que, para não ser “assimilado”, é preciso manter-se em posição inferior e não buscar o conhecimento. É preciso manter a diferença que discrimina.

Isso pode ser visto, por exemplo, no texto de Leo Spitzer sobre André Rebouças, Cornelius May e Stephan Zweig. Os dois primeiros eram negros e o terceiro judeu. Em comum eles tiveram: a assimilação, os impedimentos à sua aceitação pela sociedade dominante e o ajustamento. Diz o texto:

“May e Rebouças eram formais e sóbrios na aparência, e suas presenças revelavam, no vestir, distinção, dignidade e ordem. Eles preferiam usar roupas confeccionadas em pesados tecidos, importados, por Serra Leoa e pelo Brasil, dos centros têxteis europeus - roupas bem cortadas, mas evidentemente, pouco confortáveis para o ambiente tropical onde viviam. Ambos usavam bigodes - pequenos, ligeiramente caídos e elegantemente frisados - e cortavam muito curto o cabelo, repartindo do lado de acordo com a moda européia de então, descentrando consciente ou inconscientemente a sua textura e o encaracolado - traços físicos ligados à raça. (...) Seus gostos eram, enfim, aqueles da “alta burguesia” urbana, culta, muito distante das classes populares

de seus países de origem."⁷

E poderia ser diferente, perguntamos? É evidente que o autor não se considera racista, nem o consideramos. Seu ensaio mostra uma trajetória, mas o discurso interioriza um julgamento sobre a atitude do outro, e é isto o que nos parece preconceituoso.

Lúcia M. Pereira age da mesma forma com relação a Machado. Segundo ela,

*"Machado de Assis tinha 51 anos quando publicou **Quincas Borba**. O cabelo, que já ia começando a embranquecer, e entrou então a usar muito curto, a barba e o bigode, este um pouco caído sobre a boca, aquela se prolongando em suíças às orelhas, compunham-lhe a fisionomia, disfarçavam-lhe a mulatice. Basta comparar os seus retratos dessa época com os do tempo do Brás Cubas para ver como mudou, o que muito o deve ter alegrado. Não gostava de ouvir alusões à sua cor.*"⁸

Obviamente que esta atitude é inconsciente. Sabe-se perfeitamente da admiração da escritora por Machado, mas o que ocorre é uma introjeção do preconceito em virtude de uma história sócio-cultural. Como acreditar que um mulato se aceite como descendente de negro sem se incomodar, sem se

⁷ SPITZER, Leo. *Assimilação, Marginalidade e Identidade: os dois mundos de André Rebouças, Cornelius May e Stephan zweig*. P. 35 a 59.

⁸PEREIRA, Lúcia M. *Machado de Assis: Estudo Crítico e Biográfico*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988. p. 207.

envergonhar, ou mesmo sem considerar a conotação que a escravidão e a ideologia escravocrata lhe impingiram: inferior, submisso, dependente?

A trajetória de Machado de Assis e as suas obras mostram que sua origem não foi barreira para sua capacidade e determinação. O sofrimento e as mazelas por que passou eram naturais de qualquer ser humano, dentro de sua realidade. A evolução e o passar dos anos ainda não logrou livrar o homem de tais problemas. Seu sucesso foi graças a mérito e empenho próprios. Se era mulato e, apesar do cientificismo racista e preconceitos que imperava no seu tempo, realizou sua obra, fez sua crítica e foi o escritor que foi, essa é a perspectiva que deveria prevalecer: a valorização e a diferença do escritor fundamentadas no valor de seu produto - a literatura no âmbito universal -, no caso, o valor literário.

E, além disso, conforme já disse Silviano Santiago: “O engajamento de Machado é muito mais profundo e responsável do que o que se pediu arbitrariamente a ele.”⁹ Até mesmo suas personagens negras pode dizê-lo.

Admitamos e ...“chapeau bas”¹⁰.

⁹ Santiago, Silviano. “Retórica da Verossimilhança.” In: *Cadernos PUC*. N. 11. RJ.: PUC/ CTCH, outubro/1972. p. 1- 17.

¹⁰ Expressão francesa que significa : “Tirar o chapéu.”

ANEXOS

ANEXO 1.

Cronologia

Esta cronologia não pretende outra coisa senão dar ao leitor uma orientação de datas em relação aos acontecimentos citados neste trabalho.

1630

Invasão holandesa em Pernambuco. Expulsão em 1654.
Formação do quilombo de Palmares.

1675

Sucessão de Zumba Ganga por Zumbi

1694

Destruição do Quilombo de Palmares.

1695

Morte de Zumbi.

1758

Manoel Ribeiro da Rocha publica *Étiope Resgatado, Empenhado, Sustentado, Corrigido, Instruído e Libertado: discurso Teológico-jurídico sobre a libertação dos escravos no Brasil de 1858*.

1789

Revolução Francesa.
Declaração, na França, dos Direitos do Homem e do Cidadão.
Inconfidência Mineira.

1791

Insurreição de escravos no norte de São Domingos, ao que se segue uma guerra civil generalizada.

1892

A nova Assembléia Legislativa francesa decreta direitos iguais para todos os negros e mulatos livres das colônias; ordena que se ponha fim à revolta dos escravos.

1793

Grã-Bretanha e Espanha invadem São Domingos; Toussaint L'Ouverture e outros líderes dos escravos lutam do lado espanhol.

A França declara guerra contra a Inglaterra e a Holanda.

Início do poder dos Jacobinos. Os girondinos abolicionistas Brissot e Condorcet são presos.

No mês de agosto, em São Domingos, com o objetivo de obter apoio militar dos escravos rebelados, é decretada a abolição dos mesmos.

1794

A convenção Nacional francesa decreta o fim da escravidão em todas as colônias francesas e estabelece igualdade de direitos a todos os homens, sem distinção de cor.

Queda e execução dos Jacobinos, inclusive de Robespierre.

Em maio deste ano, Toussaint abandona as forças espanholas e alia-se às forças da República francesa, após conhecer os termos do decreto de abolição da escravidão. Na luta contra os ingleses e espanhóis, sai vitorioso.

1802

Em maio, Napoleão restaura a escravidão e o tráfico nas colônias francesas.

Toussaint é preso e morre em 17 de abril de 1803.

1822

Declaração da Independência do Brasil.

1823

Projeto de José de Bonifácio visando melhores condições de vida para os escravos.

1831

Acordo, com a Inglaterra, para o fim do comércio negreiro; tratado que não é respeitado.

1833

Alforria geral na Inglaterra

1835

Decretada, no Brasil, a Lei que condena com a morte qualquer ato de rebeldia ou ofensa contra os senhores.

- 1837
Balaiada. Movimento rebelde, no Maranhão, do qual participou essencialmente negros e sertanejos. Totalmente dismantelado em 1841.
- 1839
Nascimento de Machado de Assis.
- 1845
Aprovação do "Bill Aberdeen", no Parlamento Britânico, autorizando a Inglaterra a apreender qualquer embarcação usada no tráfico de escravos africanos.
- 1850
Firmada a Lei Eusébio de Queirós, proibindo o tráfico negreiro, ainda vigente apesar da legislação de 1831.
- 1857
Gustave Flaubert, na França, publica *Madame Bovary*, dando início à uma nova tendência literária, o Realismo. No Brasil, predomina o Romantismo: José de Alencar publica *O Guarani*, *A Viúvinha* e encena a peça *O Demônio Familiar*.
- 1860
É oficializada a imigração no Brasil. Grandes levas de italianos chegam ao país, para trabalhar nas lavouras de café. O processo, entretanto, já havia começado em 1847.
- 1864
Taine publica *História da Literatura Inglesa*. No prefácio, o autor destaca a importância da raça, do meio e do momento, formulando assim as bases do determinismo literário.
Solano Lopez invade o Mato Grosso: declaração de guerra do Paraguai ao Brasil.
- 1865
Fim da Guerra da Secessão nos Estados Unidos. O Congresso norte-americano propõe a abolição dos escravos.
Início oficial da Guerra entre Brasil e Paraguai.
Reconhecimento dos negros norte-americanos como cidadãos livres.
- 1868
Castro Alves encena a peça *Gonzaga* ou a *Revolução de Minas*, alcançando enorme sucesso.

- 1869
Lei proibindo a venda de escravos sob pregões e em exposição.
- 1870
Fim da Guerra com o Paraguai.
Castro Alves publica *Espumas Flutuantes*.
- 1871
Lei do Ventre Livre.
Publicação de *Lendas e Romances*, de Bernardo de Guimarães.
- 1872
Machado de Assis publica seu primeiro romance: *Ressurreição*.
- 1874
Publicação de *A Mão e a Luva*, de Machado de Assis.
- 1876
Publicação de *Helena*, de Machado de Assis.
- 1878
Machado de Assis publica *Iaiá Garcia*.
- 1879
Publicação de *Os Retirantes*, de José do Patrocínio.
- 1881
Machado de Assis publica *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
- 1885
É aprovada a Lei dos Sexagenários, declarando livres os escravos com mais de sessenta anos.
- 1888
Abolição da Escravatura no Brasil.
- 1890
Determinação oficial para queimar todos os papéis, livros e documentos relativos ao elemento servil, existentes nas repartições do Ministério da Fazenda.

ANEXO 2.

Crônica de Valentim Magalhães, publicada no jornal *A Semana*, Rio de Janeiro, em 18.8.1893. Na ocasião o cronista e escritor usava o pseudônimo de José do Egypto. Nela, Valentim ironiza a tentativa de apagar da história do país a existência da escravidão.

“É espantoso, mas muito simples. Há três ou quatro dias o Dr. Martins Torres passou o governo do estado do Rio de Janeiro ao Dr. Porciúncula, seu presidente. Para deixar saudades e memória duradoura de sua governação, indultou, S. Excelência, a vários presos e condenados.

Dando a notícia da nobre ação, publicaram os jornais o rol dos perdoados; e entre estes nomeava um Fulano, ex-escravo do Visconde de ***...

Acabava eu justamente de engolir o café e ia começando de gozar a beatitude da digestão, quando meus olhos leram aquilo.

Pulei da cadeira; reli a cousa.

Ex- escravo - lá estava! Pedi à cara-metade que lesse também, e ela também leu: **ex-escravo.**

Não era, portanto, uma criação do meu cérebro, uma alucinação dos meus olhos. Cai numa profunda meditação.

Ex-escravos, quer dizer: que foi escravo.

Mas houve, por ventura, escravos no Brasil?

Quem sabe? Lembremo-nos bem. E aguicei a memória, acordei as reminiscências... e não houve absolutamente nada que me recordasse ter havido escravos neste belo torrão de livres.

Sai meditativo, ruminando o caso.

Na rua topei o Barbosa¹, homem antigo e sabedor das cousas brasileiras, como talvez só o Capistrano. Bom dia para cá, bom dia para lá!

¹ Supomos que se trata de Rui Barbosa. Em 1890, ele assinou a ordem para queimar a documentação, relativa aos escravos, existente nas repartições do Ministério da Fazenda.

- Oh! Barbosa, diz cá, tu te lembras de ter havido escravos no Brasil?

O Bom velhote arregalou os olhos, fincou-os em mim, perscrutou-me o cerebelo através do chapéu e do crânio; depois sorriu-se e respondeu:

- Escravos no Brasil! Hom'essa! Tu sonhaste, José!

- Não sonhei, Barbosa. Olha, lê. E dei-lhe o jornal, apontando-lhe o tópico que eu entalara entre dois grossos pontos de espantação (sic), feitos a lápis vermelho.

- É verdade, lá está... “ do Visconde de ***...” uma idéia: vai perguntá-lo ao Visconde. Talvez ele se lembre de ter tido escravo.

- Bem lembrado! Até logo.

Procurei o Visconde. Achei-o, não sem alguma dificuldade - a que sempre tem os plebeus de aproximar-se dos nobres. Pois também o nosso fidalgo não se lembrava! Era de azabumbar um homem.

Acudiu-me ir ao Tesouro. Se houve escravo, houve de certo averbações, arrolamentos, taxas, impostos...

Fui ao P[...], ao Cruz, ao Sebrão, ao Oliveira, ao Nicole. Eles disseminaram-se, como ratos, pelos arquivos, a furar, roer, a buscar...

Ao fim de uma hora voltaram cobertos de pó - o bem conhecido pó dos séculos. Não tinham podido encontrar um só papel, um destroço de registro em que se falasse em escravos...

Sai para a rua, convencido de que fora engano da tipografia; fui ao jornal que dera a notícia. Mostraram-me o original vindo de Niterói, de procedência oficial: lá estava o ex-escravo. O redator confessou-me a sua estranheza, que não era menor que a minha.

Desisti de mais compridar (sic.) indagações. Voltei à repartição, à qual faltava lá dois dias e agora narro o caso memorando, para que me ajudem os leitores com a sua memória e os seus conhecimentos, a elucidá-lo.”

Anexo 3.

Machado de Assis, em *Memorial de Ayres*, menciona que, apesar dos esforços oficiais, a escravidão não seria apagada da história, inclusive porque estava registrada na poesia por um poema de Hainrich Haine. O referido poema foi traduzido por Augusto Meyer e publicado no *Correio da Manhã*, em 19.08.67, no artigo denominado “Os três navios negreiros.” No original, a denominação é “*Das Sklavenschiff*”. Eis o poema:

“ O sobrecarga Mynherr van Kock
Calcula no seu camarote
As rendas prováveis da carga,
Lucro e perda em cada lote.

Borracha, pimenta, marfim
E ouro em pó... Resumindo, eu digo:
Mercadoria não me falta,
Mas o negro é o melhor artigo.

Seiscentas peças barganhei
- Que pechincha! - no Senegal,
A carne é rija, os músculos de aço,
Boa liga do melhor metal.

Em troca dei só aguardente,
Contas, latão - um peso morto!
Eu ganho oitocentos por cento
Se a meta chegar ao porto.

Se chegarem trezentos negros
Ao porto Rio de Janeiro (sic)¹
Pagará cem ducados por peça
A casa Gonzales Perreiro.² (sic)

¹ Observação do tradutor. Cf. Alfredo Bosi, “o original de Heine pertence ao ciclo “*Gedichte*”, 1853-54.” In: Bosi, Alfredo. *Dialética da Colonização*, p. 249-50 (o poema), p. 397 (nota).

² Sobre o nome da casa comercial, Machado comenta que é “Gonçalves Pereira” e conclui: “não importa que o poeta corrompa o nome do comprador (...); foi a rima ou a sua má pronúncia que o levou a isso.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de MACHADO DE ASSIS:

Ressurreição. São Paulo: Saraiva, 1971

A Mão e a Luva. São Paulo: Ática, 1995

Helena. São Paulo: Três Livros e Fascículos, 1984.

Iaiá Garcia. São Paulo: Ática, 1995.

Memórias Póstumas de Brás Cubas. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960.

Quincas Borba. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

Dom Casmurro. São Paulo: Ática, 1994.

Esaú e Jacó. Ed. Adriano da Gama Kury. Rio de Janeiro: Garnier, 1988.

Memorial de Aires. Rio de Janeiro: Garnier, 1988.

Papeis Avulsos. Rio de Janeiro: Garnier, s/d.

Páginas Recolhidas. Rio de Janeiro: Garnier, s/d.

Relíquias de Casa Velha. Rio de Janeiro: Garnier, s/d.

Crônicas de Lúlio. Ed. R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

Crônicas (1858 - 1888). Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1955. Vol. 1, 2 e 3.

Crônicas (1858 - 1888). Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1938. 4 vol.

Bons Dias! Ed. John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1989.

A Semana: Crônicas (1892-1893). Ed., John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

Crítica Teatral. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938.

Obra Completa. V. II : *Conto e Teatro*. Ed. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974. 3 vol.

Poesias Completas: Crisólidas, Faleas, Americanas, Ocidentais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

BIBLIOGRAFIA GERAL

AGUIAR, Flávio. *A Comédia Nacional no Teatro de J. de Alencar*. São Paulo: Ática, 1984.

ALENCAR, José de. *O Tronco do Ipê*. São Paulo: Ática, 1994. (12ª edição.)

-----, *As Minas de Prata*. In: *Obras Completas*. Vol. II. Rio de Janeiro: José Aguillar, 1958. ALVES, Castro. *Os Escravos*. São Paulo: Martins; Brasília: INL., 1972.

ALVES, Rubens. "Sobre a Inveja." In: *Correio Popular*. Campinas, 26-05-96. Caderno C, p.10.

ANCHIETA, Pe. José de. *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.

ANDRADE, Mário. *Aspectos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1974.

----- "A Superstição da Cor Preta". In: *Revista NANICO*. São Paulo: Ed. Giordano, Outubro, 1996.

AZEVEDO, Aluizio. *O Mulato*. São Paulo: Ática, 1992.

AZEVEDO, Célia M. Marinho. "Irmão ou Inimigo: O Escravo no Imaginário Abolicionista dos Estados Unidos e do Brasil." *Revista USP*. (Dossiê Povo Negro - 300 anos) Nº. 28 (Dez./Fev. 1995/96.). São Paulo, SP: USP, CCS, 1996.

----- *Onda Branca Medo Negro: O Negro no Imaginário das Elites século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BARBOSA, Rui. *Emancipação dos Escravos*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1884.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. De Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo: Difel, 1975.

- BASTIDE, Roger. *Estudos Afro-Brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- BELO, José Maria . *Retrato de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: A Noite, 1952.
- BERND, Zila. *Negritude e Literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Racismo e Anti-semitismo, Hoje*. In. Revista *Extensão*. v.5, n.1. Belo Horizonte, mar.1995.
- BOOTH, Wayne C. *A Retórica da Ficção*. Trad. Maria Tereza H. Guerreiro. Rio de Janeiro: Arcádia, 1980 (1ª. ed.).
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- [et al.]. *Antologia e Estudos: Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
- , *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- BROCA, Brito. *Machado de Assis e a Política e Outros Estudos*. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1957.
- BROOKSHAW, David. *Raça e Cor na Literatura Brasileira*. Trad. de Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- , *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- , *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. V.2.
- [Et al.]. *Crônica*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- & CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. São Paulo: Divisão Européia do Livro, 1964. Vol.1 e 2.
- CASASANTA, Mário. "Os Escravos na Obra de Machado de Assis". In. *Jornal Estado de Minas*. , p. 3. Belo Horizonte, 15.06.1939.
- CASTRO, Hebe M. da C. Mattos G. de. *A Cor Inexistente: Os Significados da Liberdade no Sudeste Escravista(Século XIX)*. Niterói: Universidade Fluminense, 1993. (Tese)

CESAR, Guilhermino. *Historiadores e Críticos do Romantismo*. Ed. Guilhermino César. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: Uma história das Últimas Décadas da Escravidão na Corte*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

-----, *A História nas Histórias de Machado de Assis: uma interpretação de Helena*. In: *Primeira Versão*. N.º. 31. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991.

COHEN, Willian B. *Francais et Africains: les Noirs dans le regard des Blancs 1530-1880*. Traduzido do Inglês por Camille Garnier. Paris: Gallimard, 1981.

COUTINHO, Afrânio (Dir.). *Obra Crítica de Araripe Júnior*. Rio de Janeiro: MEC/ Casa Ruí Barbosa, 1958.

-----, "Machado de Assis e o Problema do Mestiço." In: *Revista do Brasil*. N.º. 20. III fase. Rio de Janeiro, Fev. 1940.

-----, *A Filosofia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1940.

-----, *Machado de Assis na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: São José, 1966.

CUNHA, Ciro Viera da. *No Tempo de Patrocínio*. São Paulo: Saraiva, 1960.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Negros Estrangeiros: Os Escravos Libertos e sua Volta à África*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DANTAS, Luiz C. S. "Francis de Castelnau e o Relato de um Grupo de Escravos de Salvador da Bahia em 1851. Ou do Caráter Simiesco dos Indesejáveis." *Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária*. N.º. 12. Campinas: UNICAMP, 1992.

DENIS, Ferdinand. *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal suivi du Résumé de l'histoire Littéraire du Brésil*. Paris: Lecointe et Durey Libraires, 1826.

Duras, Claire Mme. *Ourika suivi de Édouard*. Paris: Librairie Stock, 1950.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: Uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, s/d.

ECO, Umberto. *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

ELLISON, Ralph. *Homem Invisível*. Trad. Márcia Serra. São Paulo: Marco Zero, 1990.

ESPINOSA, Baruch. "Ética" In. *Os Pensadores*. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1997.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1976.

FONSECA, Gondin da. *Machado de Assis e o Hipopótamo: uma revolução biográfica*. São Paulo: Ed. Fulgor, 1961. 3ª.ed.

FREITAS, Décio. *Escravidão Brasileiro*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

-----, *A Guerra dos Escravos*. Porto Alegre: Graal, 1982.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em W. Benjamin*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP; Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1994.

GAMA, Luiz. "Autobiografia de Luiz Gama." Introdução de Roberto Schwarz. In. *Novos Estudos: CEBRAP*. No. 25, Out., 1989. *

GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil: História da Província de Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

----- *Tratado da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: LN.L., 1965. (Reprodução fac-similar)

GENOVESE, Eugene D. *A Terra Prometida: O Mundo que os Escravos Criaram*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GLEDSON, John - *Machado de Assis: Ficção e História*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

-----, *Machado de Assis: Impostura e Realismo - Uma reinterpretação de D. Casmurro*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

GOMES, Heloisa Toller. *Marcas da Escravidão: O Negro e o Discurso Oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/ ADUERJ, 1994.

GOMES, Heloisa Toller. *O Negro e o Romantismo Brasileiro*. São Paulo: Atual, 1988.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis - Primeiras crônicas: O surgimento do Grande Cronista*. Campinas/SP.: UNICAMP, 1992. (Tese de Mestrado)

GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. São Paulo: Ática, 1983.

-----, *Uma História de Quilombolas*. In. *Lendas e Romances* São Paulo: Martins, 1871.

HASSEN, João Adolfo. *A Sátira e o Engenho: Gregório de Matos e a Bahia do Século XVII*. São Paulo: Cia. das Letras/Secr. de Estado da Cultura, 1989.

HOFFMANN, Léon-François. *Le Nègre Romantique: personnage littéraire et obsession collective*. Paris: Payot, 1973.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1976.

HUGO, Victor. *Bug-Jargal*. In. *Oeuvres Complètes: Roman I*. Paris: Laffont, 1832.

IANNI, Octávio. *Ensaio de Sociologia da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

JAUSS, Hans Robert., ... et al. *A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção*. Ed. e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LAIJOLO, Marisa. *Machado de Assis: Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

LAROUSSE, Pierre. *Grand Dictionnaire Universel du XIX^e Siècle*. Paris: Adm. Du Grand Dictionnaire Universel, 1874. T. 11 (M,N,O).

LEITE, S. *Novas Cartas Jesuíticas*. São Paulo: Ed. Nacional, 1940.

LIMA, Luiz Costa. "Machado e a Inversão do Veto". In. *O Controle do Imaginário: Razão e Imaginação no Ocidente*. São Paulo, Brasiliense, 1984

LINHARES, Temístocles. *História Crítica do Romance Brasileiro: 1728-1991*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1987.

MACEDO, J. Manuel de. *As Vítimas Algozes: Quadros da Escravidão*. Rio de Janeiro: Garnier, 1869.

----- *A Moreninha*. São Paulo: Ática, 1971. (1ª. ed. 1844).

MACHADO, Maria Helena P. T. *Crime e Escravidão*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Machado de Assis Desconhecido* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

----- *Ao Redor de Machado de Assis: pesquisas e interpretações*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1958.

----- *Martins Pena e sua Época*. São Paulo: Lisa/MEC, 1971.

----- *Vida e Obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL., 1981. V. 3.

MALHEIRO, Perdigão. *A Escravidão no Brasil: Ensaio Histórico, Jurídico, Social*. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

MAROTTI, Giorgio. *Il Negro Nel Romanzo Brasiliano*. Roma: Bulzoni ed., 1982.

MARTINS, Wilson - *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1979. Vols. I, II, III e IV.

MASSA, Jean-Michel. *A Juventude de Machado de Assis: 1839 - 1870 (Ensaio de Uma Biografia)*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1971.

----- "La Bibliothèque de Machado de Assis." In. *Revista do Livro*. Nº. 21-22. Rio de Janeiro: INL/MEC, Março/junho, 1961. Ano VI.

MAYA, Alcides. *Machado de Assis: Algumas Notas sobre o Humor*. Rio de Janeiro: Jacintho Silva, 1912.

MELQUIOR, José Guilherme. "Gênero e Estilo nas Memórias Póstumas de Brás Cubas". In. *Colóquio/Letras*, 8: 12-20, jul. 1972.

MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado Precedido Pelo Retrato do Colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MENDES, Mirian Garcia. *A Personagem Negra no Teatro Brasileiro (entre 1838 e 1888)*. São Paulo: Ática, 1982.

MERCIER, Roger. *L'Afrique Noire dans la Littérature Française: Les Premières Images XVII et XVIII Siècles*. Dakar: Publ. de La Section de Langues et Littératures, 1962.

MEYER, Augusto. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Simões, 1952.

MONTEIRO, John. *Negros da Terra: Índios e Bandeirantes nas Origens de São Paulo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

MONTELLO, Josué. *O Presidente Machado de Assis nos Papéis e Relíquias da Academia Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MORAES, Evaristo. *A campanha Abolicionista: 1879-1888*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1986.

MURICY, Kátia. *A Razão Cética: Machado de Assis e as Questões de seu Tempo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

MUSSA, Beto. *Estereótipos de Negro na Literatura Brasileira: sistema e motivação histórica*. In: Estudos Afro-Asiáticos, n.º. 16, 1989., p.71 a 90.

NABUCO, Joaquim - *O Abolicionismo*. São Paulo: IPE, 1949. (1ª. ed. 1883).

NETTO, Coelho. *Rei Negro: Romance Bárbaro*. Porto: Livraria Chardron, 1914. 1ª. ed.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano: Um livro para espíritos livres*. In: *Os Pensadores*. Vol. 14. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

O'NEILL, Alexandre. *Poesias Completas: 1951-1981*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1982.

PATROCÍNIO, José do. *Mota Coqueiro ou a Pena de Morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves/ Instituto do Livro, 1977.

-----, *Os Retirantes*. São Paulo: Ed. Três, 1973. (2 vol.)

PENA, Martins. *Os Dous ou O Inglês Maquinista*. In: *O Teatro de Martins Pena: Comédias*. Rio de Janeiro: MEC/I.N.L., 1956.

PEREIRA, Astrogildo. *Machado de Assis: Ensaaios e Apontamentos Avulsos*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da Literatura Brasileira: Prosa de Ficção (1870-1920)*. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1988.

-----, *Machado de Assis: Estudo Crítico e Biográfico*. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1988

-----, *A Leitora e seus Personagens*. Rio de Janeiro: Graphia Editoriais, 1982.

PEREGRINO JÚNIOR. *Machado de Assis*. Salvador: Publ. da Universidade da Bahia, 1959.

PRADO, Décio de Almeida. "Os Demônios Familiares de Alencar." In. *Separata da Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Universidade de São Paulo, N° 15, 1974.

PONTES, Eloy. *A Vida Contraditória de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

POULLION, Jean. *O Tempo no Romance*. Trad. Heloysa L. Dantas. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1974.

PUCENELLI, Eni Orlandi. *As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.

-----, *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

-----, *Machado de Assis: Conferências*. São Paulo: Sociedade de Cultura Artística, 1917.

QUEIROZ, Suely Robles R. de. *Escravidão Negra no Brasil*. São Paulo: Ática, 1982.

RABASSA, Gregory. *O Negro na Ficção Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

REGO, Enylton José de Sá. *O Calundu e a Panacéia: Machado de Assis, A Sátira Menipéia e a Tradição Luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

REIS, Roberto. "O Relojoeiro e a Diferença: Ao Redor de Machado". In. *O Espelho: Revista Machadiana*. N° 1. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

RIBEIRO, Júlio. *A Carne*. São Paulo: Três Livros e Fascículos, 1984.

RICHARDS, Ivor Armstrong. *Princípios de Crítica Literária*. Porto Alegre: Globo, 1967.

RICOEUR, Paul. "L'Identité Narrative". In: *Revue des Sciences Humaines*. N°. 221. Paris, Janvier - Mars, 1991.

ROCHA, Manoel Ribeiro da. *Etiópe Resgatado, Empenhado, Sustentado, Corrigido, Instruído e Libertado: Discurso Teológico-jurídico sobre a libertação dos escravos no Brasil de 1758*. Petrópolis: Vozes, 1992. (1ª. edição: 1758).

ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis: Estudo Comparativo de Literatura Brasileira*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

-----, *Teoria, Crítica e História Literária*. Ed. Antônio Cândido. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em Berço Esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991.

SAGAN, Carl.; DRUYAN, Ann. *O Caminho para a Liberdade*. In: *O Mundo Assombrado pelos Demônios: A ciência vista como uma vela no escuro*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

SANT'ANA, Afonso Romano de. "O Canibalismo Erótico na Sociedade Escravocrata." In: *Revista do Brasil*. No. 1/84. Rio de Janeiro: FUNARJ., 1984.

SANTIAGO, Silviano. "Desvios da Ficção" In: PATROCÍNIO, José do. *Mota Coqueiro*. Rio de Janeiro: F. Alves/INL, 1977.

----- "Retórica da Verossimilhança." In: *Cadernos PUC*. N°. 11. Rio de Janeiro: PUC/ CTCH, outubro/1972.

SARAIVA, Juracy Assmann. *O Circuito das Memórias Em Machado de Assis*. São Paulo: EDUSP; São Leopoldo, RS.: Ed. Unisinos, 1993.

SAYERS, Raymond S. *O Negro na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: O cruzeiro, 1958.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987. (1ª reimpressão: 1989)

-----, *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo: Duas cidades, 1981. 2ª. ed.

-----, *Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

-----, "O Sentido Histórico da Crueldade em Machado de Assis." In. *Novos Estudos*. Nº 17. São Paulo: CEBRAP, maio/1987.

SILVA, Luiz (Cuti). *Luiz Gama: Uma Trajetória Além do Seu Tempo*. In. *Estudos Afro-asiáticos*, nº 16, 1989., p. 59-69.

SOUZA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: L.N.L., 1955.

SPITZER, Leo. *Assimilação, Marginalidade e Identidade: os dois mundos de André Rebouças, Cornélius May e Stephan Zweig*. IN. *Estudos Afro-asiáticos*. No. 3. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-asiáticos - CEAA., 1980

TATI, Miécio. *O Mundo de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Secretaria de Est. Educação e Cultura, 1961.

TEIXEIRA, Ivan. *Apresentação de Machado de Assis*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

TODOROV, Tzvetan. *Os Gêneros do Discurso*. Trad. Elisa A. Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

-----, *Nós e os Outros: Reflexão Francesa sobre a diversidade humana*. Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

TORRES-HOMEM, Francisco de Salles. "Colonização". In. *Minerva Brasiliense*. Nº.15. T. 2. Paris, 1843.

-----, *Considerações Econômicas sobre A Escravatura*. In. *Niteroy - Revista Brasiliense: Ciências, Letras e Artes*. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1978. (1ª. ed.: Paris, 1836).

VAINFAS, Ronaldo. *Ideologia e Escravidão: Os Letrados e a Sociedade Escravista no Brasil Colonial*. Petrópolis: Vozes, 1986.

VELLINHO, Moysés. *Machado de Assis: Aspectos de sua Vida e de Sua Obra*. Porto Alegre: Globo, 1939.

VIEIRA, Pe. Antonio. *Sermões: Problemas sociais e Políticos do Brasil*. Ed. Antonio Soares Amora. São Paulo: Cultrix, 1995.

WERNECK, Maria Helena. *O Homem Encadernado: Machado de Assis na Escrita das Biografias*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

"Edição Comemorativa do Cinquentenário da Morte de Machado de Assis." *Revista do Livro*. Nº. 11. Rio de Janeiro: INL/MEC. Set.1958

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Nº. 3; Tomo 1. 3º. trimestre de 1839. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

Summary

The way slaves were treated in Brazilian literature of last century is similar to that of European and North-American literature. As they were mostly employed in manual work and their economic value was not acknowledged in the society, in fictions they were most of the time ascribed secondary or figurative roles. According to stereotypical features, they were generally pictured not individually, but as a collectivity. In that way, a black character frequently incarnated an ethnic group. There were, obviously, a certain number of exceptions. The presence of slaves in Machado de Assis' work is a controversial point. After his death, Machado's negritude was exploited in an attempt to undermine his fame. The writer is pointed out as someone who, in order to be promoted socially, denied his own race and neglected the slaves' fight for freedom in his books. Striving to better understand these circumstances and catch a glimpse of the black character in the author's creation, we undertake a wide-ranging survey. Its starting point will be a short history of slavery, followed by the presentation of a few features of racism and prejudice, that will constitute the basis of the present analysis. The chapter *Olhares e Ponto de Vista* presents an analysis of three novels that shall lead us, subsequently, into Machado's creation. *Historia de Quilombola*, by Bernardo Guimarães; *As vitimas Algozes*, de J. Manuel de Macedo e, *Mota Coqueiro*, de Jose do Patrocinio, draw indeed an overview of the real context of Brazilian slavery and of the burning debate that preceded its abolition. Chapter four will bring us back to Machado de Assis through reflections about his life. The final part will analyse a certain number of the author's works, for instance *Iaia Garcia*, *Helena* e *Memorias Postumas de Bras Cubas*, as well as short stories and chronicles, that involve black characters and circumstances relating to slavery. The conclusion questions the systematic assertion of absenteeism and, most of all, confirms that in his creation black characters as moulded by the ideology of slavery do not exist. When occurring, his character is not a poor fellow that is victim of the system or a criminal for the same reason. The black person in Machado de Assis' work, is given the status of a main-role actor. The author's preoccupation is with man and his psychological and moral inner identity. Notwithstanding his servile condition, a slave is a human being, and so was he seen and pictured by the author. His speech was neither fiery nor enticing. His way was not that of confronting, but of unmasking. Machado built up his own story by writing stories. He made his life experience and his knowledge an instrument and material for his creation.